REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

1.º DE JULHO, 1889

Summario

Pag. 1 — A litteratura portugueza contemporanea. MONIZ BARRETO.
81 — Os filhos de D. João I. . . . . OLIVEIRA MARTINS.
94 — Ideal moderno (resposta aos pessimistas). GUERRA JUNQUEIRO.
97 — O carvão. . . . . FIALHO D'ALMEIDA.
106 — Toiradas em Portugal. . . . . CONDE DE SABUGOSA.
122 — Chronica politica (internacional). . . . . P. DE OLIVEIRA.
126 — Boletim bibliographico.

LUGAN & GENELIOUX
EDITORES

PORTO

Volume I. Numero 1.

Collaboradores effectivos da REVISTA DE PORTUGAL

Anthero de Quental; Anselmo d'Andrade; Antonio Candido; Antonio Ennes; Antonio de Serpa; Alberto Sampaio.

Bernardo Pindella; *Bruno* (J. Pereira de Sampaio); *Bento Moreno* (Teixeira de Queiroz).

Conde de Casal Ribeiro; Conde de Ficalho; Conde de Sabugosa; Coronel Mesquita Carvalho; Carlos Lobo d'Avila; Carlos Mayer.

Fialho d'Almeida; Fernando Leal; Fernando Maia.

Guerra Junqueiro.

Henrique de Macedo.

Jayme Batalha Reis; Jayme Moniz; Jayme de Seguier; Jayme de Magalhães Lima; José de Sousa Monteiro; João de Deus; Julio de Vilhena.

Luciano Cordeiro; Luiz de Magalhães.

D. Maria Amalia Vaz de Carvalho; Miguel d'Antas; Moniz Barreto; Marianno Pina.

Oliveira Martins.

Pinheiro Chagas.

Ramalho Ortigão; Rodrigues de Freitas.

Theophilo Braga.

A Revista publicará no proximo numero os nomes dos seus collaboradores do Brazil.

REVISTA

DE

PORTUGAL

—

VOLUME I

Porto — Typographia de A. J. da Silva Teixeira
Cancella Velha, 70

REVISTA

DE

PORTUGAL

EÇA DE QUEIROZ

DIRECTOR

VOLUME I

PORTO

EDITORES, LUGAN & GENELIOUX

Successores de Ernesto Chardron

1889

Todos os direitos reservados

A LITTERATURA PORTUGUEZA

CONTEMPORANEA

Summario

I — O que seja Litteratura — O que seja Critica — As duas funcções da Critica — Principios do juizo critico.

II — Os genios nacionaes e as litteraturas — A França — A Inglaterra — A Allemanha — A Italia — A Hespanha — O genio iberico e a differencial portugueza.

III — As origens do movimento contemporaneo na litteratura portugueza — A tradição nacional — A influencia estrangeira.

IV — O Romantismo — Garrett — Sua vida — Seu temperamento artistico — Seus poemas narrativos — Seu lyrismo — Seu theatro — As *Folhas cahidas* — O *Fr. Luiz de Sousa.* — Herculano — Sua vida — Seu caracter — Seu lyrismo — Seus romances — Sua tentativa dramatica — Suas polemicas — Seus estudos sociaes — Sua *Historia.* — Castilho — Sua vida — Construcção do seu espirito — Frieza do seu lyrismo — Caracter da sua ironia — Seus trabalhos historicos — Suas traducções — Sua aptidão philologica — Sua capacidade pedagogica — Falta de genio poetico e de razão critica — Inanidade da sua obra.

V — Camillo Castello Branco — Sua vida — Seus romances — Sua falta d'imaginação psychologica — Sua falta d'espirito philosophico — Sua energia lyrica e sarcastica. — Thomaz Ribeiro — Seu temperamento beirão — Seu patriotismo militante — O *D. Jayme* — Poesia viril e sã da sua estreia — Seu successo — Influencia funesta do meio — A *Delphina* — As collecções lyricas.

VI — João de Deus — Seu temperamento algarvio — Seu sentimento poetico — Seus instinctos religiosos — Sua nobreza inculta — Caracter da sua organisação e do seu ideal.

VII — A ultima geração — Preponderancia da reflexão — Influencia do estrangeiro.

VIII — O lyrismo — Anthero de Quental — Sua grandeza d'alma — Seus instinctos religiosos — Suas tendencias philosophicas — Seu pantheismo — Seu radicalismo — As *Odes modernas* — Seus opusculos — Seu tom pontifical — Seu estylo — Seu nihilismo — Os *Sonetos*.

IX — A epopeia — Guerra Junqueiro — Especie da sua imaginação — Sua falta de verdadeira emoção — Seus expedientes oratorios — Continuidade e vigor da sua eloquencia — *A Morte de D. João* — Intensidade e abundancia do seu sarcasmo — *A Velhice do Padre Eterno.* — Gomes Leal — Energia da sua vocação poetica — Sua falta de gosto — Seu amor do mysterio e da revolta — As *Claridades do Sul* — Vehemencia das suas satyras — O *Anti-Christo* — Grandeza da concepção e riqueza da execução — Como a sua imaginação é epica.

X — O romance — Os romances historicos — Os romances d'aventuras — O romance d'observação — Julio Diniz — Influencia do romance francez. — Eça de Queiroz — Seu temperamento lyrico — Seu dom de effusão — *O Mysterio da estrada de Cintra* — Energia do seu sarcasmo — *As Farpas* — Agilidade e esplendor da sua phantasia: *O Mandarim* e *A Reliquia* — Sua aptidão e resolução de observar: *O Crime do Padre Amaro* — Seu talento de composição: *O Primo Bazilio* — Sua capacidade de crear e amar a belleza: *Os Maias.*

XI — A critica dos costumes — Ramalho Ortigão — Sua imaginação physica — — Sua observação minuciosa — Seu estylo exacto — Solidez e limites do seu ideal.

XII — A decadencia do theatro.

XIII — A Historia — Theophilo Braga — Variedade das suas aptidões — Sua tentativa epica — Sua capacidade d'investigação minuciosa — Seu amor das idéas geraes — Sua *Historia da Litteratura portugueza* — Seu temperamento apostolico — Seu positivismo. — Oliveira Martins — Sua imaginação psychologica — Sua energia moral — Seu tino pratico — Sua vocação historica — A *Historia da Civilisação Iberica* — A *Historia de Portugal* — O *Portugal Contemporaneo.*

XIV — Necessidade d'uma direcção critica — Necessidade de regressão ao genio nacional — Necessidade do estudo das litteraturas estrangeiras — Necessidade de cultura philosophica — A inspiração e a reflexão.

I

Os termos expressores de idéas muito vastas, muito complexas e de uso muito frequente são difficeis de definir. Como exprimem idéas muito vastas ha o perigo de deixar fóra da definição objectos que ella deveria abranger. Como enunciam idéas muito complexas corre-se o risco de esquecer ou confun-

dir caracteres constitucionaes ou differenciaes. Finalmente como são de uso muito frequente adquirem mesmo pelo facto de serem empregados por uma numerosa maioria de espiritos pouco precisos, alguma coisa de indeterminado e vago. D'aqui a difficuldade de definir d'um modo completo e exacto palavras como Religião, Arte, Industria ou Politica. D'aqui tambem a difficuldade de dizer cabalmente o que seja Litteratura.

É porém provavel que uma analyse da noção corrente, procedendo por uma série d'agglutinações e exclusões, nos conduza a uma idéa satisfactoria do objecto de que se trata. Naturalmente uma tal analyse deve basear-se na enumeração dos objectos a que o termo corresponde na linguagem ordinaria, e concluir pela determinação dos caracteres importantes communs á maioria d'esses objectos, excluindo do significado da palavra definida aquelles a que só por um emprego abusivo ella fôra applicada. Um tal exame é util, e o mesmo desenvolvimento de idéas que constituem este estudo, trará comsigo a justificação da breve série de reflexões abstractas que lhe servem de portico.

Procedendo em harmonia com os principios acima expendidos, comecemos por observar que o primeiro caracter dos documentos litterarios é serem escriptos. Uma simples inspecção material faz distinguir um drama ou um romance d'uma estatua ou d'uma partitura. Esta primeira consideração separa as obras humanas em duas grandes classes: as que podem ser litterarias e as que não podem sel-o. É n'esta accepção que o termo que definimos é tomado em expressões taes como *Litteratura mathematica* ou *Litteratura chimica.*

É claro porém que uma tal applicação á força de ser lata se torna em extremo vaga, e que mesmo na linguagem ordinaria uma dissertação sobre as secções conicas ou uma memoria sobre a osmose não são qualificadas d'obras litterarias. O mesmo se póde affirmar de escriptos que tem exclusivamente um valor pratico immediato, como uma escriptura tabelliosa ou uma postura municipal. Ajunte-se-lhes todas as obras que tem apenas um alcance profissional, os codigos que o espirito d'ana-

lyse reduziu á seccura juridica, os catecismos que na sua concisão dogmatica visam a um fim pedagogico, as constituições e os trabalhos administrativos. Em resumo devem ser excluidas da designação d'escriptos litterarios todas as obras realisadas n'um intuito puramente scientifico ou puramente pratico.

Comtudo entre as obras que tem um intuito de comprehensão como entre as que tem um valor d'applicação, algumas ha que o consenso unanime incluiu no numero dos monumentos litterarios. Seguramente um tratado das secções conicas mesmo quando seja escripto por Pascal, uma dissertação de Dioptrica mesmo devida a Descartes, uma memoria sobre as transformações das vertebras ainda mesmo que tenha por auctor um Goethe, não são contadas entre as obras litterarias. E o mesmo se póde affirmar de um projecto de lei contra a escravatura, ainda que redigido por um Mirabeau, ou de um parecer sobre a abolição de barreiras aduaneiras mesmo quando pronunciado por um Macaulay. Mas um tratado de logica pura como o *Discurso sobre o methodo* ou um trecho de eloquencia forense e politica como a *Oração pela corôa* constituem monumentos litterarios apesar do fim puramente especulativo ou puramente pratico para que eram destinados. Quando se reflecte sobre as razões que levam a excluir os primeiros e a incluir os segundos no grupo dos escriptos litterarios chega-se a descobrir dois caracteres ausentes nos primeiros e presentes nos segundos: a generalidade no pensamento e a generalidade na expressão. A ausencia do primeiro exclue da Litteratura todas as producções scientificas ou praticas que se restringem a um campo especial. A ausencia do segundo exclue da Litteratura todas as producções scientificas ou praticas em que se emprega uma linguagem especial. A presença do primeiro possibilita a admissão dos trabalhos de larga philosophia ou alta politica no seio da Litteratura. A presença do segundo torna effectiva essa admissão. Estas considerações explicam por que a *Mechanica celeste* nunca possa ser uma obra litteraria, e que a *Critica da Razão pura* não o seja emquanto o *Discurso sobre o methodo* o é. Generalidade no pensamento, generalidade na expressão, isto é,

dom de despertar um interesse geral, são pois caracteres constitucionaes dos escriptos litterarios.

Mas ha obras ás quaes se applica a designação de litterarias com muito maior cabimento do que áquellas que acabamos de citar: por exemplo a *Divina Comedia*, o *Hamlet* ou o *Fausto*. Não sómente se encontram n'ellas os dois caracteres fundamentaes — a generalidade na concepção e a generalidade na expressão —, mas ainda o interesse que ellas despertam é mais geral. Investiga-se a razão do facto e acha-se que é por ellas serem um juizo sobre a Vida descoberto pelo exercicio de todas as faculdades. Com effeito não é sómente uma concepção geral, mas uma concepção da Vida e uma concepção acompanhada de emoção que ellas contém. Parece mesmo que o simples facto de tomar por objecto um aspecto ou uma manifestação da Vida, e exprimil-os de um modo cabal torna litterario um escripto. Um canto de amor ou de cólera é um documento litterario a mesmo titulo que a Epopeia da Fé ou a Tragedia da Duvida, mesmo quando elle não exprima senão um sentimento individual e inspirado por um individuo. E assim no largo seio da Litteratura se contém não só as Concepções que representam a Vida, mas as impressões que ella provoca e as paixões que a determinam.

O Homem, todo o Homem e as coisas só emquanto interessam o Homem ou influem sobre elle, eis o assumpto e a inspiração das Litteraturas. Nenhuma obra humana é mais poderosa nem mais expressiva, salvo as Religiões. Porque emquanto a Sciencia, o Estado, a Industria encaram sómente um dos aspectos da Vida, a Litteratura abrange-os todos, e exprime o Homem inteiro, as idéas com os sentimentos, o seu destino real com as suas aspirações ideaes. E se as Religiões se lhe avantajam em comprehensão e alcance social é porque pelas suas prescripções cultuaes e moraes tendem a regrar e dominar o espirito, mesmo nas suas manifestações praticas menos importantes. Resumindo portanto podemos dizer que uma Litteratura é um conjunto de obras escriptas tendo um assumpto geral e redigidas n'uma linguagem geral, e com maior rigor um conjunto

de monumentos enunciando de um modo cabal uma concepção ou uma impressão da Vida.

De uma tal definição da Litteratura deriva uma correspondente definição da Critica. Do mesmo modo que a Litteratura representa uma concepção ou uma impressão da Vida, a Critica representa uma concepção ou uma impressão da Litteratura. D'ahi duas especies de Critica, uma que trata a obra litteraria como um producto natural e humano, procedendo pela analyse, isto é, determinando o grupo dos seus elementos constitutivos e o conjunto das suas circumstancias condicionantes; outra que considera a obra litteraria como uma simples fonte de emoções, procedendo pela impressão, isto é, notando as modalidades que a actividade de quem escreve imprime na alma de quem lê. A primeira tem por fim descobrir as causas, a segunda tem por fim consignar os effeitos, e se a primeira tem por base a Philosophia, a segunda tem por inspiração o Gosto.

D'estas duas especies de Critica, naturalmente a que procede pela impressão, antecedeu a que procede pela analyse. Com effeito até os fins do seculo passado os juizos criticos estavam impregnados d'um espirito nacional ou pessoal que os tornava eminentemente improprios para comprehender e approvar a excellencia intrinseca das producções dos genios estrangeiros ou dos temperamentos differentes. Como havia uma completa ausencia de principios havia uma completa ausencia de accordo. Viam-se as manifestações do genio tratadas como barbaras, e os monumentos da razão qualificados de enfadonhos. Tudo que transcendesse a esphera ou infringisse as regras dentro das quaes se movia a actividade d'uma raça ou o gosto d'um escriptor era excluido ou reprovado. D'ahi essas sentenças burlescas dos inglezes sobre Racine ou dos francezes sobre Shakespeare. D'ahi essas guerras de tendencias e de escólas, essas disputas sobre o merito dos antigos e dos modernos, dos latinos e dos teutonicos. É este ponto de vista que inspira então nas suas apreciações estheticas os escriptores mais illustres, um Voltaire ou um Dryden. É este ponto de vista que deixa primeiro a Allemanha, e que abandona em seguida a França;

é d'elle que se emancipa agora a Inglaterra, e que a energia do genio nacional e a ausencia da larga imaginação sympathica mantém ainda na critica hespanhola. Este ponto de vista é abandonado e quem o substitue é o outro. Pela marcha ascendente do espirito scientifico o campo das producções mentaes foi invadido após o campo dos phenomenos naturaes. Viu-se que uma obra litteraria não é o fructo d'um capricho pessoal nem uma litteratura um grupo de producções entre si estranhas, apenas ligadas por um nexo exterior de chronologia ou lingua. Primeiro na Allemanha, em seguida na França, n'este momento na Inglaterra e na Italia, começou-se a considerar os livros e as litteraturas como documentos. Assistiu-se á sua genese, acompanhou-se a sua evolução, previram-se as suas transformações proximas, e isto pela applicação da Psychologia e da Historia. Ao mesmo tempo e por uma consequencia logica transformou-se o padrão aferidor dos meritos. Romperam-se os velhos habitos de parcialidade e hostilidade. Apreciaram-se as superioridades estrangeiras e rehabilitaram-se as originalidades maltratadas. Á força de comprehender aprendeu-se a justificar. Shakespeare foi amado na França e Calderon na Allemanha, e viu-se o grande Goethe, a um tempo poeta e critico, mixto de inspiração profunda e curiosidade infinita, dar o exemplo das perpetuas metamorphoses, e fazer-se simultaneamente allemão e italiano, homem do Oriente e do Occidente, artista da Renascença e do seculo XIX, e affirmar-se pela sua cultura integral e pela vasta e varia producção da sua actividade cosmopolita e encyclopedica o summo representante do genio europeu contemporaneo.

Mas por uma lei natural do espirito, que quer que a intelligencia esgote os extremos antes de attingir a harmonia, o novo ponto de vista, propriamente scientifico introduzido na critica em substituição ao velho, mais propriamente subjectivo, produziu em espiritos inaptos para a especulação philosophica uma convicção erronea que é antes uma aberração do juizo do que uma consequencia logica. Á força de se vêr fazer a analyse das obras litterarias, de se assistir á sua creação e regrada

transformação, de se verificar que as litteraturas são productos e como taes estão sujeitas ás leis fixas de toda a producção, chegou-se á convicção que as obras litterarias são todas igualmente valiosas, por isso que são todas igualmente naturaes, que além da sua importancia documental não ha n'ellas uma excellencia intrinseca, que como são o resultado d'uma fatalidade indifferente, devem ser contempladas com um olhar indifferente, e que em resumo a Historia annulla a Esthetica.

Isto é um erro. O proprio senso commum repelle uma tal pretenção, e a Sciencia como quasi sempre não faz senão ampliar e precisar as sentenças do senso commum. Não, na Litteratura como na Natureza ha uma fatalidade, mas na Litteratura como na Natureza ha uma jerarchia. Na Litteratura como na Natureza ha causas de movimento, mas na Litteratura como na Natureza ha condições de equilibrio. Por isso na Litteratura como na Natureza ha creações bellas e ha creações que o não são. Todas as obras litterarias são indicios de causas, mas são tambem instrumentos de cultura. Todas as obras litterarias são documentos mas tambem são monumentos, e se a Natureza é um cartorio a Historia é um museu.

Ha pois razão em collocar o *Hamlet* acima da *Tosca* e em preferir a *Cousine Bette* ao *Maître des forges*. E se é licito pensal-o, é util dizel-o. D'ahi duas funcções da Critica. Uma de comprehensão, outra de apreciação. Por uma o Critico vê e faz vêr a obra litteraria, descrevendo-a nos seus elementos e explicando-a nas suas condições. Por outra o Critico julga e faz julgar a obra litteraria apreciando-a na sua harmonia interna, e avaliando-a na sua correspondencia exterior. Ambos estes pontos de vista são legitimos e ambos são incompletos. Não passando do primeiro, a analyse critica limita-se a ser um capitulo de Sciencia. Não sahindo do segundo o juizo critico arrisca-se a ser a opinião d'um individuo. O critico deve partir do primeiro e deve chegar até ao segundo.

Mas não deve chegar ao segundo sem ter partido do primeiro. Porque nada mais fecundo em illusões do que o espirito humano e nada mais arriscado do que julgar por impressões.

Aquelle que para apreciar um livro se limita a lêl-o e consignar o effeito produzido, arrisca-se a vêr falso sob a pressão de circumstancias de momento, e tendo em mente pronunciar uma sentença definitiva não passar de notar um estado de consciencia. É preciso pois que o Critico julgue por principios. Mas estes principios devem ser baseados sobre a observação da realidade. Porque se tiver como norma um systema construido fóra da Sciencia, arrisca-se ainda a tomar como fixo aquillo que é accidental, a obedecer ás suggestões da raça a que pertencer, do momento em que florescer, do instrumento mental de que dispuzer, cuidando exprimir alguma coisa de racional e largamente humano. Julgará sim por um systema, mas por um systema de preconceitos. E pensando obedecer a principios ha de obedecer a impressões, por isso que um preconceito não é mais que uma impressão arraigada.

Que regras pois são essas que deve seguir o Critico nos seus juizos? Para descobril-as basta reflectir no que seja Litteratura. Ora já vimos que a obra litteraria é uma expressão da Vida. Logo uma obra litteraria deve valer ou não conforme exprime ou não exprime fielmente os varios aspectos ou o conjunto da Vida. Logo uma obra litteraria valerá mais ou menos conforme exprimir melhor ou peor a Vida, e conforme exprimil-a nos seus aspectos mais ou menos profundos. Assim, por exemplo, no dominio da Poesia lyrica valerá mais o poeta que exprimir as emoções intensas e as paixões permanentes que animam ou determinam a Vida. Assim no dominio da Poesia epica valerá mais o poeta que melhor souber crear essas colossaes figuras que resumem um cyclo ou uma época, e melhor souber fazel-as manifestar-se por meio d'actos, e dentro de quadros dignos da grandeza d'ellas. Assim no dominio do Drama será maior o escriptor que pintar as paixões mais vigorosas nas luctas que travam entre si, e os caracteres mais vivos na acção que exercem uns sobre os outros. Assim no Romance subirá mais alto o artista que mais e melhor souber dizer o mecanismo dos caracteres e a historia das paixões que o Lyrico pinta nas suas explosões individuaes e o Dramaturgo nos seus

conflictos sociaes, e que mais e melhor souber mostrar esses caracteres e essas paixões sob as influencias dos meios por que são actuados, e nas energias intrinsecas pelas quaes reagem. D'ahi a superioridade d'um Shelley sobre um Cowper, d'um Camões sobre um Tasso, d'um Shakespeare sobre um Schiller, d'um Balzac sobre um Zola. Para determinar essas differenças e fazer o calculo d'esses valores o Critico ha de apoiar-se na Psychologia e na Historia. Pelo estudo combinado d'estas duas sciencias, aprenderá a destrinçar o que ha de fundamental na alma humana através das variações dos logares e das épocas. Pela Psychologia aprenderá o que é o Homem, e pela Historia o que são os homens. E no seu duplo trabalho de comprehensão e de apreciação dos productos litterarios o Critico não fará mais do que applicar a sciencia do espirito humano, individual ou collectivo, abstracto ou concreto.

II

Quando se estudam as litteraturas modernas nas cinco grandes nações occidentaes, acha-se que cada uma d'ellas exprime através da sua longa evolução historica um conjunto de caracteres fixos que pela sua collaboração com as circumstancias de momento produzem e explicam a superioridade ou a inferioridade das obras litterarias. A esse conjunto de caracteres fixos e combinados em proporções definidas se dá o nome de genios nacionaes. Não será inutil conhecel-os.

E primeiro a França. Pela sua posição geographica como pelas suas qualidades de espirito a França occupa desde a Edade-média o papel d'um grande agente de circulação intellectual na Europa. O espirito francez é o velho corretor das idéas. O traço que o distingue é a intelligencia, não o dom da comprehensão profunda á maneira do allemão, mas uma especie de razão agil e simplista que extrae do objecto por uma

operação rapida e facil uma idéa incompleta e portatil. Destituido da grande imaginação e da paixão intensa, apanagio de outras raças, o genio francez é mais propriamente oratorio que poetico, e discursivo que intuitivo. Este espirito não vê as fórmas e as côres nos seus contrastes e harmonias, não reproduz os aspectos do mundo interior nem o drama solitario da consciencia. Excluido da visão e do sonho, concentra-se na composição e na analyse. Excluido do heroismo e da santidade manifesta-se pela bondade e pela cortezia. Nenhum dos dotes pelos quaes o homem entra em communicação directa com as causas ou na intimidade privada de si proprio distingue este genio, abstracto e sociavel. Destituido de intuição penetrante e de subjectivismo vigoroso, munido de razão ordenadora e sympathia expansiva, tal se revela esse genio da França ao longo da sua historia e no conjunto das suas creações sociaes e politicas. E tal como elle se revela nas suas construcções sociaes e politicas, tal se manifesta nas suas producções litterarias. A falta de paixão intensa determina a sua inferioridade no lyrismo que vive da emoção concentrada e energica. A ausencia da imaginação grandiosa e de heroismo moral faz descambar a epopeia em longas narrações frias. A incapacidade de representar os caracteres nos seus conflictos e nas suas crises, faz dos dramas uma série bem ligada de discursos admiravelmente elaborados. Mas a presença d'uma sensibilidade delicada e d'uma imaginação lésta produz a superioridade na canção, no madrigal e no epigramma. O talento de decompôr e ordenar as idéas abstractas e de sympathisar com os sentimentos médios explica a perfeição da eloquencia que é a arte de narrar, argumentar e incitar. O predominio da Vida em commum e a omnipotencia da opinião determinam a excellencia da comedia que é uma pintura da sociedade e uma errata dos costumes. Applicado á historia este genio produz narrações perfeitas, discursos admiraveis e modelos de analyse no dominio das instituições politicas. Emfim tardiamente vencedor no romance, elle triumpha, graças á vocação psychologica da imaginação contemporanea, e á innata capacidade de decompôr e compôr.

Dom de um povo sociavel por excellencia, a sua obra-prima litteraria é a prosa, como a sua obra-prima historica é o salão.

Bem differente é o genio inglez. A imaginação grandiosa e penetrante, a paixão intensa, a interioridade do sentimento, o vigor dos instinctos moraes, a solidez da vocação pratica, eis outros tantos traços do genio da Inglaterra estudado na evolução da sua gloriosa historia. Uma raça de poetas, de prophetas e de homens d'acção, tal apparece este povo e tal se revela na sua litteratura. D'ahi a superioridade incomparavel da poesia lyrica, explosão de sensibilidade delicada e emoção energica, sem rival nas modernas litteraturas europeas pela abundancia e esplendor dos seus monumentos. D'ahi a grandeza da epopeia puritana, em que a magestade das paizagens colossaes, e a energia das paixões republicanas produzem a impressão do sublime a despeito da esterilidade epica do dogma protestante. D'ahi o valor unico do theatro da Renascença, a mais soberba apparição scenica desde os gregos, e a mais assombrosa incursão da imaginação psychologica no dominio da Poesia pura que regista a historia do pensamento. D'ahi o esplendor da eloquencia forense e parlamentar em que a influencia social preenche uma lacuna ethnica. D'ahi a solidez e a nobreza d'uma litteratura toda empregada na reforma da sociedade e sem igual no dom da effusão idealista. Em resumo, se o que manifesta a Litteratura franceza é o talento, o que revela a Litteratura ingleza é o genio, e se a primeira triumpha na Prosa, a segunda esplende na Poesia.

O que distingue o espirito allemão é o dom da comprehensão universal e profunda. Este espirito nasceu critico e preparou-se para a creação pela critica. Nenhum outro é tão flexivel, tão apto para reproduzir a variedade infinita das creações naturaes e das producções mentaes. A alma nas suas manifestações mais diversas, o mundo nos seus aspectos mais profundos, os paramos mais remotos da historia, as energias causaes da natureza, tudo se espelha n'essa intelligencia maravilhosamente ampla e delicada. Erudito e philosophico, cosmopolita e encyclopedico, o genio allemão é o ultimo a apparecer no scenario

do pensamento, e essa demora concorre para a superioridade das obras por que se exprime. Florescendo n'este seculo elle encontra o terreno preparado para as grandes syntheses do Universo e para as grandes resurreições da Historia. O seu summo representante é esse Goethe que lega nos seus actos e nos seus escriptos a mais perfeita concepção da vida que se tinha visto desde os gregos. Uma visão profunda da realidade mais trivial e uma capacidade de a transfigurar pela idéa do Todo revela-se nas suas creações como nas dos grandes espiritos que o precederam ou acompanharam. Os grandes nomes n'essa litteratura são nomes de criticos. E como a faculdade critica arrasta comsigo as outras, d'ahi a apparição d'essas obras d'arte unicas na historia das litteraturas modernas e que pela sua penetrante e serena comprehensão da vida, tem um alcance philosophico e moral que as torna verdadeiramente classicas. D'ahi esse lyrismo profundo e calmo que exprime as emoções com o desprendimento das idéas. D'ahi esse theatro que lança sobre o conflicto das paixões o pensamento do Destino, conductor dos homens e ordenador das coisas. D'ahi essa epopeia psychologica, summa condensação da reflexão e da experiencia. D'ahi esse maravilhoso trabalho de perscrutação da vida collectiva nas suas manifestações fundamentaes e inconscientes. D'ahi a superioridade dos escriptos historicos em que o politico, á força de amplidão, attinge um alcance de moralista. D'ahi finalmente essa grande maneira de encarar a Vida, comprehendendo-a como necessaria e aceitando-a como excellente, mixto de tino pratico e piedade racional. A Philosophia desabrochando em Sabedoria, eis a formula do genio allemão, e se a Razão é o dom mais precioso em si e mais fecundo em consequencias praticas, nenhum povo contribuiu para os progressos da cultura humana como os compatriotas de Goethe e de Hegel.

Um historiador illustre escreveu que a Poesia não é um dote do genio italiano. De facto, se se entende por Poesia essa contemplação desinteressada da realidade que a transfigura á luz da imaginação e do sentimento, nada de menos poetico que

o genio da Italia. O seu traço fundamental é o sentimento do util, se se entende por estas palavras não a preoccupação dos commodos materiaes, mas a preponderancia dos fins individuaes, e menos a Industria que a Politica. Passada a producção da grande epopeia catholica em que o genio nacional collabora com o espirito medieval, podem-se estudar as manifestações d'esse genio em toda a sua pureza. Uma nitidez esculptural e juridica, uma vigorosa expansão dos instinctos naturaes na ausencia da repressão moral, um lyrismo sensual e brilhante, epopeias pittorescas e pouco heroicas, dramas eloquentes e oratorios, comedias em que o riso é provocado mais pela imaginação que pela reflexão, uma concepção politica grandiosa e deshumana exposta por publicistas d'uma superioridade incomparavel em sentenças d'uma precisão cirurgica, eis as qualidades ou as consequencias d'este genio importado para o dominio da producção litteraria. Junte-se a ausencia de instinctos moraes e sentimentos piedosos. Na Italia, disse Alfieri, a planta humana é mais vigorosa. E a floresta humana mais perigosa.

A nós peninsulares a funcção que coube na Historia é o Heroismo e a Fé. Destituidos de imaginação penetrante e do dom de vasta comprehensão, desprovidos de larga sympathia e de curiosidade infatigavel, primamos pela energia da vontade e pela grandeza do caracter. O fundo d'esse caracter é a honra militar. A capacidade de affirmar e querer, de obedecer e dedicar-se, uma tendencia singularmente nobre de transformar o mundo á imagem do nosso ideal, uma generosa impaciencia da perfeição, o desdem da belleza plastica e das delicadezas aristocraticas, um pensamento simples como um acto, a paixão concentrada e a seriedade tragica, eis outros tantos traços do genio peninsular. Este genio produz uma singular concepção da Vida, que se manifesta por uma religião realista e violenta, por uma politica absoluta e insensata, pela preponderancia do genio da aventura e ausencia da capacidade pratica; que põe o amor no casamento, o ideal na acção, a belleza no valor moral; que inspira os maiores prodigios da energia no mundo moderno, e faz que a nossa historia seja como o lenço da Veronica a san-

grenta effigie da nossa alma. Importado para a Litteratura esse genio produz um lyrismo robusto e monotono, um theatro destituido de analyse de caracteres, mas animado pelas idéas da honra e da morte, satyras d'um sarcasmo violento, romances em que a acção absorve a analyse e que são a pintura da realidade crúa e feia, e a maior das modernas epopeias.

Mas para produzil-a foi preciso a intervenção do genio portuguez. Do corpo das populações ibericas dominadas e unificadas pelo genio castelhano, destaca-se pela influencia accidental de circumstancias historicas uma estreita faxa da orla maritima. Esta estreita faxa se constitue em nação independente, e durante cem annos exerce um papel culminante na historia moderna. Em synchronismo necessario com esta explosão de vida activa, desabrocha uma breve mas esplendida floração litteraria. Se estudarmos os documentos que a constituem e completarmos esse estudo pelo exame dàs producções que datam da renascença romantica, nada acharemos n'elles que distinga constitucionalmente o nosso genio do das populações ibericas constituidas n'uma nação hespanhola, como nada encontramos que geographica e ethnicamente fundamente a autonomia da nossa vida politica. Mas um exame mais attento descobrirá certas qualidades secundarias que dando uma physionomia peculiar ao nosso espirito se reflectem na nossa litteratura: uma maior capacidade de comprehender e assimilar, uma menor energia de affirmação e crença, uma sensibilidade mais delicada e profunda, um caracter menos vigoroso e mais nobre, mais razão e menos vontade, heroes mais humanos, mulheres mais mulheres, alguma coisa de saudoso e vago, de grave e triste, entranhas mais humidas e o dom das lagrimas. Estes traços manifestam-se na nossa litteratura por um lyrismo profundo e sentido, expressão d'uma alma amorosa e meiga; por um theatro capaz de pintar caracteres e espelhar a vida; por uma, ainda que tardia, floração de romances em que a analyse do coração não é annullada em proveito da acção, e finalmente por uma creação epica em que a grandeza heroica do genio peninsular é vasada em moldes d'uma nobreza essencialmente nossa.

Se esses traços não são bastantes para constituir um genio á parte, são comtudo sufficientes para dar á nossa litteratura um caracter peculiar, e para nos assegurar n'um futuro proximo uma intervenção salutifera na marcha da cultura dos povos peninsulares.

III

Esta breve excursão no campo da psychologia nacional e estrangeira não parecerá de todo inutil se reflectirmos que a nossa litteratura é o producto do genio intrinseco combinado com as influencias europeas. Poderiamos demonstral-o pela nossa historia litteraria desde as origens, e isto seria uma nova prova da ausencia d'um caracter accentuadamente original. Porém restringindo-nos ao movimento litterario d'este seculo podemos assistir á dupla acção d'estas causas e explicar por ellas toda a producção do nosso tempo. É conforme se encara a tradição nacional e conforme se aceita a influencia estrangeira, e segundo a proporção em que estes dois elementos se combinam que as obras contemporaneas adquirem um valor e uma influencia mais ou menos consideravel.

Na aurora do Romantismo ha em Portugal, como em todas as nações europeas, um movimento de regressão ás fontes nacionaes. Dois grandes homens estão á frente d'esse movimento: Garrett e Herculano. O primeiro, dotado de uma intuição superior, descobriu n'um relance tudo que havia d'essencialmente portuguez no nosso genio e na nossa historia e fez d'isso a inspiração das suas creações realisadas ou projectadas. Herculano, menos intelligente e mais erudito, foi buscar os seus motivos artisticos a um passado em que a nação ou não existia ou estava ainda a constituir-se. Depois d'estes grandes escriptores o sentimento do passado vai-se afrouxando, e a influencia estrangeira vai-se accentuando. Castilho não encontra nos escri-

ptores portuguezes senão modelos de vernaculismo e nos auctores forasteiros mais que themas para exercicios litterarios. Camillo e Thomaz Ribeiro exprimem inconscientemente o que ha n'elles do temperamento nacional. Mas os grandes prosadores e poetas contemporaneos são exemplos vivos da influencia europea. Anthero de Quental, Guerra Junqueiro, Gomes Leal, Theophilo Braga, Eça de Queiroz, Oliveira Martins representam na Poesia, no Romance, na Historia e na Philosophia a intervenção do pensamento europeu, especialmente da Allemanha e da França. É por ella que a Lyra e a Epopeia portugueza expõe as novas concepções do mundo ou as novas fórmas da sensibilidade moderna, que a Historia sae dos moldes da Chronica para se tornar um systema e uma pintura, que o Romance se transforma em uma analyse da sociedade e do individuo, que as grandes concepções do monismo germanico ou do positivismo francez vem a coordenar a actividade mental dos que são capazes de attingir as idéas geraes. Esta influencia ir-se-ha accentuando cada vez mais e a funcção da critica consistirá em indicar quaes as obras e tendencias estrangeiras, cuja acção sobre nós seja benefica, e quaes os recursos de genio nacional com que as podemos aproveitar.

IV

Para comprehendermos o actual movimento da litteratura portugueza é conveniente remontarmos ás origens d'elle. Com effeito se estudarmos o conjunto das producções litterarias desde o começo do seculo, encontraremos certos caracteres communs, cuja presença basta para constituir uma época distincta na série das creações nacionaes. Se compararmos entre si estes caracteres e os oppuzermos aos que distinguem a edade precedente, poderemos resumil-os em dois: uma maior liberdade na inspiração e uma maior consciencia scientifica na reflexão. Es-

tes dois caracteres succedendo-se em preponderancia subdividem este movimento em dois periodos, o primeiro que se póde chamar romantico, o segundo que se póde designar como critico. Ambos, em Portugal como na Europa, representam uma regressão á Natureza, no primeiro periodo sob uma fórma tumultuaria e inconsciente, no segundo sob uma fórma reflexa e philosophica. D'ahi a superioridade da poesia e do drama no primeiro, e do romance e da critica no segundo.

Á frente do movimento romantico portuguez estão dois homens cujos nomes a gloria associou, mas cujos espiritos a critica distingue e oppõe. Garrett soldado, diplomata, orador, ministro, mundano, lyrico, auctor de comedias, de dramas, de tentativas epicas, tendo conhecido todas as fórmas da vida e tendo-se ensaiado em todos os generos da litteratura é o grande promotor da nossa renascença intellectual. Dotado d'uma sensibilidade profunda, d'uma imaginação creadora, d'um raro acerto de gosto, d'uma capacidade de sympathia singular, que o habilitava a pôr-se em accordo immediato com o meio em que mergulhava, o termo que o qualifica aos olhos de quem estuda a sua vida e a sua obra, é o de artista. É o temperamento artistico que explica os seus actos e as suas creações. É d'elle que deriva a sua multipla actividade, as generosidades das suas intenções, a sua bondade expansiva, o seu dom de seducção, o seu patriotismo sincero, as suas incoherencias politicas, as suas pretenções de aristocrata, as suas futilidades de elegante, as suas fraquezas, os seus ridiculos, e a grande ingenuidade que o absolve de tudo. É da riqueza do temperamento artistico que brota a abundancia e a excellencia da sua producção litteraria. D'ahi nasce esse lyrismo profundo, sincero, amplo, sensual, fatigado e melancolico das suas composições soltas e dos seus dois poemas narrativos. D'ahi a variedade e perfeição das suas creações scenicas, em que a imaginação sympathica encontra um emprego condigno. D'ahi a naturalidade da sua veia comica. D'ahi a amplidão e o esplendor da sua eloquencia. D'ahi a elegancia acabada dos seus escriptos ligeiros. D'ahi essa plasticidade que o tornava igualmente apto para as grandes crea-

ções como para a producção passageira, que o levava a afeiçoar com a mesma facilidade uma tragedia cyclica ou um madrigal de salão.

Na rica messe dos seus escriptos duas obras se destacam com um relevo singular. Uma é essa collecção unica das *Folhas cahidas*, um dos grandes monumentos do lyrismo portuguez, impregnada d'um sentimento profundo, ardente e delicado que em algumas das composições que a constituem, attinge os cumes da mais sublime poesia. A outra é essa branca tragedia da Fatalidade e da Piedade, breve, singela, commovente, serena, repassada de intelligencia e candura, e dentro da qual se movem figuras d'uma nobreza e d'uma verdade incomparavel, o heroe da decadencia, grave e triste, a grande dama de instinctos rectos e entranhas femininas, a graça estranha e severa da donzella idealista, a nobre e livre submissão da domesticidade dedicada, o largo vulto do povo moribundo sobre o qual se abate a espada da afflicção. Compondo o *Fr. Luiz de Sousa* e as *Folhas cahidas*, o grande poeta deu-nos com a medida do seu genio o retrato da nossa alma.

Se o que define Garrett é o temperamento artistico, o que distingue Herculano é a energia do caracter. Uma vida austera e vasada no molde inflexivel da Regra, uma capacidade rara para o trabalho enfadonho, nenhuma das qualidades que fazem o homem pratico, uma grande facilidade em se enganar e ser enganado, a rectidão dura que dá a auctoridade, mas que afasta as sympathias, a intransigencia, a independencia de coração que liberta das coisas mesquinhas mas que não vai até á grande libertação philosophica, eis as consequencias d'esta estructura moral no dominio da vida activa. Importada para a producção litteraria esta fórma de espirito determina um lyrismo vigoroso e limitado, inspirado pelas idéas d'um Deus forte e justo e d'um eu livre e responsavel; romances que são odes narradas; um drama lyrico comparavel a um libreto de opera; pamphletos d'uma intenção pessoal ou geral a que a força da affirmação, a energia de convicção, o orgulho e o desprezo dão os accentos do hymno e da satyra, e finalmente um monumento

historico, grandioso e incompleto que a ausencia de imaginação psychologica e de espirito philosophico exclue da pintura dos caracteres e da explicação das causas, mas que dotes analyticos, um trabalho obstinado, e uma real vocação de publicista habilitam a ser uma narração fiel de factos averiguados e uma exposição lucida dos successos politicos e economicos.

Garrett foi um artista, Herculano um poeta. Castilho foi um litterato. Isto vê-se logo pela sua vida, verdadeira vida de homem de gabinete, núa de crises de sentimento e acções vigorosas, toda preenchida pelos livros que compunha e os comprimentos que recebia. Com effeito, nem uma sensibilidade energica, nem uma imaginação creadora, nem o dom da comprehensão racional se manifesta nas suas obras. Alguma coisa de artificial, acanhado e frio caracterisa as suas producções. O seu lyrismo é apenas um pretexto para exercicios metricos ou manifestações officiaes. A sua concepção da poesia não é a d'uma explosão da alma ou uma expressão da vida, mas uma curiosidade e um instrumento. Parallelamente os seus escriptos de polemica não respiram uma indignação vigorosa ou uma violencia aberta, mas um azedume solapado ou expresso em epigrammas frios. Os seus trabalhos historicos são meros themas de rhetorica em que o auctor abandona ou esquece a resurreição do passado pela preoccupação de compôr phrases vernaculas e prosa academica. As suas traducções, inferiores quando arca com as grandes creações geniaes, o *Fausto,* o *Midsummer's night dream,* o *Tartufo,* adquirem um valor maior quando interpretam as producções maliciosas ou amaneiradas d'um Ovidio ou d'um Anacreonte apocrypho, ou as peças menores de Molière, e isto graças á sua habilidade metrica, aos seus recursos de linguagem, ao seu profundo conhecimento das locuções populares e dos artificios estrophicos, junto a essa paciencia obstinada indispensavel n'um traductor. Essa paciencia obstinada posta ao serviço d'uma rara delicadeza de sentidos explica ainda o lado mais importante do seu espirito, isto é, a sua aptidão philologica e pedagogica. Encontrar-se-hia nas numerosas paginas que elle deixou sobre a metrica, o valor litterario das palavras e dos

sons, o modo de recitar, os artificios para decorar, os methodos de ensino, observações novas e finas. Mas a falta de espirito scientifico e d'uma cultura adequada annulla essas preciosas qualidades de observador, salvando apenas no naufragio de tanto trabalho mal dirigido, trechos de prosa que o desejo vehemente de convencer e illustrar torna modelos de estylo didactico. Se se procura saber qual foi a influencia da sua obra sobre a geração que o reconheceu como mestre, acha-se que ella não foi benefica. Não que se deva crêr n'uma lenda de perseguição aos espiritos independentes. Mas o exemplo d'um escriptor famoso e laureado, entretendo-se com coisas inferiores e futeis, ou exprimindo n'uma lingua morta idéas alheias, exerceu decerto uma acção deprimente na livre producção dos poetas do seu tempo. Passada essa geração, a sua reputação vai-se obliterando. Goethe disse que o seu papel entre os allemães em geral e os poetas allemães em particular tinha sido o de um libertador; palavras que têm um alcance singular, quando se reflecte que ninguem menos subversivo e sedicioso que o grande poeta germanico. De Castilho o critico não dirá outro tanto.

V

Em pleno reinado de Castilho surgem dois escriptores justamente illustres, ligados pela semelhança das aptidões, pela communidade da gloria, e pelos laços da amizade. Dos dois, Camillo é o mais vigoroso e o menos equilibrado. O genio aventuroso e apaixonado da peninsula apparece em alto-relevo na vida e na obra d'este grande escriptor. A paixão vehemente que anima e inspira os seus livros, irrompe mais de uma vez nos actos da sua vida, antes de encontrar o verdadeiro emprego na ordem das creações imaginarias. Dotado do temperamento e da sensibilidade d'um verdadeiro poeta, a Natureza devia ter-lhe dado conjuntamente a capacidade de se exprimir na lin-

gua do verso. Construido como é, lançou-se ao romance. E nos seus romances se manifestam com plenitude os dotes e as lacunas do seu genio. Esse genio é eminentemente peninsular pela sua ausencia de imaginação psychologica e de espirito philosophico, pelo caracter inflammado e realista de seus instinctos religiosos, pelo seu desdem paradoxal da sciencia, pela preponderancia da paixão e da acção sobre a representação e a comprehensão, e finalmente pela especie violenta, aspera, bellicosa, atroz e funebre das suas emoções habituaes. Empregada no romance, esta fórma d'espirito produz a superioridade da narração e do dialogo, a ausencia da paizagem, a nullidade da analyse, o relevo e o vigor dos personagens junta á monotonia e á pobreza das creações, e em resumo o talento de interessar e commover, com a incapacidade de explicar e instruir. Por alguns dos seus traços, a sua vocação é dramatica, e pela maioria d'elles é sobretudo lyrica. Nas suas mãos o romance aberra da sua funcção especifica e transforma-se na elegia e na satyra. E é na elegia e na satyra que elle triumpha. Ninguem tem mais do que elle o dom do chôro e da hilaridade contagiosa, a capacidade das evocações burlescas ou tragicas, o talento de carpir e insultar. Que o leitor percorra duas das suas obras-primas o *Amor de Perdição* e *Os Criticos do Cancioneiro* e verá que esse espirito excluido da analyse do coração, da pintura dos meios, e da concepção da Vida, atina com a vocação e encontra a victoria na expressão do amor e do odio, nas explosões do soffrimento e nas improvisações da colera.

Menos vigoroso e mais equilibrado Thomaz Ribeiro teve a fortuna de atinar com a sua vocação. Com effeito é uma verdadeira organisação de poeta, que encontrou na lingua do verso um condigno instrumento de expressão. Filho d'uma provincia em que a vida natural e animal prepondera a despeito da invasão da cultura, uma multidão de caracteres da sua physionomia moral e litteraria deriva do seu temperamento beirão. Uma região montanhosa e silvestre, situada na fronteira, e habitada por uma população vigorosa, bem nutrida, habituada á marcha e á caça, e onde muitas vezes a regressão á barbarie se mani-

festa pelo banditismo, encontra o seu representante no poeta que exprimiu como ninguem os sentimentos naturaes e animaes, e a livre expansão da vida instinctiva. D'ahi o valor especial da sua estreia. Paixões e caracteres, o descriptivo e o estylo, tudo traz no *D. Jayme* o cunho d'essa origem. As paixões são as mais simples e vigorosas, o amor, o odio, a vingança, a paternidade, o affecto filial, a dedicação fraternal; o patriotismo mesmo não tem nada de ideal, mas é apenas o amor da terra combinado com a aversão physica pelo estrangeiro. Os caracteres, homens ou mulheres, D. Jayme, D. Martinho, Germano, Estella, os Aragões, são creações d'uma só peça, almas espontaneas e francas, munidas de paixões ingenuas e fortes, inclinadas ás acções vigorosas, e que encontram na acção a sua plena expressão. O descriptivo, realista e nitido, espelha rapidamente os varios aspectos das coisas, e passa sem selecções d'uma festa a um ataque nocturno, d'um palacio a uma caverna de bandidos ou uma taberna com rameiras. O estylo, sobrio, intenso, familiar, repassado de paixão, e vivo em todos os pormenores, ajusta-se aos sentimentos e actos que exprime e esplende na narração e no dialogo. Todos estes traços, e a especie d'estes traços, explica o successo do poema, sobretudo junto ás naturezas espontaneas e emotivas, os rapazes e as mulheres. Uma organisação d'estas, vigorosa e espontanea, transplantada ao meio artificial dos salões, actuada pelo contacto dissolvente da politica, e applicada á interpretação de sentimentos requintados e idéas largas, não póde senão deformar os seus contornos primitivos, enfraquecer a sua energia nativa e produzir obras inferiores. Compare-se os sentimentos e os caracteres da *Delphina* com os do *D. Jayme*, opponha-se aquella vaga philanthropia a este robusto patriotismo, aquelle amor que parece um namoro, a esta paixão que conduz á deshonra e á morte, Josephina a Estella, o scismador e caritativo Albano a D. Jayme duellista e bandido, e vêr-se-ha que a influencia do meio foi funesta a essa natureza espontanea, e que essa alma forte e limitada não nasceu para experimentar os cambiantes dos sentimentos requintados, nem para abraçar a amplidão das idéas geraes. Esta impressão

é confirmada ainda pelo exame das suas composições lyricas estudadas na ordem successiva da sua producção.

VI

É do outro extremo do paiz que vem o grande lyrico que a admiração unanime consagrou como um dos maiores nomes da poesia portugueza. João de Deus é um filho do Algarve, e muitos traços da sua physionomia se explicam pela sua origem. Natural e clemente, eis os caracteres d'esse meio. Natural pela ausencia de grandes centros e pela preponderancia da vida dos campos sobre a vida das cidades. Clemente pela bondade do clima, pela formosura da paizagem e pela espontanea liberalidade do sólo. Sobre este verde sólo e as ridentes aguas que o beijam, move-se uma população agil, esperta, alegre, loquaz, não esmagada pelas exigencias do trabalho especial e excessivo, nem deformada pela acção da concorrencia e da miseria. O poeta é uma planta d'esse sólo e um filho d'essa raça. Basta olhar para a sua bella cabeça intacta, que destaca com um relevo singular da multidão de figuras fatigadas e ruins de litteratos e de burguezes. Basta notar essa espontanea plenitude de talentos que o torna pintor, musico, poeta e em tudo improvisador. Basta considerar a integridade da sua intelligencia, esse golpe de vista que vê através das palavras e não se deixa illudir por ellas, essa sabedoria tirada da experiencia e não dos livros. Basta observar essa distincção pessoal de maneiras, mixto de plebeismo e aristocracia, expressão fiel da sua nobreza inculta e da sua nativa superioridade. Basta ainda seguir essa vida singular, que o excesso de paixão condemna á inacção, encerrada na reclusão voluntaria e na hostilidade desdenhosa por uma cultura, cuja excellencia intrinseca elle não vê ou não quer vêr, e cujas miserias exasperam ou entristecem a sua grande alma. Outros traços, porventura ethnicos, convergindo

com aquelles, são a sua interioridade de sentimentos, a sua energia de paixões, o feitio rectilineo da sua intelligencia, a profundidade dos seus instinctos religiosos, a sua aversão pelo mecanismo social e politico que deprime o Homem, o seu desamor pela Sciencia e pela Industria que a seus olhos insultam Deus. Todos estes traços juntos ao dom irreductivel do genio explicam esse lyrismo ingenuo e sublime, estranho aos interesses das idéas e aos processos de escóla, todo tirado das profundidades da alma, inspirado por emoções pessoaes ou circumstancias da vida, tendo por objecto um pequeno numero de sentimentos naturaes e encontrando o seu triumpho na expressão do amor e na celebração da Divindade. O amor e a Divindade são os dois grandes interesses da sua poesia e na maneira por que os sente, se revela a estructura do seu espirito. Os seus cantos de amor exprimem um sentimento d'uma energia, d'uma profundidade e d'uma ingenuidade admiravel e attingem através dos transportes sensuaes a adoração e o extase. Os seus hymnos sacros, verdadeiros psalmos temperados pela suavidade evangelica, são a confidencia d'uma alma solitaria á face d'um Deus formidavel e clemente, uma explosão involuntaria e arrebatada, que vai da effusão filial á acclamação aspera. O homem isento das repressões da sociedade e das deformações da cultura, intacto no seio d'uma natureza intacta, na plenitude dos seus talentos innatos e na livre expansão dos seus instinctos naturaes, adorando o seu Rei e Pai na mais sublime das suas obras, o Universo, e amando-a na mais bella das suas creaturas, a Mulher: eis o seu ideal. E esse ideal é o seu retrato.

VII

A ultima geração litteraria distingue-se das que a precedem por dois traços: a preponderancia da reflexão e a influencia do estrangeiro. Que se tomem e examinem as suas obras cul-

minantes os *Sonetos*, a *Morte de D. João*, o *Anti-Christo*, o *Primo Bazilio*, as *Farpas*, a *Historia do Romantismo*, o *Portugal Contemporaneo*, e vêr-se-ha claramente assignaladas estas duas influencias. Primeiro estes livros são productos da reflexão, isto é, quer pela natureza do assumpto, quer pela maneira de o tratar revelam com maior ou menor exito a intervenção voluntaria das faculdades racionaes, manifesta na composição da obra ou annunciada nos planos dos prefacios. A Poesia exprime concepções do Homem e do Mundo, a Critica dos costumes aspira a ser uma applicação sociologica, o Romance é analytico, a Historia uma pintura de caracteres e uma explicação dos factos. Em segundo logar estes livros são productos da influencia estrangeira, traço que acompanha necessariamente o primeiro, dadas as necessidades intellectuaes d'um pequeno paiz incapaz de inventar idéas geraes. O romance é feito á moda de França, a Historia á moda da Allemanha, a Philosophia e a Poesia á moda da França e da Allemanha. Estas duas influencias actuando na producção das idéas e na technica da expressão, dão um caracter pouco nacional aos productos da ultima geração, caracter que determina a sua inferioridade como instrumentos productores d'um nexo moral e d'uma consciencia publica, e que constitue a sua superioridade como agentes de educação pessoal e cultura desinteressada. Estas duas influencias combinadas com o que ha de constitucionalmente arraigado e nacional no temperamento dos escriptores sobre que ellas actuam, explicam as qualidades e tendencias geraes dos mais importantes livros portuguezes contemporaneos.

VIII

Entre os nomes de escriptores que cooperaram para a introducção do espirito novo na litteratura portugueza contemporanea avulta o nome de Anthero de Quental. Organisação complexa mas em que predominam os dotes poeticos, o auctor dos

Sonetos ficará sobretudo como um evocador de visões e um expressor de sentimentos. N'esse vasto mundo de visões e sentimentos que se offerece a um poeta, elle escolheu as visões mais sublimes e os sentimentos mais nobres. A superioridade da sua poesia deriva da grandeza da sua alma. O proprio d'essa alma é não ser impressionada senão pelas grandes coisas e não se deixar mover senão pelos grandes interesses. O Universo na sua totalidade e na direcção final do seu movimento, o Homem e o seu destino, a funcção espiritual dos pensadores e dos poetas contraposta á esterilidade rotineira do sacerdocio tradicional, a magna lucta da Egreja catholica com o Espirito moderno, o estertor d'um Passado que agonisa e o vagido victorioso d'um Porvir que rompe da entranha fendida do seculo, eis as inspirações das *Odes modernas*. E essas inspirações não são um pretexto para as tiradas convencionaes d'uma estreia ambiciosa. São problemas que o poeta encara com uma commoção e um abalo de todo o seu sêr, que formúla ou resolve com um accento de sinceridade unica. É que a sua imaginação é metaphysica, isto é, preoccupada com a representação total do Universo. Esta imaginação metaphysica anda n'elle ligada a profundos instinctos moraes, isto é, á consideração preponderante do alcance dos actos e do valor da Vida. Estes dois traços combinados produzem a disposição religiosa, que resulta da introducção das preoccupações praticas n'uma alma metaphysica e que consiste na adaptação d'uma theoria do Universo á explicação do destino humano. O sentimento religioso inspira d'uma ponta a outra todos os seus escriptos. É elle que nas suas crises occupa toda a sua vida e se manifesta em toda a sua obra. Dos dois elementos que o compõem, a imaginação metaphysica e o temperamento moral, o primeiro educado pelo germanismo determina essa concepção pantheista do mundo, hegeliana no começo da sua carreira, dynamista nas suas ultimas composições. Os instinctos moraes guiados pelo radicalismo francez irrompem d'um modo insurreccional em fogosas diatribes contra os ricos e os poderosos, nas suas primeiras odes, e encontram finalmente a

satisfação nos seus ultimos Sonetos, n'uma especie de nihilismo cheio d'uma resignação mystica. Porém nas suas primeiras como nas suas derradeiras composições o que apparece sempre é uma alma d'uma elevação, d'uma sinceridade, d'uma grandeza unica, um coração desdenhoso de todas as coisas que prendem o commum dos homens, gloria, riqueza ou poder, embriagado pela visão estupenda da realidade e arrebatado pela attracção inveneivel do Ideal. É ainda a grandeza da alma e a sinceridade do accento, que fazem o encanto dos seus *Opusculos*. Destituidos de valor scientifico, dada a falta de capacidade analytica e de solida erudição da parte de quem os escreveu, elles resgatam essa inferioridade pela unção moral, pela gravidade religiosa, pelo tom pontifical dos seus actos de fé e das suas impreacações liturgicas. Os seus pamphletos parecem encyclicas. Finalmente todas as qualidades e lacunas do seu espirito, os seus instinctos moraes, os seus sentimentos religiosos, as suas aptidões philosophicas, a sua falta de vocação scientifica e de imaginação physica se reflectem e se incarnam no seu maravilhoso estylo incapaz de pintar e de explicar, mas apto como nenhum outro para communicar as idéas geraes e os sentimentos moraes na severa graça do seu porte e na larga magestade do seu rhythmo.

IX

Anthero de Quental por alguns lados do seu espirito attinge a aptidão epica. Comtudo não se ensaiou na Epopeia e porventura fez bem. Este genero poetico foi porém tentado com exito incompleto e talento manifesto por dois escriptores que tiveram o seu momento de reputação ruidosa.

Quando se procura a formula do espirito de Guerra Junqueiro acha-se que elle é muito mais orador que poeta e que tem muito mais eloquencia que imaginação. Que o leitor pegue no seu primeiro poema, e reagindo contra a fascinação da fórma

que o subjugará á primeira leitura, se applique á analyse directa da obra na sua concepção fundamental, na composição dos seus personagens, no processo das suas descripções, no mecanismo do seu estylo e na estructura da sua metrica. Se levar a cabo esse trabalho, verá que não encontra n'ella nem essas creações synthcticas e essas figuras cyclicas em que se assignala a imaginação epica; nem esses caracteres vivos e essa sciencia do coração que resulta da imaginação psychologica; nem essa nitidez de contornos e esse esplendor de colorido que acompanha a imaginação physica; nem essa torrente caudal de emoções profundas que deriva de um verdadeiro temperamento lyrico. Mas em compensação terá de admirar os recursos d'expressão, a sumptuosidade e o vigor da phrase, a rica pompa e a correcção magistral do verso, a sabia gradação dos effeitos e emfim a arte consummada de formular, intimar, ornar e lançar á circulação um thema poetico. Um vocabulario escolhido e nobre, uma adjectivação abundante e nova, uma trópica audaciosa e engenhosa, uma syntaxe regular e ampla, versos de bronze e rimas de cobre — eis o segredo do seu prestigio mesmo sobre aquelles que estão prevenidos por profissão e por habito. Se se procura um veio de verdadeiro sentimento poetico na *Morte de D. João* encontra-se no lyrismo amargo, sensual e morbido do protogonista. Mas quem quizer vêr a manifestação do dom fundamental do seu espirito, excluida a faculdade d'expressão, terá de considerar as suas composições satyricas. N'ellas se revela uma verdadeira aptidão de sarcasta, e a despeito do caracter artificioso de alguns expedientes na invenção e expressão da Ironia, acha-se que esta é a sua verdadeira vocação. E se na *Morte de D. João* Guerra Junqueiro manifestou mais reaes dotes de poeta, na *Velhice do Padre Eterno* deixou um mais vivo documento de si mesmo.

A outra tentativa epica é a de Gomes Leal. Nenhuma das qualidades que fazem um poeta e um grande poeta faltam a este artista superior e desigual. Sensibilidade profunda, delicada e estranha, imaginação poderosa e rica ainda que fragmentaria, capaz de espelhar os aspectos da natureza e os recantos do

coração, um raro poder de tirar effeitos imprevistos e singulares do instrumento da linguagem, são outros tantos dotes preciosos prejudicados pela falta de acerto e bom-gosto no emprego d'elles. Todos os preceitos de bom-senso cuja observação constitue a hygiene das reputações litterarias são violados por este escriptor tão leviano como cheio de recursos. Se se remonta ás suas origens encontram-se dois traços que caracterisam a sua estreia e continuam a manifestar-se em todos os seus livros: o amor do mysterio e o instincto da revolta. É o amor do mysterio e do exotismo que inspira as *Claridades do Sul;* onde a influencia de Baudelaire não representa uma simples imitação litteraria mas sim um verdadeiro parentesco de genio. Esse exotismo que por vezes raia na extravagancia é ainda estimulado pelas suas tendencias insurreccionarias, que fazem d'elle ao longo de toda a sua obra e tambem um pouco nos actos da sua vida um typo de insubordinado e como hoje se diz de refractario. Esse instincto de revolta depois de inspirar as estrophes torvas da *Canalha,* dicta-lhe essas terriveis satyras onde reluz, n'um clarão de incendio, um nihilismo, não intellectual e requintado como o de Anthero de Quental, mas bravio e physico, expressão genuina da violenta e bruta alma do mundo barbaro que se revolve nas bases das sociedades contemporaneas. Este amor do mysterio e este instincto de revolta applicados aos vastos e novos themas que a sciencia offerece hoje á actividade poetica, explica a producção do *Anti-Christo.* Livro extraordinario, sulcado de relampagos de genio, superior e illegivel, cheio de concepções e quadros que fariam a gloria d'um grande poeta, mas tão mal feito, tão carregado de repetições e lacunas, tão inçado de faltas de gosto, tão claudicante na grammatica e na metrica que a maioria dos leitores o abandona em meio. Ainda assim é impossivel não admirar a intensidade de sentimento, a riqueza da invenção, o poder synthetico da capacidade creadora, e essa maravilhosa intuição que o leva, espirito formado por leituras tumultuosas e incompletas, a vêr n'um relance as tres ou quatro idéas fundamentaes do mundo contemporaneo e a constellar o seu poema de invenções surprehen-

dentes que prendem a attenção do moralista e do philosopho. Mas admirando, o critico lastíma que tantos dotes superiores sejam prejudicados, e mesmo annullados aos olhos do vulgo, por uma singular falta de bom-gosto e de tacto. E se o critico acha que a reputação poetica de Guerra Junqueiro é superior aos seus meritos, como a de Gomes Leal é inferior ao valor proprio, é tambem forçado a confessar que o primeiro só a deve a si, e o segundo não tem que se queixar senão de si mesmo.

X

Emquanto a Poesia portugueza soffria uma transformação profunda na especie das suas inspirações e no processo da sua technica uma revolução igual operava-se no Romance. Esta fórma litteraria depois de apresentar o romance d'aventuras, genero inferior, e o romance historico, genero falso, entrava no seu verdadeiro terreno, a pintura dos costumes e dos caracteres sob o nome de romance analytico. Esta ultima fórma encontra em Julio Diniz um cultor digno de attenção. Espirito observador, reflexivo e amavel, elle importava para o estudo do coração qualidades estimaveis e secundarias. Acham-se nos seus livros quadrinhos de genero bem feitos, retratos bastante parecidos, observações finas e acertadas sobre o mecanismo dos sentimentos e dos pensamentos, mas nenhuma sciencia da composição dos caracteres, da influencia dos meios, da engrenagem das idéas, da motivação dos actos, no conjunto das suas condições determinantes e dos seus elementos constituintes. Em resumo a sua psychologia é fragmentaria e destituida de prova, e antes derivada dos habitos de reflexão proprios d'um homem interior, do que da capacidade analytica que acompanha um verdadeiro psychologo. Essa capacidade aproveitada em obras-primas e guiada por um methodo rigoroso, apparece pela pri-

meira vez entre nós com Eça de Queiroz. Natureza multipla, e a maior vocação de artista que tem surgido em Portugal desde Garrett, Eça de Queiroz começou pela improvisação e pelo lyrismo. Sensibilidade intensa e complexa, capaz de vibrar fundamente ao contacto dos objectos mais diversos, imaginação capaz de reflectir e transfigurar todos os aspectos das coisas, a paixão e a phantasia occupam um logar importante na sua obra ao lado da observação e da analyse. Esse dom de effusão anima exclusivamente os seus primeiros escriptos e faz o encanto da esplendida narração intitulada *Mysterio da estrada de Cintra*. Esse vigor de sensibilidade e essa riqueza de imaginação produzem a abundancia e a efficacia do seu sarcasmo, e explicam a superioridade da sua collaboração nas *Farpas*. A energia da paixão que devolve em caricatura a impressão burlesca das coisas e em insulto a impressão hostil dos homens, a familiaridade e a audacia das invenções comicas, a vivacidade irreverente do artista inimigo das convenções sociaes, e a perfeita elegancia do mundano capaz de dominar-se e calcular os golpes, eis as qualidades que distinguem a sua ironia. A intemperança da imaginação e da sensibilidade importada para o dominio da creação pura dá de si esses dois livros singulares, o *Mandarim* e a *Reliquia*, que é impossivel lêr sem ficar deslumbrado pela agilidade e esplendor da phantasia e subjugado pelo poder contagioso da effusão sensual e mystica. Mas esses dotes que por si só bastavam para constituir um grande poeta, iam ser aproveitados e disciplinados pela nova concepção do romance. A preponderancia do romance analytico na litteratura franceza suggeria-lhe um campo excellente para exercer a sua actividade artistica. E a sua reconhecida superioridade não o abandonou n'este novo terreno. Flaubert teve n'elle um discipulo e um discipulo que honra o mestre. As qualidades que elle importava para esse novo campo de producção eram uma notavel finura de sentidos, uma grande experiencia das paixões, uma subtileza aguda de casuista e um tacto consummado de mundano, uma frescura de impressões propria de quem viveu e viu mais que meditou e leu, e em resumo um espirito

em que a percepção externa se equilibra com a observação interior. Juntem-se-lhe os talentos litterarios, o dom da descripção, da narração e do dialogo e emfim uma nervosa perspicacia em manejar o instrumento da palavra. Todos estes dotes apparecem com plenitude no seu primeiro grande romance, manifestos em paizagens coloridas e nitidas, em caracteres vivos, em situações dramaticas, em transcripções perfeitas da conversação e do dialogo, em analyses penetrantes da tentação e da seducção, na pintura das impulsões e dos desejos, e na creação das figuras femininas. Mesmo as qualidades que poderiam prejudicar eram aproveitadas, como a Phantasia na psychologia do Sonho. Todos estes dotes, apurados pelo exercicio, coordenados por um methodo cada vez mais seguro, e alliados a uma sciencia consummada da composição determinam a superioridade do *Primo Bazilio*, livro magistral e quasi perfeito, producção culminante do romance portuguez comparavel ás obras-primas do romance estrangeiro, bella galeria de figuras cheias d'um interesse geral humano e especial portuguez, e entre os quaes avulta essa creação da criada Juliana que faria por si só a gloria d'um romancista. Finalmente a composição dos *Maias* veio completar uma lacuna que havia na sua reproducção da Vida. Passando do drama burguez á tragedia aristocratica, Eça de Queiroz empregava a sua capacidade de amar e crear a belleza, e aproveitava a sua experiencia do mundo superior, na evocação das figuras nobres e na pintura dos meios requintados.

XI

Emquanto Eça de Queiroz renovava o romance, o seu velho amigo e collaborador nas *Farpas*, Ramalho Ortigão abria um campo novo na critica dos costumes. Robusta e sympathica figura, alma equilibrada e sã, os seus livros são o reflexo do seu espirito. Quem os lê, nota logo os quatro traços que os dis-

tinguem, a preponderancia da imaginação physica, o amor da observação minuciosa, a rectidão dos instinctos moraes e o talento da notação exacta. Pela imaginação physica elle reproduz a realidade nos seus aspectos corporaes, fórmas, côres, movimentos, agrupamentos e successões com uma fidelidade e uma abundancia de que não ha dois exemplos na nossa litteratura contemporanea. Pelo seu amor da observação minuciosa, adquire e archiva na sua memoria uma quantidade prodigiosa de pequenos factos, materia, feitio, proveniencia, qualidades, preços, usos dos objectos, physionomia, gestos, naturalidade, occupação, relações, gostos, costumes, vestuario das pessoas, e mais uma profusão de receitas, conselhos, contas, casos de experiencia caseira e sabedoria pratica, tudo afogado n'um diluvio de anecdotas através do qual sorri animada a sua bella face de gigante amavel. Para transmittir essa multidão de dados e pintar essa profusão de aspectos dispõe e usa de uma prosa abundante, pittoresca, technica, naturalmente rica e continuamente enriquecida. A cifra total, e a facilidade com que mobilisa o seu exercito de palavras, é na verdade surprehendente. Os vinte ou trinta dialectos profissionaes cujo conjunto constitue uma lingua culta, conhece-os bem e usa-os com acerto, salvo o dialecto dos philosophos. Finalmente todos estes recursos são postos ao serviço d'uma idéa nobre de reforma dos costumes em harmonia com um ideal. Esse ideal não é um fim transcendente como o dos temperamentos religiosos, nem a vida intensa e multipla como o das naturezas artisticas, nem a comprehensão cabal como o das vocações scientificas. É um ideal de saude, honra, força physica e energia moral, inclinada a considerar a vida como uma série de actos uteis a nós e aos outros, inscripta entre dois mysterios a que é inutil e mesmo ridiculo tentar vêr o fundo. Estas qualidades e estas tendencias manifestam-se plenamente na interessante collecção das *Farpas*, pintura fiel e vasta da Sociedade portugueza nos seus aspectos exteriores, e nos bellos livros de viagem sobre a Inglaterra e a Hollanda. Lendo-os é impossivel não apreciar e sympathisar com esta vigorosa individualidade litteraria, mais feliz

quando emprega os recursos da sua observação exacta e a rectidão dos seus instinctos moraes na pintura e na reforma dos costumes, que quando improvisa explicações e theorias a que não o destinam nem a natureza nem a cultura.

XII

Emquanto a Poesia, o Romance, a Historia, a Critica apresentavam representantes eminentes e obras de subido valor, definhava e agonisava uma especie litteraria cujo caracter proprio é resentir-se immediata e directamente das vicissitudes do estado social que a produz. Refiro-me ao Theatro. A historia das litteraturas ensina que a floração e a superioridade das producções scenicas é condicionada pela presença d'uma communidade de sentimentos e d'um accordo de opiniões na consciencia collectiva. Ora se nós examinarmos a nossa vida nacional nos ultimos cincoenta annos veremos que não se encontra n'ella nenhuma d'essas forças capazes de produzir uma connexão effectiva no dominio das manifestações do espirito artistico. Nem uma perfeita harmonia da vida privada com a vida publica como na Grecia de Sophocles, nem uma vigorosa expansão naturalista como na Inglaterra de Shakespeare, nem a energia do fanatismo e do patriotismo como na Hespanha de Lope, nem a preponderancia e a perfeição da vida de salão como na França de Racine. Nem crenças religiosas, nem sentimento nacional, nem superabundancia de vida instinctiva, nem a perspicacia critica do tacto mundano se manifestam n'um paiz em que o contacto com as idéas europeas ataca as crenças tradicionaes, em que a maior facilidade das comparações e a consequente consciencia da pequenez propria supprime o orgulho patriotico, em que a pobreza, a sujeição e a preponderancia invasora da burocracia prejudicam a altivez e o vigor do animal intacto, e em que finalmente a ausencia d'uma grande aristocracia e tam-

bem uma incapacidade de genio, impedem a apparição da perfeita vida mundana. Em plena florescencia da innovação romantica, no fervor moço das crenças liberaes, quando a guerra da independencia e as luctas civis acabavam de tonificar a fibra nacional e pelo estudo do seu passado o paiz retomava consciencia de si mesmo, Garrett tentou resuscitar o nosso theatro. D'este esforço só ficou a collecção de obras-primas do mestre. Já era um triste symptoma que a producção culminante do periodo fosse essa tragedia do *Fr. Luiz de Sousa,* que na verdade pathetica das creações e das situações é como que o retrato da alma nacional contemporanea e o drama cyclico da nossa decadencia. Os continuadores de Garrett não estiveram á altura da tarefa e não lograram sustentar uma corrente valiosa de producção scenica. Nem admira, expostas as razões que acima enumeramos. Comtudo ha um meio para estimular a creação dramatica na ausencia das vivas causas espontaneas: é a actividade critica. É por ella que a Allemanha de Lessing, de Schiller e sobretudo de Goethe, vem ajuntar uma nova e abundante messe de obras superiores ao thesouro do theatro europeu, e acrescentar uma nova fórma á série de fontes de creação dramatica. Será esta estrada seguida entre nós? Não o podemos prevêr. Seja porém qual fôr o futuro do nosso theatro é conveniente consignar aqui um testemunho de calorosa sympathia ás tentativas que nos ultimos annos tem procurado levantar o nivel do theatro portuguez pela creação de obras originaes e despidas d'um puro intuito de lucro.

XIII

As sciencias sociaes e a investigação historica são representadas no ultimo periodo por dois homens superiores dotados d'uma variedade de aptidões raras e d'uma energia infatigavel de trabalho: Theophilo Braga e Oliveira Martins.

Aquelle que percorre o conjunto dos escriptos de Theophilo Braga é igualmente surprehendido pela abundancia e variedade de generos como pela facilidade e superioridade da producção. Conheço poucos homens dotados de tanto talento e de tantos talentos. A sua vocação é polytechnica. Poeta, é-o pela energia da sensibilidade, pela sinceridade da paixão, pela tenacidade das crenças, e finalmente por um tino singular em vêr o lado epico dos acontecimentos historicos. Critico, é-o, e dos mais valiosos, pela sua rara intuição do que ha de verdadeiro e profundo nas obras d'arte, pela sua elevada concepção das litteraturas como productos sociaes e instrumentos de cultura, pela sua vasta erudição e pelos seus habitos de comparação. Psychologo, é-o pela sua percepção dos meios e das épocas, e pela sua penetrante ainda que intermittente adivinhação dos caracteres. Philosopho, é-o pelo seu amor das idéas vastas, pela sua capacidade das operações abstractas e pela sua comprehensão geral ainda que mecanica do mundo. Todos estes dotes de erudição e generalisação se encontram na sua *Historia da Litteratura Portugueza*, combinados e um pouco prejudicados por um tom de aggressão e instinctos de polemica e revolta. É que todos estes dotes são empregados por uma organisação de reformador e sectario. «O fim do homem é a acção»: este aphorismo de Voltaire resume a sua concepção da vida. A aptidão polytechnica anda n'elle ligada ao temperamento apostolico. D'ahi o fluxo inesgotavel da sua producção de propaganda e combate, a rapidez de execução dos projectos litterarios, o descuido voluntario da fórma proprio de quem considera o livro como um instrumento e a litteratura como uma acção, a dureza na refutação e a rudeza na discussão, o tom inflammado e decidido das affirmações, a intransigencia obstinada nas theorias, e o habito de tratar os adversarios como inimigos seus e da Verdade. Aberrações que acompanham a grande faculdade de crêr e querer, e que se exageram naturalmente n'um pequeno paiz em que tudo vai mal, e em que a Sciencia para ser attendida tem de revestir a fórma do escandalo. Todos estes traços, juntos á necessidade de idéas palpavelmente nitidas,

explicam o seu Positivismo, doutrina que satisfaz as necessidades de affirmação e os instinctos de negação do seu espirito, e que sendo uma coordenação limitada dos phenomenos naturaes e uma organisação humana do mecanismo social, se coaduna plenamente com á sua aversão pelo regime theologico e a sua prevenção contra as explicações metaphysicas.

Tres traços caracterisam o vulto litterario de Oliveira Martins. A imaginação psychologica, a sensibilidade moral e a capacidade das ideias geraes. O primeiro traço produz a abundancia e vivacidade dos seus retratos, em que os individuos são apanhados na plenitude e flagrancia das suas physionomias, e explicados em todos os pormenores importantes da sua organisação. É ainda o mesmo traço que explica a qualidade das suas paizagens que são menos a cópia dos contornos e das manchas do que a notação das impressões recebidas, e que se poderiam definir como a transcripção moral dos aspectos physicos. O segundo traço, a sua sensibilidade de moralista, determina a ausencia de expansão naturalista no conjunto da sua obra, inspira uma concepção vigorosa e severa da Vida, e ditalhe o corpo das suas opiniões politicas e juridicas sobre a Propriedade, a Familia, o Estado, o Amor e o Casamento, a Guerra e a hegemonia das raças superiores, a pena de morte e o direito de punir, juizos igualmente afastados d'uma philanthropia epicurista e d'um radicalismo impraticavel, e que elle resumiu n'uma phrase quando escreveu que o amor dos homens é o amor da dignidade humana. O terceiro traço, a capacidade das idéas geraes é mais propriamente d'um critico que d'um philosopho, e habilitando-o a coordenar a sua experiencia da Vida n'um todo coherente e restricto, excluc-o d'uma comprehensão total e sufficiente do Universo. É que n'elle o trabalho de generalisação se realisa guiado e limitado por uma prudencia desconfiada que raia no scepticismo. Estes caracteres, juntos ao talento litterario da descripção viva, da narração veloz e aos recursos d'um estylo inventado em todas as suas partes, compõe a sua vocação de historiador. A capacidade das idéas geraes empregada na explicação dos movimentos de vida colle-

ctiva e a hombridade de caracter applicada á comprehensão do genio peninsular, determinam a producção da *Historia da Civilisação Iberica*. O talento de narrar, de pintar os caracteres e de descrever as paizagens como componentes na formação dos caracteres, empregado na reproducção da nossa vida nacional desde as origens, dão de si a *Historia de Portugal*. Finalmente todos estes dotes juntos a uma admiravel isenção critica, a uma coragem pouco vulgar, a um perfeito bom-senso e a um conhecimento cabal da materia tratada, concorrem para a producção da sua obra-prima *O Portugal Contemporaneo*. Livro magistral e educativo em que as mais profundas observações do moralista e as mais graves previsões do politico se entremeiam com uma multidão de retratos dignos de Velasquez.

XIV

Se lançarmos os olhos sobre o conjunto da nossa producção litteraria n'este seculo veremos que não nos falta a capacidade, mas o que escasseia é uma forte corrente directriz de actividade critica. A ausencia d'esta acção salutar explica o naufragio de tantas vocações que convenientemente aproveitadas poderiam manifestar-se por uma producção valiosa. Se interrogarmos a Critica sobre o que nos convém fazer para não nos deixarmos afundar na esterilidade e na ruina intellectual, ella nos responderá com tres conselhos: 1.º A regressão ao genio nacional, pelo conhecimento das nossas aptidões ethnicas peninsulares e especiaes portuguezas, pela preferencia dada aos themas nacionaes nas creações litterarias, e pela convivencia com os nossos grandes mestres da Renascença e do Romantismo. 2.º O estudo das litteraturas estrangeiras no que ellas possam ter de largamente humano ou particularmente analogo ao nosso genio. 3.º A elevação da cultura philosophica que na apparencia estranha á Litteratura e á Sociedade inspira a pri-

meira e governa a segunda, e pela sua auseneia ou inferioridade determina a deeadeneia e a morte de ambos. Todos estes tres elementos não abundam entre nós. A nossa indifferença pela litteratura naeional é eompleta, e este funesto esquecimento é igualado pela nossa ignoraneia das litteraturas estrangeiras, limitada a nossa euriosidade aos sueeessos ruidosos e ephemeros da livraria faneeza. O nivel do pensamento philosophico é entre nós muito inferior, e se um grande poeta traduz nas suas ereações lyrieas as verdades e os sonhos do monismo germanico, se um historiador illustre submette toda a sua aetividade á diseiplina positiva, se um professor eminente emprega a sua rara capaeidade de abstracção e a sua inexeedivel precisão de linguagem em transmittir n'um instituto superior a doutrina neo-kantista, estes exemplos são raros. A maioria vive n'um materialismo rasteiro ou n'um positivismo exteriormente comprehendido. Á geração que se levanta abre-se pois um vasto campo d'aetividade e reforma. N'este eampo, largo é o terreno para a creação litteraria e opportuna a intervenção do espirito critieo.

Moniz Barreto.

OS FILHOS DE D. JOÃO I

Inclyta geração, altos infantes.
CAMÕES, *Lus.* IV, 50.

I

A CÔRTE E O CONSELHO

Em 1411 Castella assignára o tratado de paz comnosco, reconhecendo a dynastia sahida da revolução de 1383. O periodo da crise aguda póde porém dizer-se que acabára logo em 1387, quando, aos trinta annos, D. João I desposou D. Philippa de Lencastre que tinha vinte e nove. Foram quatro annos de lucta incessante; depois a hostilidade prolongou-se, mas n'um estado chronico e manso, como succedia geralmente ás guerras europeas antes do fim do seculo XVIII.

Tambem o casamento do rei trouxe comsigo uma alteração completa no caracter e nos costumes da côrte portugueza. É sabido que essa alliança procedeu da liga politica celebrada, contra Castella, entre o Mestre d'Aviz e o duque de Alencastro (como diziam os portuguezes d'então), pretendente á corôa castelhana. O duque sahiu de Plymouth com uma esquadra que, dispersada pelos temporaes, veio em parte entrar no Porto, em parte em Lisboa, em parte em Setubal. Eram uns oitocentos homens de armas, commandados por capitães mais ou menos celebres nas campanhas de França que encheram todo o seculo

XIV, prolongando-se até meado do seguinte: Reinaldo Cobham, Pedro Cressyngham, Elias Blithe, Roberto Grantham, Thomaz Dale, e outros aventureiros que n'esses tempos de agitação violenta andavam por terra ás prêsas. Portugal, em grande parte devedor da sua independencia ao auxilio dos Cruzados, procurára, na crise inicial da sua gloriosa dynastia d'Aviz, o soccorro dos mercenarios inglezes assoldados por principes que já não iam resgatar o Sepulchro Santo, mas sim conquistar thronos em que regaladamente pudessem gozar as delicias da vida. Sahia-se gradualmente do illuminismo medieval.

Inglezes nos ajudaram no dia triumphante de Aljubarrota; e a sua tactica, victoriosa em Azincourt, dera já em 1385 a victoria ao Mestre d'Aviz, desmantelando a cavallaria castelhana e sagrando-o rei. Conquistára a corôa: podia celebrar allianças. Pela ingleza que d'então continuou até hoje, com mais ou menos contestado proveito, o duque de Lencastre obtinha do rei de Portugal direito de passagem e auxilios de gente para a sua empreza castelhana, desistindo das pretenções sobre as terras lusitanas que andavam incluidas para os nossos inimigos na categoria de rebeldes [1].

D'esses tratados de 1386 e 1387 veio o casamento do rei D. João com a filha do duque de Lencastre, e do casamento uma idade nova para a côrte portugueza que durante a primeira dynastia não sahira d'um estado semi-barbaro, oscillando entre a brutalidade da vida guerreira e a carnalidade dos prazeres animaes, apenas temperada pelos instinctos de ordem que dictavam as leis, pela necessidade do interesse que inspirava a politica, alternando o terror do inferno com o embrutecimento da sensualidade, e acabando n'uma positiva orgia de impudicicia, tão desbragada que offendeu a curta castidade dos tempos, fazendo esquecer, pelas afflicções da desordem e das guerras, o muito bem que o pobre rei D. Fernando fez ao paiz sobre que desgraçadamente reinou.

[1] V. a acta da doação em Sousa, *Hist. Geneal. Provas:* n. 3 da III p., tomo I, 354.

Como a açucena candida, levantando-se de um chão negro apaúlado, ergueu-se da seára de gente cega a figura ingenua de Nunalvares, esse exemplo raro de uma encarnação immaculada da virtude forte: Nunalvares, o precursor da idade dourada em que Portugal ia entrar, e que lhe abre com as chaves da innocencia as portas do templo da gloria.

O Mestre d'Aviz fôra em rapaz manhoso, atrevido, audaz sim, mas nunca temerario. A temeridade só é concedida aos que trazem na alma alguma scentelha divina. A castidade, essa flôr gemea da cavallaria, que namorava o condestavel e acabou pelo vencer com o cilicio e a estamenha do seu santo claustro do Carmo, não seduzia o principe. Nas suas cavallarias alemtejanas, á volta de alguma monteria aos lobos, ou aos castelhanos, perdeu-se pelos olhos negros da filha de Mendo da Guada, em Veiros. Amou-a, seduziu-a, e trouxe-a para o convento de Santos, em Lisboa. O velho Mendo, de raiva, não cortou mais as barbas, d'onde lhe puzeram por alcunha o Barbadão. « Não havereis já de acabar com essa melancolia ? » perguntou-lhe uma vez a rir o Mestre, passando em Veiros de cavalgada. « Sim : quando acabar comvosco ! » e arremetteu n'uma furia. Um galão do cavallo salvou o Mestre que partiu scismando. O Barbadão era o riso respeitoso das gentes de Veiros ; mas conformando-se afinal, veio á côrte e recebeu as mercês do rei. Das travessuras da mocidade trazia, pois, comsigo D. João I um filho, duramente amamentado na escóla dos acampamentos. A inferioridade relativa imposta pela bastardia no seio de uma côrte que depois timbrou na modestia até ao exagero, azedou o caracter do conde de Barcellos, accendeu-lhe a cubiça, e, como a todos os bastardos, pôz-lhe na alma aquella semente de inimizade e despeito, todavia fecunda para os homens que ambicionam sobrelevar aos mais, não pela grandeza do proprio espirito, mas pela acção material, isto é, pelo imperio que exercem sobre os seus semelhantes, dominando-os, ou deslumbrando-os.

O condestavel de Bourbon escreveu na sua espada *Je percerai*, e a sua espada, através de mil perfidias, manchada por cem traições, penetrou, abrindo-lhe o caminho do throno. O bas-

tardo de D. João I, insaciavel, avido de vingar pelo poder e pela riqueza a inferioridade da sua origem, perante irmãos mais nobres a todos os respeitos, conseguiu penetrar tambem, subir, voando como falcão ou rojando-se como serpente, trepar, até sobre o cadaver do desgraçado de Alfarrobeira, e, ganhando afinal com o ducado de Bragança um logar ao lado dos duques de Vizeu e de Coimbra, fazer d'elle o degrau que levou tambem ao throno os seus herdeiros.

Era porém uma criança ainda, tinha dez annos apenas [1], quando seu pai se casou: embora n'esses tempos agitados os homens se formassem muito mais depressa. Era uma criança quando em 1387, no Porto, se celebrava, um tanto avessamente, o casamento de D. João I, que parecia não arder em extremos de enthusiasmo por essa alliança. Trazida ao Porto, a princeza ahi ficára só, sem o pai e sem o noivo, que ambos tinham partido para a campanha. D. Philippa era já uma mulher feita: tinha vinte e nove annos, um anno menos do que o rei. Era boa, suave, loura, grave e serena, como as inglezas são, embora tenham dentro em si uma de duas coisas, ambas fortes: ou o sentimento arraigado do dever, ou a violencia indomavel da paixão. Talvez por isso mesmo não seduzisse logo o temperamento expansivo e meridional de D. João I; mas por isso mesmo o dominou com o tempo, transmittindo aos filhos a sua gravidade e a sua virtude saxonias, e produzindo a mais bella especie de cruzamento.

Era possivel tambem que o rei hesitasse em casar-se com a filha de um homem tão desbragado como o duque de Lencas-

[1] Pomos o nascimento do bastardo de D. João I em 1377, que é uma das duas datas adduzidas. Sousa, na sua *Hist. geneal.* contesta-a preferindo 1370, o que parece inadmissivel. D. João I nasceu em 1357, como se vê na propria *Hist. geneal.* II, 5, e se o conde de Barcellos tivesse nascido em 1370, como se diz no tomo V, 5, seguir-se-hia que o Mestre d'Aviz teria tido um filho aos treze annos, o que, apesar da precocidade dos homens do tempo, é impossivel. Admittindo 1377, o Mestre contaria vinte annos ao ter o seu primeiro filho, que fallecendo, como falleceu, em 1461, viveu oitenta e quatro annos. De outro modo teria vivido noventa e um, o que não é impossivel, mas seria excepcional.

tre. Quem lhe assegurava que debaixo da face hieratica da princeza, sob o seu gesto ingenuo e grave, se não abrigavam lodos como os que tambem se encobrem sob o espelho azul, sereno e transparente das lagôas? Fôra educada com os peores exemplos. O duque vivia escandalosamente, debaixo das mesmas telhas, com a mulher e com a amante, Catharina Bonet, que tirára ao marido, dando-a por mestra ás filhas [1]. Formada por tal preceptora, a princeza, com eficito, não devia offerecer garantias, sem embargo do seu ar de santa.

Os factos porém mostraram que o proprio exemplo da devassidão paterna exercera, como tantas vezes succede, uma acção salutar no animo da filha. Reagiu. Não era uma criança ingenua: era mais e melhor, era uma mulher decidida a ser boa, por isso mesmo que vira e observára de perto a maldade. Esta força de reacção, esta energia moral, que sem duvida alguma formavam o caracter da rainha, dando-lhe a serenidade augusta da sua face, são o dote inestimavel da gente saxonia. Vivem de si e não, como os meridionaes, das impressões externas que recebem. Teem o orgulho ingenito, inaccessivel á vaidade que nos move. Governam-se pelo pensamento ou pelo sentimento, sem attenção ao tumulto do mundo que passa. São a gente subjectiva, poetas até á raiz dos cabellos, ao passo que nós, meridionaes, artistas incorrigiveis, preferimos viver a vida que corre, alegremente, sem fadigas d'alma, á lei da natureza. A vida para elles é uma tarefa, ordenada por um dever: para nós uma festa, ou um sacrificio. Por isso fazemos pouco d'ella, e n'isto consiste a nossa superioridade, porque muito mais facilmente somos capazes de heroismo.

D. João I ignorava, porém, o que haveria para dentro d'essa face de mulher, serena e fria, sem outra belleza mais do que o dourado dos seus cabellos, côr de trigo em junho, a alvura da sua pelle, rosada nos labios, finos e sem torturas ex-

[1] Concupiscentia excæcatus, nec Deos timens, nec homines erubescens, habebat... quandum Karterinam... alienigenam in familia cum uxore sua. — Knyghton, *De Event. Angliæ*, 2542.

pressivas, e o azul — falso ou verdadeiro? — dos seus pequenos olhos de ingleza. Nenhuma coisa o encantava. Para mulher, não era isso que o desejo lhe pedia; para esposa, receava, lembrando-se das historias do sogro. O casamento, portanto, fez-se politicamente, por calculo. Era o ultimo artigo do tratado de alliança que lhe dava força contra Castella. Fez-se com as festas rituaes, apressadamente, no intervallo de duas manobras militares.

D. Philippa hospedára-se nos paços do bispo no Porto, dentro do estreito cereo dos muros de D. Muninho, levantados por occasião da reconquista aos mouros. Esse cinto de altas muralhas negras era uma construcção quasi cyclopica de enormes quadrados de granito por cimentar, flanqueada de torres massiças, dentada de ameias que no céo pardo recortavam as suas pontas, como espinhos d'algum monstro. Encerrava o baluarte dos poderosos bispos do Porto, sempre rivaes dos pequenos principes portucalenses. Subia até ao Cimo-de-villa, descendo em linha recta sobre o Douro por um lado, e pelo outro ladeando a collina desde o antigo castello suevo da Portaventosa até á Ribeira, onde ficava o postigo dos Banhos. O paço dos bispos, ameado e torreado, levantava-se no topo da collina com imperio, sobre a ladeira ingreme de que os socalcos das ruas lobregas faziam um throno de casaria. Para fóra dos muros, a poente, ia-se estendendo o burgo hostil que a rainha D. Thereza doára ao bispo Hugo, legando uma origem de permanentes contestações e amiudados tumultos.

Lá no fundo o Douro, apertado entre penedias de granito, corria tristemente, ennegrecido pelas mattas dos pinheiraes que trepavam pelas margens. A poente, contra San Domingos e a rua do Souto, onde estava construida a arena dos torneios para as festas do casamento, eram, em Miragaya, os limites do couto episcopal de D. Hugo, e do couto visinho dos priores de Cedofeita, outra cidade, terceiro Porto, que vinha juntar-se ao burgo e á cidadella dos bispos. Cedofeita, a velha capella de S. Martinho de Tours, onde a tradição reza ter sido baptisado Theodomiro, nos tempos remotos da queda dos romanos, obtivera

tambem de D. Thereza o seu couto que se alastrava por toda a metade occidental do Porto, mosqueado pelas aldeias e casaes dos colonos contratados pelo cabido [1].

Para o nascente, inclinando em pinheiraes até ao esteiro de Campanhã, alongava-se o môrro da Batalha com o seu Padrão, em memoria dos assaltos sangrentos dos mouros ao Porto, bravamente defendido pelo conde leonez D. Hermenegildo (920); divisavam-se mais para longe n'uma paizagem franca e luminosa os campos de Rio Tinto, assim chamado por ter corrido em sangue até ao Douro, quando o rei Ordoño veio como um raio em defeza do Porto. D'esses combates remotos tivera agora a cidade a lembrança, acclamando em armas o Mestre d'Aviz, nas bravas luctas da guerra da independencia.

Por isso o casamento de D. João I era para o Porto uma festa. Ao repicar dos sinos da Sé, perdendo-se nas quebradas dos montes carregados de arvores, correspondia para além, distantemente, o sino alegre de Cedofeita: dir-se-hiam as campainhas de ovelhas conduzidas em rebanho pelo baculo do seu santo pastor Martinho... Toda a noite fôra de festa, danças e trebelhos, jogos e matinadas. O bom povo do Porto, na sua cidade triste, quebrava a monotonia dura da vida n'esse instante de folgança; e o tom pardo do granito, pardo como o ar nevoento e humido, dissipára-se de manhã quando a cidade acordou semeada de murta e rosmaninho, com as casas armadas como capellas. O proprio sol quiz ser da festa penetrando nas ruas lobregas, e pondo nas caras dos burguezes uma scentelha de vivacidade luminosa.

El-rei chegára de noite, na vespera, com o Condestavel, que vinha assomado e colerico. Mais velho que o rei, a quem fizera, não se limitava a aconselhal-o: reprehendia-o. Por vezes, vendo-se contrariado, tomava-o tal furia que tremia a ponto de vacillar sobre os joelhos [2]. Hospedaram-se em S. Francisco, no

[1] V. o foral para povoação, dado pelo Prior de Cedofeita D. Nuno, em 1237. nos *Portug. Mon. Histor., Leg. et Cons.* II, 627.

[2] « E aquel Santo Condestabre por semelhante houve aquesto sentimento por

burgo, e logo de madrugada foram ao paço do bispo D. Rodrigo comprimentar a rainha. Preparou-se o cortejo. O pequeno espaço que vai desde o paço até á Sé estava coalhado de povo em gala. Uma orchestra de trombetas e flautas tocava. Montaram, a par, o rei e a rainha, em dois cavallos brancos cobertos de xaireis recamados de ouro, e coroados foram seguindo a procissão, sorrindo amoravelmente para o povo que os acclamava. O arcebispo de Braga, paramentado, levava pela redea o cavallo da rainha, atraz da qual iam as suas donas fidalgas a pé. Do lado do rei ia o Condestavel. Á porta da Sé, n'uma nuvem de incenso e n'uma côrte de prelados, o bispo D. Rodrigo de mitra, baculo e vestes de ouro pontificaes, esperava os noivos. Entraram, casou-os, e houve missa.

Da egreja voltaram ao paço, a comer. O Condestavel era o mestre-sala das bodas, e quando todos riam, na alegria da mesa, elle ria tambem, galhofeiro, com esse encanto simples dos temperamentos justos e espontaneos. Desafivelavam-se os cintos, vasavam-se as taças, engurgitavam-se as carnes. As donas fidalgas cantavam em côro, e em torno das mesas os rapazes exercitavam-se em saltos, trepando em cordas suspensas, ou em mastros. O dia passou-se d'esta fórma, acabando o banquete por um baile de roda em que todos, fidalgos e fidalgas, rei e rainha, dançavam: até o proprio Condestavel com a sua longa barba onde as cans dos quarenta annos, as cans dos trabalhos e das cóleras mal comprimidas, corriam como fios de prata alegre. Os bispos e os prelados, digerindo, riam.

Fóra o povo, n'um gritar delirante, aquecia ainda mais a sala do banquete, e pelas ruas, pelas hortas e campos da cidade desenrolava-se um manto de alegria. Em San Domingos havia torneios, por toda a parte festa, uma festa cujo oitavario durou quinze dias. Descahindo a noite, os prelados benzeram o

sobejamente se dar aos cuidados e desembargos em tanto que por semelhante se querer forçar pera ouvir alguma pessoa d'Estado lhe vinha tal agastamento que elle confessou que ja por ello estivera em ponto de cair em terra.» — D. Duarte, *Leal Conselheiro*, xx.

leito real [1] e D. Philippa, serena, grave, loura, encaminhou-se placidamente para a camara nupcial levada pela mão de seu marido.

*

Os primeiros dois annos foram estereis; mas logo em 1390 a rainha começou, com uma pontualidade ingleza, a produzir o seu filho annual. Em 1390 nasceu o infante D. Affonso que morreu de dois annos. Em 1391, D. Duarte que succedeu a seu pai no throno. Em 1392, D. Pedro, fadado para melancolicos destinos; em 1393, falha; em 1394, D. Henrique, o Scipião portuguez, inventor do imperio ultramarino; em 1395, D. Branca, fallecida na infancia; em 1396 provavelmente algum desmancho; em 1397, D. Isabel, que casou com o duque de Borgonha. Depois, a fecundidade cança: ha intervallos. Em 1400 nasce o infante D. João; em 1402, o pobre martyr de Tanger, o infante D. Fernando, Isaac effectivamente immolado por um Abraham terrivel, em holocausto ao genio quasi semita que nos impellia como phenicios para a aventura dos mares.

Foi o seu ultimo filho: D. Philippa acabou por gerar um santo, ella em cujo ventre se formára a semente de tão grandes homens. Quinze annos (1387 a 1402) de um procrear incessante: abençoadas entranhas! E durante este periodo, no vigor da vida, entre os trinta e os quarenta e cinco, o rei não teve um bastardo. Que singular mudança houvera nos costumes da côrte?

Diz-nos D. Duarte que o rei e a rainha fizeram casar mais de um cento de mulheres, entrando na conta as que elle proprio casou tambem, seguindo tão bons exemplos [2]. Não havia

[1] Fernão Lopes, *Chron. de D. João I*, II. 96.

[2] « Se disserem: poucas são as boas, eu digo que muitas em este caso, pois ao presente eu não sei nem ouço mulher de cavalleiro nem outro homem de boa conta em todos meus reinos que haja fama contraria de sua honra em guarda de lealdade; e passaram de cem mulheres que elrei e a rainha, meus senhores padre e madre, cujas almas Deus haja e nós casamos de nossas casas e prouve a Deus Nosso Senhor que alguma que eu saiba nunca falleceu em tal erro des que foi casada. » — *Leal Cons.*, XLV.

uma ligação illicita, nem um adulterio conhecido. A côrte era uma escóla. D. Philippa, pregando ao peito o seu véo de esposa casta, com os olhos levantados ao céo, não perdoava. Terrivel, na sua mansidão, trazia o marido sobre espinhos. De uma vez, reza a tradição, em Cintra, o rei esqueceu-se, e furtivamente pregou um beijo na nuca ou na face d'uma das aias: quando surgiu logo, accusadora e grave, sem uma palavra, mas com um ar medonho, a rainha casta e loura. D. João enfiado, titubeando, disse-lhe uma tolice: «Foi por bem!» Ella, partiu solemnemente. Eram ciumes? Não; só tem ciumes quem tem paixão. Era aquelle sentimento exclusivamente saxonio, para o qual tambem só ha palavra na lingua ingleza: era o *cant*, essa mistura inconsciente de orgulho e convenção que, ficando abaixo da religião do dever, está muito por cima da hypocrisia que é a simulação consciente d'elle.

Não ha sentimentos mais despoticos e absorventes do que estes sentimentos quasi artificiaes, em que a ingenuidade apparece enroscada pela convenção. A rainha não perdoava; mas que differença, entre a sua intolerancia hirta, e a virtude humana e espontanea, a virtude quente e alegre do Condestavel! O rei passára das mãos d'elle para as da esposa que fazia empallidecer esse valente quando o fitava com os seus olhos azues impassiveis. Felizmente, a rainha era virtuosa e boa com sinceridade.

No proposito firme de lhe obedecer, D. João porém excedia os limites da humanidade. Com a imagem da côrte em que nascera sempre diante dos olhos, a rainha exigira o casamento immediato de toda a gente. Nem requebros, nem amores, nada! o casamento crú e direito, como ordena a Santa Madre Egreja. Combinavam os enlaces, qual devia convir para fulana, ou vice-versa, de fórma que um dia um, outro dia outro, recebia a ordem terminante concebida n'estes termos: «Manda-vos el-rei dizer que vos façaes prestes para desposar de manhã.» Quem? «Não importa; lá o sabereis.» E assim se casou toda a côrte, sendo este um exemplo para convencer os romanticos do que a disciplina póde sobre os homens; pois a geração d'esse tempo

que por taes processos deveria produzir o cumulo da desordem, foi um perfeito modelo de força e virtude.

E ai d'aquelle que, por folia ou por paixão, não tomava a sério as regras da côrte. O *cant* é desearoavel, e ao serviço da preoeeupação da rainha punha o rei o seu temperamento violento de homem de guerra. D'aqui resultou a cruel tragedia de Fernando Affonso, amante d'uma dama da côrte, e dos validos mais queridos de D. João I que ás eseondidas lhe reeommendou juizo. Mas fel-o, provavelmente, como estas coisas se passam entre amigos: rindo. Elle, pelo menos, não tomou o caso a sério, e, simulando uma viagem a Santa Maria de Guadalupe, devoção muito em moda no tempo, metteu-se na aleova da aia para rezar. O rei, que o soube, talvez ainda risse, mas demittiu-o. O rapaz aceitou a demissão, para o quarto da dona onde se foi aninhar, e onde el-rei o mandou prender. Começava a ser grave. No caminho da prisão, Fernando Affonso, á cautela, fugiu para Santo Eloy. Na côrte ia um borborinho com tudo isto, e a rainha devia considerar o caso uma abominação. Foi ella que obrigou o marido a sahir? Não se sabe; mas o facto é que D. João I largou do paço (d'apar S. Martinho, junto ao Limoeiro) n'uma furia. Deixára em meio a sésta, e sahiu mal vestido, coberto com um mantéo, em ceroulas, correndo a pé para a egreja onde o desgraçado se asylára, subindo ao altar e abraçando-se á imagem da Virgem. Pois ahi mesmo o mandou o rei prender, sem attenção ao direito sagrado de asylo, que era uma das valvulas de segurança inventadas pela crença ingenua contra a violencia dos tempos. Para o prenderem, os homens do rei, tiveram de despedaçar a Virgem que veio do altar abaixo com elle. Adultero, ficava sacrilego. No dia seguinte, logo, sem processo, o rei mandou queimar vivo o desgraçado no Rocio [1].

Hoje, o *cant* não dá logar a tragedias d'esta ordem. Os costumes são outros, outros os nervos; mas o *cant* é como sem-

[1] Fernão Lopes, *Chron.* II, 139. Sobre a tragedia de Fernando Affonso teceu A. Herculano o seu romance do *Monge de Cister*.

*

pre foi o mais desapiedado, o mais absorvente e tyranno despotismo. D. João I obedeceu-lhe tanto que se transformou; acabando por dar o tom e ser o typo que serviu de nobre exemplo a seus filhos. Devoto, occupava-se na traducção das *Horas Mariannas;* litterato, escrevia o livro da *Monteria* [1]: por isso os filhos todos, mais ou menos, mas principalmente D. Duarte e D. Pedro, se crearam com a devoção das letras e principalmente das letras mysticas. Lançada esta semente no torrão fecundo da alma nacional, enthusiasticamente affirmativa, desabrochou, tres ou quatro gerações depois, n'essa poderosa vegetação do delirio catholico que deu de si a época de D. João III.

Agora, na alvorada dos dias de fogo e sangue, a luz apparecia suavemente diffusa; o mundo apresentava-se como uma dôce e attrahente harmonia; e as paixões transcendentes, ainda em botão, serviam apenas para corroborar, com a sua auctoridade superior, os preceitos da vida pratica. Encarada a essa luz, a existencia apresentava-se como um dever sagrado e o reinar como um officio duro. D. João I, conta seu filho, sentindo os cargos do rei, em uma roupa fez bordar um camelo, por ser besta de maior carga, com quatro saccos, em que eram postos sobre cada um estas letras: no 1.º temor de mal reger; no 2.º justiça com amor e temperança; no 3.º contentar corações desvairados; no 4.º acabar grandes feitos com pouca riqueza [2]. Estavam em moda as devisas e motos symbolicos. N'estas quatro expressões syntheticas se resumiam com effeito as idéas publicas do tempo. Via-se o genio do bastardo de D. Pedro I herdando do pai a economia: obter grandes resultados com pequeno gasto; via-se o desejo de ser bom e amoravel, tomando a realeza como um patriarchado, qual fôra tambem o de D. Pedro; via-se porém, finalmente, um sentimento que é novo: o medo de mal reger, o escrupulo, o receio de errar, que faz do officio dos reis um peso capaz de carregar um camelo.

Este apparecimento do escrupulo, exprimindo a noção do

[1] *Leal Cons.*, XXVII.

[2] *Idem*, L.

dever, traduz a nova face transcendente que a vida adquiria. A vida era uma coisa séria; reinar, a mais séria das occupações. O rei começa a sentir-se o orgão da nação e a chave da abobada do estado, que apparece como uma construcção ideal, ou por outra, uma obra d'arte. Foram-se os tempos ingenuos do instincto barbaro, que fazia dos principes instrumentos cegos da valentia e da cubiça proprias, e dos povos seus rebanhos; foi-se tambem o fetichismo antigo que os prostrava de rastos diante da clerezia, trementes com medo do inferno. A philosophia entra na côrte: uma philosophia moralmente infantil, misturada com superstições astrologicas, mas philosophia em todo o caso, isto é, o amor do saber e a obediencia aos dictames da reflexão. Foram-se esses tempos antigos, e estão distantes ainda as idades vindouras em que a amarga lição das coisas ensinará o scepticismo, e em que o duro officio de reinar parecerá o ocio commodo que Deus dá aos principes para seu regalo [1].

A moda das devisas e motos, importada com outros inglezismos, pelo casamento de D. João I, moda feudal que nos chegou em francez por serem normandos que a tinham levado com o feudalismo para Inglaterra: essa moda importa pouco em si, mas significa muito, porque as devisas da familia d'Aviz exprimem todas a nova ordem de idéas que a côrte respirava e de que vivia. Facto é porém que o formalismo ritual da Cavallaria veio dar corpo, e portanto consciencia e consistencia, aos sentimentos de galhardia e lealdade portuguezas, expressos em numerosas lendas historicas, e encarnados no vulto epico do Condestavel, que não era menos nobre, nem menos bravo, do que foram depois os homens educados pela leitura dos Amadis. O Mestre d'Aviz, todavia, primeiro rei estrangeiro que entrou na «santa confraria da Garrotea» abriu um logar á fidalguia nacional nas côrtes da Cavallaria europea.

Mas as devisas da côrte hão de estudar-se pelo que revelam, e não como simples jóguetes quasi infantis. Tudo era sé-

1 *Quod commoda da Deus nobis hæc otia.* — Leão X.

rio. A rainha adoptára o moto, conciso e simples como ella propria, *Pour bien:* o moto que o rei mandou pintar no tecto da sala de Cintra e que lhe suggerira a tangente salvadora, quando fôra o caso do beijo furtado á dama. *Pour bien,* para o bem, era a summa da sua existencia consumida em afeiçoar os filhos ás regras do dever e da religião. *Desir,* foi o moto de D. Pedro, enigmatico, ou vago, como effectivamente se desdobrou com o tempo o seu caracter, oscillando entre as obrigações do dever, e as congeminações nebulosas de um temperamento pessimista. Depois de Ceuta, adoptou por devisa, ou empreza, um rochedo atravessado por uma espada brandida pela mão que sae das nuvens, com a legenda *Acuit ut penetret.* É complicado, como o seu espirito; mas o timbre do seu uso foram as balanças, por uma devoção especial a S. Miguel, em cujo altar o depuzeram moribundo, em criança; e provavelmente pelo amor constante da justiça e da ponderação que sempre o distinguiu. O infante D. João adoptou por moto *J'ai bien raison,* e na sua vida breve cumpriu-o; como o cumpriu o infante D. Henrique, tomando para si *Talent de bien faire,* que traduzido significava, não a sciencia de proceder com acerto, mas sim a vontade de obrar com justiça. A primeira traducção foi, porém, historicamente, mais verdadeira.

Para si, o rei quiz *Il me plait,* e com razão, porque rarissimos viveram mais a seu gosto. Tudo lhe sahiu bem, a esse homem feliz. Conquistou o reino e sentou-se no throno acclamado pelo povo inteiro. Acertou casando, e teve a mais bella geração de filhos. Nunalvares coroou-o, e Joao das Regras sanccionou com leis o que o Condestavel traçára com a espada. Velho e viuvo, com os filhos á roda, commette a temeridade de ir a Ceuta, e, conquistando-a com a maxima facilidade, deixa em herança ao reino o caminho da gloria patente.

E no decurso do seu longo reinado de quasi meio seculo, transforma os costumes, as leis e até a chronologia [1], a este

[1] A éra *hispanica,* ou *de Cesar,* ou *safarense,* como os arabes diziam, foi abolida em 1422 em Portugal, adoptando-se officialmente a éra de Christo pelo

povo, que recebera agonisante e que entrega á historia reconstituido pela introducção de idéas moraes novas, e das novas leis que no seu tempo se restauravam na Italia, fazendo outra vez reviver o imperio das noções abstractas do direito antigo sobre que ia assentar soberana a monarchia. É de 1426 a carta régia em que D. João I remette á camara de Lisboa dois livros com as leis do codigo Justiniano, a glossa e as conclusões de Bartholo «para por ellas se fazerem livrar os feitos e dar as sentenças [1].»

Eram tambem as auroras do imperialismo que viria a desabrochar um seculo depois sob o influxo das idéas christãs, com os mesmos caracteres porém que tivera na Antiguidade, para levar tambem, outra vez e deploravelmente, os povos latinos á perversão do absolutismo antipathico. N'esta manhã de luz nada d'isso se descortina ainda. A fé é viva, o enthusiasmo ardente. O vento fresco das impressões novas agita os pensamentos, e, passando por sobre o paiz, vai beijar os mares visinhos, desenrolados perante a vista como uma tentação e um enigma.

O espirito generoso da Cavallaria, importado de fóra, toma entre nós feições e objectos indigenas. A *empreza* consiste n'um franco navegar para o bem, com as velas cheias pela viração da sciencia e da fé, que ainda sopravam accordes.

calculo pisano, que faz coincidir o anno 1 com o 39 da éra hispanica, de fórma que a reducção das datas da moda antiga faz-se eliminando 38 annos. Assim a reforma chronologica fez-se em 1422 ou 1460.

A éra christã fôra já anteriormente adoptada em outros estados da Hespanha: em 1350 no Aragão, e em 1383 no reino unido de Castella-Leão. Havia porém varias éras christãs: a da Encarnação, a do Nascimento e a da Ascensão; havendo além d'isso o *calculo pisano* e o *florentino*. Pelo primeiro, o nascimento de Christo é o primeiro dia do anno I; pelo segundo o anno I só começa um anno depois do mesmo nascimento. Para a concordancia das datas os dois calculos differem pois de um anno.

[1] «E vos poe estes livros na Camara d'esse concelho, presos por uma cadeia bem grande e longa. E não os deixeis ver a ninguem, salvo aquelles que feitos houverem ou a seus procuradores, ou se temerem de haver alguns feitos.» — Carta regia, em Fr. de Oliveira, *Annaes do Munic. de Lisboa*, I, 312.

*

Tanto isto é assim que, depois de celebradas as pazes de 1411 com Castella, o rei projectava levar a effeito um grande torneio internacional, festa magnifica em que armaria cavalleiros os tres filhos mais velhos, D. Duarte, D. Pedro e D. Henrique; mas estes observavam que festas não eram emprezas e o grau de cavallaria queriam ganhal-o, não queriam devel-o apenas a uma ceremonia ritual segundo os canones cortezãos.

Mas que empreza? perguntava a si propria essa gente, como ricos, sem saber em que gastar a opulencia de força e vida que os consumia. E um dos tres conselheiros da Corôa, João Affonso d'Azambuja, que com o arcebispo de Braga e João das Regras constituiam o ministerio de D. João I, segredou-lhe ao ouvido: Ceuta! [1] Reconquistar Ceuta que fôra a porta aberta á traição para os mouros entrarem na Hespanha, seria a mais gloriosa empreza, continuando nos Algarves de além-mar a guerra de tantos seculos que dera a Portugal por fim os Algarves d'áquem. Contra o mouro de Granada não se podia ir, a menos de voltar a accender a guerra com Castella, que já o considerava prêsa sua. O segredo e a reserva, toda a reserva, eram porém indispensaveis para tão arriscada empreza. O rei meditava, e piedosamente ouviu os seus confessores e os seus letrados mais intimos, mestre frey João Xira, o doutor frey Vasco Pereira [2], e decerto João das Regras. Todos concordaram que sim: faltava ouvir os filhos.

Os tres mais velhos eram homens feitos (1412). D. Duarte tinha vinte e um annos, D. Pedro vinte, D. Henrique dezoito. Os dois pequenos, D. João (doze annos) e D. Fernando (nove) não contavam ainda: estavam a cargo da mãi educadora já encanecida pelos seus cincoenta e quatro. O pai, que tinha um anno mais, começava a sentir os achaques da velhice, custando-

[1] Azurara, *Chron. de D. João I*, III, 7, 8 e segg.
[2] *Ibid.* 9.

lhe já o trabalho do conselho e do despacho. Attribuiam á mordedura de um cão damnado, que o fizera soffrer durante cinco annos, os espasmos ou syncopes de que por vezes era assaltado [1]: talvez fosse um cardiaco, hypothese verosimil com a vida que teve, cheia de agitação e duramente emocionada por largos tempos. O conde de Barcellos que n'esta éra contaria trinta annos, estava fóra da côrte, nas suas terras, em Chaves, onde enviuvára de D. Beatriz a filha do Condestavel, fallecida de parto [2]. A veneração pelo pai continha-o no seu despeito pela preferencia dada aos irmãos. Tambem elle era filho de D. João I... Mas não era filho de D. Philippa, a implacavel senhora!

Dos legitimos, os tres mais velhos, creados juntos, educados juntos, quasi da mesma idade, tinham crescido como vergonteas de uma mesma arvore, alentados pela mesma seiva, unidos n'um só amor, unanimes no respeito inexcedivel pelos paes, ligados entre si por uma amizade estreme. Mas — não ha na natureza dois sêres inteiramente iguaes — como ramos de uma mesma arvore, os filhos d'Aviz, á medida que cresciam, divergiam braccjando, cada qual segundo o seu feitio, para sua direcção no espaço. Já D. Duarte mostrava aquella virtuosa abnegação e a passividade que o matou; já D. Pedro accusava a inteireza de pensamento e as suas inclinações de philosopho, procurando, desejando sempre subordinar os seus actos a regras e indagando as causas moraes e materiaes das coisas; já D. Henrique, finalmente, menos escrupuloso do que o herdeiro da corôa, cuja virtude tinha o quer que fosse doentio ou pelo menos fraco: menos inteiro do que o antecessor, mostrava a força de um homem de acção, obedecendo cegamente a impul-

[1] «Por cinco annos d'isto foi mui sentido, havendo principal fundamento por uma cadella damnada que o mordeu. E tal pena sentia em desembargar que um dia recebendo uma informação, não sabendo sobre que era, o coração não lhe queria consentir que na mão a tivesse, e por elle o querer forçar, com suores lhe veio tal affrontamento que por força lh'a fez deixar e como a lançou sobre uma cama, ficou por então fóra de tal sentido como se cousa d'ello não sentisse.» — *Leal Cons.*, XX.

[2] *Cron. do Condestabre*, LXXVII.

sos que elle não contraría, ainda quando a razão e a consciencia lhe murmurem que póde errar. Dos tres, o mais humano era incontestavelmente D. Pedro. D. Duarte tinha na sua virtude o quer que é enfermiço e feminino; D. Henrique, votando-se á castidade, por obediencia aos planos que lhe enchiam o cerebro, sonhando cavallarias magnificas e emprezas estupendas, de um genero inteiramente novo, denunciava um temperamento de heroe, com a seccura, com a dureza, com a deshumanidade que as idéas fixas impõem aos homens.

Fôra elle quem insinúára a João Affonso d'Azambuja a idéa de Ceuta? Talvez fosse. O facto é que no seu pensamento a posse d'essa praça ganha uma importancia nova. A continuação da reconquista para além-mar não era apenas um desforço contra os mouros, nem a vingança da lendaria traição do conde Juliano: era o abrir a Portugal as portas douradas do Oriente vago e mysterioso, onde havia christãos com effeito, os christãos do Preste Joham, mas onde havia tambem as especiarias, os tecidos preciosos, o ouro fulvo, e tudo o mais que as caravanas traziam através do deserto, desde o mar Roxo, pelo Egypto, pela Tripolitana e por Argel, até ao reino de Fez, de que Ceuta era a Nova-York e Fez, como Washington, uma côrte apenas. Já talvez agora, no espirito quasi phenicio do infante, se desenhassem estes lineamentos da cavallaria nova em que Portugal ia arrolar-se, confundindo n'um mesmo abraço a fé recebida do passado e o lucro, futura religião dos europeus depois que puderam avassallar e explorar o mundo inteiro.

Á medida que os filhos foram crescendo, D. João I associou-os ao governo. Eram o seu conselho d'estado. Assembléa unica, era a d'esses quatro homens ligados pelos vinculos do sangue, unidos pela mesma fé e por um amor igual, presidindo ao governo d'um povo que os abraçava a todos n'uma adoração commum! Com a reserva e o respeito de filhos, os homens ínovos, recebendo mais vivas as impressões de fóra, modificavam os caprichos que a idade, os habitos, porventura a doença, levantavam no espirito do pai. A familia, na mais bella expressão do seu valor social, realisava assim a abstracção da immortali-

dade no facto da successão das gerações transmittindo de uma a outra uma idéa, um pensamento, uma vontade. A alma dos paes, ao despedir-se da terra, renascia com pujança nova no corpo dos filhos que entravam em cheio na arena da vida.

Ao lado do rei os infantes, cumprindo rapidamente as suas decisões, supprimindo de caso pensado os detalhes irritantes ou enfadonhos dos negocios, usavam com seu pai de todas as artes legitimas para lhe evitar o cançasso e para lhe resalvar a susceptibilidade que aos velhos cresce com os annos. É o inconsciente, accusando a debilitação da energia vital. Queriam que o governo fosse para elle um prazer. Deixavam-lhe plena liberdade de fixar os dias de desembargo e a ordem dos negocios; mas faziam-no com tanta discrição que o rei, sendo de facto governado pelos filhos, se acreditava ainda nos tempos em que mandava na plena accepção da palavra. « Tal maneira, diz D. Duarte, ao contar estas coisas, não se póde bem ter com todos os senhores, nem se guardar em todas as amizades, que escripto é que amizade perfeita não póde ser senão entre pessoas virtuosas, de um proposito querer e não querer nas coisas principaes, que hajam entendimento e vontades concordaveis fundados em muita lealdade, de grandes, largos e bons corações [1]. »

Aos largos e bons corações de seus filhos confiou pois D. João I a idéa da conquista de Ceuta, enumerando os obstaculos que se oppunham á sua realisação. Em primeiro logar, faltava dinheiro; não o tinha o thesouro. Como havel-o? por meio de *pedidos*, ou impostos? Isso traria um escandalo enorme, e seria cruel para o povo que tanto soffrera com as guerras castelhanas; depois, seria desvendar um plano cujo exito estava principalmente na pontualidade do segredo. Em segundo logar, não havia esquadra capaz de levar o exercito a Ceuta. Em terceiro logar, faltavam homens. Faltava tudo. Parecia que o rei de proposito exagerava as difficuldades para afastar os filhos da empreza. Em quarto logar, ainda que vença, « o filhamento (toma-

[1] *Leal Cons.*, XCVII. Esta parte do livro de D. Duarte fôra já publicada por Sousa, *Hist. Geneal.* Provas, I, 546.

da) d'esta cidade, continuava D. João I, me póde fazer maior damno que proveito. » O reino de Granada parecia-lhe mais facil de conquistar; e se o não conquistassemos, Castella o conquistaria. Que proveito tinha elle em que Granada cahisse em poder dos castelhanos? Se tomo Ceuta, concluia, com certeza os castelhanos tomam Granada; o que era um mal evidente, porque destruia o equilibrio internacional na Hespanha, augmentando o poder dos nossos inimigos naturaes. Em quinto logar, finalmente, indo bolir com os mouros de Marrocos, expomos o nosso Algarve aos seus continuos assaltos, e além d'isso fica-nos fechada a porta do Mediterraneo, onde os navios portuguezes vão de Lisboa vender o vinho, o azeite e as fructas. Fazia-se um grande commercio maritimo com os portos mediterraneos [1].

Depois do rei expôr as suas duvidas, os infantes disseram que não eram necessarios *pedidos:* obter-se-hiam os recursos por escambos (emprestimos) com os mercadores do reino; em todo o caso bastava applicar á guerra o que se havia de gastar com as festas projectadas para os armar cavalleiros. Com relação á falta de navios, que era real, mandavam-se vir fretados dos portos da Galliza, da Biscaya, de França e da Allemanha: considerasse-se o numero de navios que vinham ao frete do sal, do azeite e dos vinhos... Por outro lado bastava fretar os navios para com elles vir gente. E além d'isso não era exacto que faltasse gente: havia e muita, no reino, e estava-se em paz com Castella [2].

Convenceu-se facilmente o pai ácerca dos tres primeiros pontos; mas nos dois ultimos houve duvidas. A idéa de uma empreza maritima devia assustar na velhice o rei que levára toda a vida em correrias e cavalgadas, costumado a batalhar e vencer em terra. Sympathisava mais, e comprehende-se, com a empreza de Granada, que seria porém uma loucura, já porque importaria a guerra com Castella, já porque a propria Castella só depois de unida ao Aragão, pôde em 1492 destruir esse ul-

[1] V. Fernão Lopes, *Chron. de D. Fernando,* nos *Ined.* da Academia de Lisboa, IV, 121 e segg.

[2] Azurara, *Chron.* III, 7 a 12.

timo baluarte do imperio musulmano da Hespanha. Não é na proximidade dos sessenta annos que facilmente se aceitam idéas novas: mas mais vezes se praticam loucuras sob a inspiração das antigas.

Felizmente, ao lado do rei estavam os infantes que, pelo contrario, pesavam todas estas coisas, sem temor nem repugnancia pela novidade. E sobre todos o infante D. Henrique insistira nos inconvenientes da empreza de Granada. Por isso no dia seguinte o pai debateu sósinho com elle o assumpto, e ficou tambem convencido, quanto aos dois ultimos pontos discutidos em conselho. Pulando de alegria, D. Henrique foi dizer em segredo aos irmãos o resultado. Estava decidido que iriam a Ceuta!

Cumpria agora proceder com toda a cautela e segredo nos preparativos da expedição. Era necessário inventar um pretexto para os armamentos que logo se tornariam evidentes. Era necessario antes reconhecer Ceuta, vêr o ancoradouro, não ir ás cegas, com precipitações que podiam ser funestas. Não havia pressa. Os preparativos, apimentados pelo encanto do segredo, saciavam a necessidade de acção dos rapazes que o pai olhava com amoroso encanto, e a rainha, mais grave agora que o louro dos seus cabellos se tornára em branco, abraçava, beijando-os serenamente na fronte.

Decidiu-se logo confiar o segredo ao prior do Hospital, homem agudo e discreto, enviando-o por mar á Sicilia negociar fingidamente o casamento do infante D. Pedro com a rainha viuva [1] que o pedira. Era o mais plausivel dos pretextos para visitar Ceuta, quer na ida, quer na volta. O prior sahiu com effeito de Lisboa com a armada, foi á Sicilia, tratou o casamento de que se não tratava; e tendo estado em Ceuta, na ida e na volta, trouxe as informações mais completas. Boa praia, ancoradouro excellente [2].

[1] Viuva de Martinho I, cuja morte, determinando a união da Sicilia ao Aragão (1409-1504), a deixava sem reino.

[2] Azurara, *Chron.* 13 a 16.

Mas desde que a empreza de Ceuta se decidira, o rei que se achava outro homem, parecendo-lhe voltados os tempos antigos, sentindo-se rejuvenescer, acordando com o estrepito das armas, vendo-se de espada em punho no meio do assalto: o rei que não queria, nem podia attender senão aos preparativos militares da campanha, entregou a expedição dos negocios de justiça e fazenda ao infante D. Duarte. Com D. Pedro e D. Henrique, «tanto haveria de trabalhar nos feitos que pertenciam para sua ida, que de outros sem grande necessidade se não entendia curar [1].»

Escrupulosamente, com a pontualidade ingleza da mãi, D. Duarte, a quem faltava a energia e a audacia do pai, renascidas no irmão Henrique, tomou tanto a peito o encargo, com o seu virtuoso sentimento do dever exagerado pela verdura dos annos, e tanto se esfalfou, que adoeceu. Levantava-se cedo, ouvia missa, ia á Relação ao despacho, até ao meio-dia, hora de jantar. Á mesa dava audiencia, recolhendo-se depois para uma sésta brevissima, supprimida quasi sempre, porque ás duas horas estavam com elle os vedores da fazenda e os do conselho, com quem trabalhava até ás nove da noite. Quando o largavam, ceava, ficando com os officiaes da sua casa até ás onze horas. Ao monte e á caça raras vezes ia: descurava os exercicios do corpo, entregue aos trabalhos sedentarios. Ao proprio paço d'el-rei seu pai faltava com insistencia: só o visitava quando o andamento dos negocios o exigia.

Pela primeira vez apparece na scena politica portugueza o principe burocrata, de que a Hespanha teve em Philippe II o mais bem acabado exemplar. De constituição debil, acrescentando necessariamente á fadiga propria do trabalho o cançasso d'espirito proveniente da sua virtude escrupulosa, exagerando as difficuldades, estonteando a cabeça, e julgando dever matar-se tanto mais, quanto maiores eram os problemas, o pobre infante cedeu ao peso da tarefa e cahiu enfermo de uma anemia ou de uma dyspepsia, caracterisada pelos symptomas do que

[1] *Leal Cons.* XIX.

ainda popularmente se chama hypocondria e que elle proprio denomina humor merencorio.

Os medicos aconselhavam-lhe « que bebesse vinho pouco aguado, dormisse com mulher, e deixasse grandes cuidados. » Era uma tristeza constitucional, um desgosto profundo, com um medo atroz da morte, que lhe durou tres annos, começando a curar-se na dolorosa crise do fallecimento da mãi, quando, tendo a côrte ido de Sacavem para Odivellas, a rainha enfermou da peste. Dissiparam-se os medos, desappareceram os symptomas gastricos; e depois dizia sentir-se, graças a Deus, mais ledo do que era antes da doença [1].

As ambições heroicas de D. Henrique deram de si o que sabemos; a dourada illusão de esperança que accendia em fé os homens nas alvoradas d'essa grande época a que se chamou Renascença, produziu os fructos cujo travo nos amarga hoje na lingua; mas o que dura, o que fica, e durará, e ficará emquanto houver homens, é a bondade modesta, tão humilde como a grama, mas tão vivaz, tão resistente como ella tambem. Desfazem-se todas as chimeras, desmancham-se todas as illusões, e ella fica — a bondade immorredoura!

Nunca houve bondade maior do que a de D. Duarte.

Oliveira Martins.

[1] *Leal Cons.* XIX.

IDEAL MODERNO

(RESPOSTA AOS PESSIMISTAS)

O' rocha informe, ó rocha inabalavel, dura,
N'essa inconsciencia inerte, impedernida, obscura,
Onde entretanto existe a luz e existe a chamma,
Que aspiras tu a ser, ó rocha immovel?

— Lama.

Lama, dissolução, fermentação de tudo,
Esterquilinio pôdre, esterquilinio mudo
Onde a Vida repousa em embryão, em germe,
Que desejas tu ser, ó lama infecta?

— Vérme.

E tu, filho do lodo, alma do lodo immundo,
Para lavar teu corpo infame e nauseabundo,
Para que a podridão original te deixe,
O que aspiras a ser, ó vérme ignobil?

— Peixe.

E tu, ao vêr do mar soturno, em que te banhas,
A verdura que alegra os prados e as montanhas,
Ao vêr da terra o vasto e embalsamado Abril,
Que desejas tu ser, monstro do mar?

—Reptil.

E tu, grilheta viva a contemplar de rastros
Florestas, vagalhões, nuvens, crateras, astros,
O que desejas tu em teu sonho idealista?

—A aza para o vôo e a mão para a conquista.

Quadrumano, — gorilha, ourango, chimpanzé,
Quasi lobos no chão, quasi deuses de pé!
Ambiguos animaes d'olhar dôce e feroz,
Anjos inda com cauda, almas inda sem voz,
Dizei, que aspirações longinquas vos consomem?
Qual é o teu ideal, gorilha hirsuto?

—É o homem.

E tu, da Natureza ó immorredoira gloria,
Tu que em tantos milhões de seculos de historia
Conseguiste, n'um grande esforço triumphal,
Pôr a prumo no globo a tua espinha dorsal,
Tu que n'esse ascender de vertebras, que vai
Da moreia no lodo a Moysés no Sinai,
Resumiste o marchar sem fim da creação,
Tu que foste Jesus, Bouddha, Mahomet, Platão,
Tu que encarnaste em mil heroes, em mil gigantes,
Eschylo, Shakespeare, Isaias, Cervantes,
Socrates, Galileu, Newton, Darwin, Laplace,
Tu, atomo de pó, que encaras face a face

A Eternidade, tu, Prometheu resoluto,
Que pesas na tua mão, onde mal cabe um fructo,
Quantos mundos a arder Deus arrojou no espaço,
Tu que com teu olhar, teu cerebro, teu braço,
Escravisas a luz, a terra, a agua, o vento,
Tu cujo mysterioso e immortal pensamento,
Inquilino fugaz d'uma caveira a rir,
Enche o universo desde o zenith ao nadir,
Sabendo com o mesmo identico rigor
Como nasce um planeta ou germina uma flôr;
Tu que depois de dar emfim, aguia altaneira,
Um balanço grandioso á Naturcza inteira,
Estacaste assombrado e perplexo e contrito,
Contemplando o horroroso enigma do Infinito,
Dize, dize-me tu, ó debil creatura,
Em frente d'essa eterna immensidade obscura
Onde, aguia, o teu olhar é um carvão apagado,
Que é que desejas, diz'! Prometheu fulminado,
Qual a tua ambição, teu ideal incoercivel?

— É ser ou lodo inerte ou rochedo impassivel!

17 — 12 — 88.

Guerra Junqueiro.

O CAIXÃO

— Creia-me, disse o doutor. Morrer é menos difficil do que em geral se suppõe.

— Em todo o caso é horrivel, redarguira um de olhares mortiços, cujo gastralgico aspeito dizia um poeta desempregado. E acrescentou que vira morrer muita gente, velhos, novos, homens e mulheres... Era o ultimo de doze irmãos que se tinham ido para a cova, adolescentes, sem soffrimento quasi, sem doença exterior mesmo. Em todos divisára fundas saudades da vida, e esse horror cruel de além-tumulo, com que a religião tortura desde o berço, os espiritos fracos e os ignorantes. E como viera da provincia, enfronhado em leituras mediocres, julgando abalar o medico por uma questão profunda, perguntou-lhe:

— Acredita em Deus, doutor?

O outro amenisou com um modo calmo os fios caracolados da sua bella barba castanha:

— Digo a meus filhos que sim, para não sobresaltar minha mulher. Entretanto, na minha posição e na minha idade, acreditar!... Acho a religião uma fórma d'arte, como a musica e como a esculptura, immobilisada ha seculos por falta de genio, e moribunda porque não é necessaria.

— Todavia os livros santos...

*

— Poemas roubados ao melhor da litteratura indica. Nem ao menos são original hebreu. E todavia, que de vezes eu tive necessidade de crêr, e levado d'um mysticismo poetico, quiz invocar o Supremo Espirito! Eu fôra educado por minha mãi, no fundo da provincia catholica e devota. Ha em todos os lares restos de crenças, lendas, superstições que a gente conserva toda a vida, e a cada momento occorrem, como o estribilho d'uma velha canção... Pois nunca o prodigio que eu solicitava, appareceu.

E n'este ponto começou o doutor o seu caso, n'uma voz ronronada, onde aqui e além havia tons de commiseração e sympathia.

— Era elle estudante... frequentava essa enfermaria de mulheres, que annos depois, muitos annos, veio a dirigir.

N'aquella época, o hospital ainda era mais soturno do que hoje, infecto, glacial, cheio de escaninhos e corredores onde fazia noite em pleno dia, e tão pullulante de larvas, que pela noite, diziam, se podia ouvir um surdo formilhar, dos alicerces ás claraboias do tecto, surdo, ondulatorio, e horrivel, pela expressão de soffrer que engastava. Era então o doutor um rapazola pallido e cheio de idéas romanescas. Entretinha as ferias lendo Soares de Passos a umas primas bonitas da sua aldeia; o luar preoccupava-o: e como tocava piano, e tinha sobre a morte idéas litterarias, chegou a compôr musica nova para o *Noivado do Sepulchro*.

Ao chegar ao quarto anno, ainda nos primeiros mezes lectivos do curso, distribuiram-lhe a doente 27 — uma d'essas tisicas ideaes, brancas, dolentes, os olhos quebrantados d'uma lascivia poetica, e com suspiros que rimam — uma d'estas tisicas que parecem Chopin em estatuaria, e por quem todo o portuguezito jámais deixa de sentir um fraco de coração.

Posta ao canto da enfermaria, entre duas janellas de vidros desconjuntados, a cama 27 tinha uma biographia sinistra e mortuaria. Era para onde a enfermeira degredava as doentes que lhe faziam perrice, e para onde iam esticar as desgraçadas a quem o medico, logo á primeira, torcia o nariz. Em quinze

dias, vinte dias, menos dias ainda, a pneumonia, alguma febre de mau typo, encarregavam-se de varrer d'alli a padecente. Nada galante como esta tisicasinha tão dôce de maneiras, cheia de delicadezas ineditas na plebeia raça d'onde vinha, e com aquelle seu olhar de basilisco, velado por uma membrana mui tenue, sob que direis occultar-se a calentura d'uma alma amorosa e scismadora! Quando ella appareceu na enfermaria, entre dois pequenos irmãos que a amparavam, o seu adoravel perfil branco de cera, d'uma poesia extatica de prece, despertou entre os rapazes uma porção de paixões assolapadas. Infelizmente a enfermaria estava cheia, excepto lá longe a cama 27, entre as duas janellas de vidros estrompados. — E tinha sido forçoso encaminhal-a para alli!

Descorrelacionada de episodios, feita de historias avulsas, febres, allucinações, miseraveis pedaços dramaticos, a vida de hospital surprehendeu medonhamente a rapariga, sobretudo ao escurecer d'aquella primeira noite, quando na penumbra da sala começou o ascenso d'angustia vesperal a estortegar nas carcassas dos enfermos, a assobiar-lhes na guela, e a evocar das effervescencias da febre, a lavareda tragica do delirio — o horrivel delirio dos nevrosos, nas mulheres maiormente expresso em canticos, vagos, sifflados por entre os dentes convulsos, e d'essa poesia da canção do salgueiro, funebre e divina, que diz Desdemona antes de morrer...

Martha era d'algum d'esses maus bairros da cidade, d'onde o sol se retira apenas nasce, e de cujos predios sua ainda agora, a immundicie das judiarias medievaes. O pai tinha de seu o quer que fosse, uma officina, uma profissão qualquer, já não sei bem. Era um rispido de mãos auctoritarias, oculos de ferro, a figura nodosa, e a barbicha caprina, rara, esbranquiçada, a fazer-lhe um hirsuto collar por baixo do focinho. Tinha o filho maior em Moçambique, outra filha casada pr'a Azeitão, e dois pequenos em casa — Miguel, um operario cheio de opiniões, e

Joanna, loirita arrebitada, magra, phrenetica, em cuja face a rabuge do velho tinha murchado á nascença as primeiras tintas virginaes.

A morada estreita, n'um andar de vidros miudos, escuro, carunchento, tornava o viver triste. Predios em frente restringiam-lhe o horisonte. Por traz, muros lezardentos, arbustos de quintal rico, fechavam á vista algum pormenor mais largo de paizagem.

Com o seu typo de *contessina*, e cabellos d'um castanho sedoso, ella soubera guardar no meio da sua actividade de modista, pequenas phantasias de luxo, certa melancolia morbida trahindo a indole sensual. Creio que teve namoros: um aspirante mulato, que nas aguas-furtadas defronte, todo o dia repenicava na banza fadinhos langorosos; e depois outro... mas pobre como era, nenhum casava, e isto dava-lhe grandes desillusões. Emfim, foi abdicando das pretenções que se impuzera, descendo n'esse ideal de marido que sonhára: e confessou-m'o ella mesma, a sua paixão séria, unica, foi um rapaz carpinteiro. É talvez o cheiro da casquinha que faz a seducção d'estes artifices, como o flavor da estrebaria, que no grande mundo leva as patricias a partilharem o leito com os trintanarios. Como o pai vigiava, o carpinteiro d'uma occasião mandou-a fugir. Estava ella no periodo esthesico em que o sexo reclama os seus direitos: periodo louco, fatal ao amor de certas raparigas, e que de ordinario faz a historia de bastantes quedas. Fugiu. Em casa nunca mais se quiz saber de Martha. Era já morta a pobre mãi; a irmãsita loira estava nova para o governo do lar; e n'aquelle interior tão cheio de ordem, tão limpo, fez-se de repente uma desolação que fazia chorar o rapazola, e exasperava o velho ás ultimas blasphemias.

Entre as doenças do cerebello, o amor é a que mais depressa se cura. É renitente, periodica, mas poucas vezes mortal. Succede resolver-se na amizade, dadas condições especiaes nos affectados, como os filhos, certa pureza de costumes, saude de espirito e coração... Desde que taes condições não convirjam, os que se achavam ligados pelo amor, cessado elle, enca-

ram-se n'um primeiro passo de convalescença que tem o nome de tedio, e gradualmente passa a chamar-se indifferença. Martha e o bello carpinteiro soffreram seis mezes, até uma noite elle lhe declarar que estava farto. Foi então que ella se lembrou do pai, e entreviu de relance o futuro que ia ter. Voltaram-lhe os fervores pela costura, laboriosas noitadas n'um desvão de predio esconjuntado, mil projectos de vida severa curtida nas pregas d'um vestido preto... Essa mesma noite ella se encorajou a ir procurar o pai. Era d'inverno; uma maré de gente affluia aos bairros pobres, em turbilhões de lama e vozes céleres, que se davam boas noites d'á volta do trabalho. Ao longo das calçadas, por debaixo dos arcos, nas escadinhas lugubres onde o formiguciro humano mais se exasperava, o gaz cahia dos lampiões n'uma especie de nevoa luminosa, que avermelhava de sangue as poças de lama, e dava um relevo tragico á monotonia tosca das figuras. Ella descera á rua em passo tremulo, embiocada no chaile, no meio de toda aquella gente atarefada. E chegando á casa do velho, passou umas poucas de vezes por diante das janellas, antes de se atrever a subir a escadinhola. Luz n'um dos quartos: talvez o serão de Joanna. — Oh, pobre filha! dizia a rapariga enternecida. E muito devagarinho foi subindo. Depois, no patamar do terceiro, irresoluta, sentindo as veias abrirem-se-lhe á idéa do velho vir á porta, ahi se ficou de novo a sorver os ruidos da casa. Á esquerda era a Engracia engommadeira, que tinha um *Tótó* de pêllo pardo. Depois, mais adiante, o cortador; a ultima porta do canto era o pai. E alli uma voz juvenil disse para dentro — que horas deram? Um relogio azougava o seu atrevido tic-tac. Outra voz respondeu — sete! — com um timbre cantado. E o torno começou a rodar.

Nada pois tinha mudado n'aquelle interior laborioso. Ás sete, Miguel começava o serão. Ás nove era o chá. E Martha revivia aquella visão da infancia, deliciosa, monotona — enternecida do pai que devera estar mudado, enternecida de Miguel que estava um homem, e d'essa irmãsinha loira, Joanna, emfim, cuja alegria lhe dava o ar d'uma nota de musica, fugida d'uma cançoneta endiabrada.

Trinta vezes ella ergueu a mão para a campainha, sustando os haustos no corredor em sombra, cujas táboas gemiam de caruncho; mas um pavor achatava-a: como iria tratal-a a sua gente? Ia descer outra vez os mesmos passos, quando a vozinha cantada que respondera — *sete!* — disse do outro lado da porta:

— Quem está ahi?

Martha ficou-se, e ouvia-se uma rameira cantar o fado na sobreloja. A chave girou então na fechadura, a porta abriu-se. Joanna, curiosa, estendera a sua cabecita de dentro; e de fóra da porta, Martha alongára a sua; um grande beijo estrugiu então no corredor...

— Querida filha!

— Oh, minha irmã!

Mas já um safanão tinha empurrado a criança para dentro, e o velho appareceu com um candieiro de petroleo.

— Que quer d'aqui?

Martha tinha-se arrojado a elle, forcejando, no fragor dos soluços, por lhe agarrar os joelhos, supplicante. O velho repelliu-a de si pelos cabellos, e formidavel, sem um grito, atirou-a contra o patamar.

— Rua! Se tornas aqui deito-te pela escada, mato-te!

Estava em mangas de camisa, com chinelos de trança, um barretinho ás orelhas: e os seus tisnados braços, de roda de cujas vaquetas se enroscavam mólhos de veias, lembravam assim os muros humidos, onde no inverno as lesmas fazem sulcos.

Ao outro dia de manhã, Miguel appareceu branco de raiva, e com os olhos vermelhos de chorar.

— Perdôa? disse Martha indo ao encontro d'elle.

— Diz que te não quer em casa. Hontem perdi a cabeça. De mancira que venho viver comtigo.

Ella desatou a chorar.

— Não te afflijas, disse o rapaz. O que lá vai, lá vai. É

juizo, d'aqui por diante. Esta casa deu-t'a elle, não? Pois arranja as tuas coisas e vamo-nos embora.

— De que viveremos nós! dizia ella.

— Ora essa! Do meu trabalho, do teu. Já que o pai te não quer, que se governe. Então eu havia de te deixar sósinha, para ahi?

Logo n'essa tarde tinham alugado casa em sitio retirado, nos forros d'um grande predio, por cujos buracos se via o Tejo, e um bocado dos montes da Outra Banda. A officina de Miguel ficava perto. Martha tinha trazido a sua machina, uma banca de pinho e alguma roupa. E as economias do rapaz foram tragadas na acquisição da meia duzia de tarecos que faltavam.

A primeira noite foi triste. Havia ratos. Uma chuva antipathica, muito fina, descia calada sobre os lamaçaes da rua; e ao fundo d'um boqueirão soturno ouvia-se o rio mugir, e chamarem para os barcos, as vozes prolongadas dos barqueiros. Martha, a cada passo, perdia a cabeça em esquecimentos. E Miguel sem querer accusava o velho pai, a cujas asperidões estava afeito, e áquella hora, quem sabe se estaria chorando, abandonado. O chá arrefeceram-no com lagrimas, os dois. Uma sinistra madorna esmagava os peitos. E cada qual, d'olhos errantes, começava a perder-se nas grandes nevoas da memoria, d'onde algum brusco esforço do outro, o sacudia.

— Em que estás tu casmurrando? dizia Miguel.

Ella, em voz baixa — n'elle!

E por muito tempo os soluços a impediam de fallar. Por esforços do irmão, a conversa mudava frequentes vezes de proposito. Cinco segundos volvidos, as duas boccas calavam-se, e as mentes seguiam no escuro da saudade, o mesmo fio de cogitações angustiosas.

Vem d'esse tempo as primeiras hemoptyses da pequena, as primeiras febres e suores debilitantes. A sua face ia tomando a tinta terrosa dos sangues maus que desfibrinam: queixava-se de fraqueza, tossia de noite... Era Miguel o valente!

Ambos adiavam as esperanças de melhora, de estação para estação.

— Agora em vindo o tempo quente, já melhoras, obtemperava o irmão. — E se aquecia, como a rapariga ia sempre peorando:

— Deixa refrescar o tempo, verás.

A voz de Martha descia: cada vez os olhos se lhe faziam maiores, e a fórma do nariz ia tomando um afilado de estatua dolorosa, uma d'estas transcendentes purezas que fazem certos perfis de mulher nova, correctos ao desespero. E á medida que se sentia dominar pela doença, purificava-a o desejo de ser perdoada, do pai sobretudo, cuja rispidez jurára não ceder. Iam os dias assim, longos e plumbeos, n'um chafurdar de mágoas contundidas, n'aquella casa de miseria, cujas precisões o braço do rapaz já não conseguia sustar. Martha cada vez estava peor, e para o irmão ir todos os dias á officina, forçoso fôra trazer para junto d'ella uma enfermeira. As visitas de Miguel junto do pai tinham até alli sido infructiferas, quanto a pingarem recursos com que valer á rapariga. Era sempre aquella recusa sarcastica, cortante, sêcca, que nada alterava, nem as narrativas do operario, nem os soluços despedaçadores da pequenita, e onde por igual tinham parelhas, o rancor do despota desobedecido, e a avareza do homem do povo que conheceu as privações. E elles começaram a empenhar. Por duas vezes Joanna fugira de casa, para ir levar recursos á irmã, ás escondidas do pai. Mas o velho tinha começado a vigial-a, a vir a casa a horas desencontradas, a reparar no que ficava pelos armarios, depois das refeições: e perguntinhas, palavras surdas, ameaças que elle lhe atirava a todos os instantes, varando-a com os seus olhos fulos de Shylock...

Pela ultima vez, no desespero de quem exhauriu o ultimo recurso, Miguel lhe foi bater á porta. Lá estava elle como nas mais noites, cahido na sua cadeira de vimes, n'uma postura lassa e somnambula, o barretinho ás orelhas, a barba em collar por debaixo do queixo, o cachimbo de barro ao canto da bocca. Embranquecera-lhe já todo o cabello, e uma magreza progressiva entrava a desnudar-lhe os relevos osseos da mascara, patenteando o artificio anatomico das feições. Reparou-lhe Miguel

na fadiga terrosa da cara, em que podiam contar-se os sulcos das lagrimas choradas na sombra, por sob uma caraça immovel de egoismo. E deitando-se-lhe aos pés, quiz obrigal-o a commover-se... Oh, se elle pudesse ouvir o que a filha dizia!... Palavras, adeuses, supplicas... Já n'aquelle corpo não restava um vestigio sequer da culpa antiga, tanto o martyrio lhe disciplinára as primaveras da carne, e o arrependimento lhe estava virginisando o espirito, com as florescencias d'uma doçura candida e resignada... — que reflectisse na crueza com que estava tratando uma creatura do seu sangue... Elle, pai, decahia tambem... ia ser chamado a prestar contas da misericordia que recusára aos que Deus tinha posto debaixo da sua tutela...

— Trazes a falla estudada, dizia o velho. Eu já não cáio.

— Mas ella morre... precisa de soccorros: o medico recusa-se a vir vêl-a: na botica não fiam...

— Pois tenho pena!

— E eu não quero vêl-a morrer no hospital. Entenda! Não quero!

— Para isso não haverá como deixal-a morrer em casa, rapaz.

— Mas se eu não tenho dinheiro! Já avancei dois mezes para pagar no talho e na botica. Todas as lojas me negam. E eu já não posso! Eu já não posso!

— Oh, tu és esperto, meu filho. Quasi todos os mariolões são bem fallantes. Não te chega o que ganhas na fabrica de dia? Representa á noite, que estás um comico d'arromba.

— Ah, que se vossê não fosse o pai!...

— Eh! Eh! disse o outro, n'uma casquinada brusca de amargura. Batias-me, hein? Isso é nobre, meu rapaz. E continuou: Deus ponha olhos de justiça nos filhos que me deu. Uns deshonram-me, outros roubam-me, outros promettem-me pancada... Setenta annos de probidade pagam bem tamanhos favores do céo.

No dia seguinte, Martha entrou no hospital.

Eis começada essa agonia das tisicas bonitas, cuja graça faz dos soffrimentos a mais sublime obra d'arte. Iam correndo assim as horas sobre esses suspiros, dôces como preludios de harpa, e sobre a magreza diaphana d'esse corpo que pesava uma folha de magnolia: e em cada manhã o estudante a podia encarar sob uma face de mágua divina, espiritualisada com brilhos de cera virgem, que já não era a mesma da manhã anterior, e mal se assemelhava á da manhã seguinte. A voz de Martha, que tinha em certos pontos sons asperos, falsetes, desigualdades, attingia agora avelludados singulares; sahia-lhe lenta a palavra, e uma immobilidade de gestos dava-lhe no leito, *poses* d'estatua tumbal.

Depois, estabelecera-se entre a doente e o medico uma familiaridade tocante, uma especie de laço de familia, de communidade poetica, d'idyllio funebre; porque o pobre rapaz teimava em achar n'aquelle caso uns longes do seu *Noivado do Sepulchro,* tão recitado outr'ora em ferias de provincia. Nada elle poupava para lhe inspirar conforto: palestras, phantasias, historias, gulodices secretamente trazidas de fóra, horas de sentinella junto ao seu leito, mãos nas mãos, n'um permutar mysterioso de fluidos... Meio deitada, porque a tosse maldita lhe não consentia outra postura, Martha abria grandes olhos na sombra; e elle via-a indagar á roda, sentia-a dizer baixo orações de infancia, fallar no pai, no *outro*... Em volta tinham-lhe feito uma atmosphera sympathica, e começou a ser amada pelas outras doentes, pobres creaturas que vinham, mal convalescentes ainda, desfeitas e pallidas, cercal-a de pequeninos desvelos. Mas um desassocego invadia a creatura. O seu terror pela enfermaria começára a crescer, desde que uma noite, sentindo brados n'uma cama, vira uma velha revolver os braços, gorgolejar n'uma afflicção suprema; e de repente tinha ficado immovel. Então agarraram n'ella, um deitou-lhe o lençol por cima da cabeça, e quatro gallegos carregaram-na para fóra, n'uma padiola

funebre. Por todas as camas fôra um susurro de pavor. Alguem dissera: *ámanhã vão abril-a.* Uma doente mesmo, poz-se a descrever ás outras a casa das autopsias, com as cinco mesas concavas de pedra, homens arregaçados esquartejando os cadaveres, de charuto na bocca, e a irreverencia dos moços, violando as defuntas com as ponteiras das bengalas.

A terrivel hora aproximava-se emtanto. Succediam-se estados de torpor cortados por vastas afflicções, arquejos, spasmos... E os irmãos todos os dias vinham espreitar na pobre tisica, os prenuncios d'essa pavorosissima noite, sem alvorada nem lua, de que a religião em balde tenta esclarecer os lameiros, com a lanterna d'uma chimerica immortalidade. Por instantes, uma raiva de viver sacudia pelas espádoas a inercia da triste creatura. E eis se escancaravam n'um medonho esforço os seus olhos de agonisante, tornados enormes pelo descarnado da face, onde a pupilla dilatada, meio cega, tinha um cunho feroz de indagação. Vezes sem conta fallára no pai, ia morrer, que fossem pedir-lhe a ultima benção... e voltavam-lhe arrependimentos christãos, innocencias de rapariguinha, solicitudes de boa filha. E o terrivel velho, inexoravel! Debalde Miguel se lhe rojára aos pés, chorára, protestára, ameaçára: já por fim o scelerado ria-se.

— Cança-te, brama p'ra ahi.

A sua bocca tinha adquirido uma fórma atormentada; o seu riso era uma careta lugubre de maniaco, roxa e glacial, que mettia medo; e da forte envergatura, apenas a ossada ficára, derreada d'um lado, sinistra e má, como essa figura da Morte que Alberto Durer representou tocando flauta entre as moutas floridas d'um jardim. Na loja insultavam-no os garotos. A freguezia debandava. O caso de Martha tinha começado a correr de bocca em bocca, e todo o bairro, poetisando a desgraça da rapariga, resmungava em voz alta os seus desdens, junto á baiuca em que vendia o usurario. Mesmo do passado d'esse homem resuscitára o povo não sei que soturna historia de quinze annos de degredo, por assassinio; e a ribaldaria do bairro não ajustava bem a rispidez do velho perante a filha,

com aquella marca de infamia, contrahida em annos juvenis. Da ultima vez que foi procurar o pai, Miguel atrevera-se a alludir muito de longe áquelle sinistro rumor que lhe ensanguentava a biographia. Mostrou elle ao operario o mesmo rir de saltarello, e tranquillo, chupando o cachimbo, olhos no chão:

— Com que tambem tu! Já te contaram que estive dezoito annos degredado... Mas quem quer que foi, esqueceu-se talvez de pôr a descoberto todos os pontos da aventura. Degredaram-me, fica sabendo, por eu matar com trinta e oito punhaladas um amigo — houve sempre amigos p'ra tudo! — que depois de ter enganado uma irmã minha, se recusára a recebel-a por mulher. Avisamol-o duas vezes, meu irmão e eu, de vir cumprir a promessa que fizera. Respondia com evasivas: primeiro não estava ainda livre de soldado; d'outra vez não tinha saude; d'outra vez não tinha dinheiro. Demos-lhe as nossas economias, meu irmão Christovão quarenta libras, eu vinte e quatro, meu pai seis... Como não cessasse de vir a nossa casa, escolhia as horas em que andavamos por fóra, sempre tratando de embair a rapariga com as artimanhas de que estava senhor. Era dos bem fallantes, aquelle! Gastou emfim o dinheiro, e para fugir ás perseguições que lhe moviamos, abalou de Lisboa... Mas passados mezes, veio uma voz que estava em Cezimbra, a trabalhar de tanoeiro... Fomos apanhal-o n'uma estalagem do caes... novas intimações, novas recusas: mas d'esta vez o homem fallou franco — não casava porque não queria casar! Domingo de Paschoa, como meu irmão sahisse a buscar a clavina que deixára no posto alfandegario, ouvimos no mar uma sineta. Era o barco de Lisboa que chegava. Por desfastio fui-me a vêr desembarear os passageiros. Estava a chover: e eu que não levava cobertura, abriguei-me da batega n'uma guarita do caes que achei vazia. Rés-vés de mim, passou d'alli a nada uma mulher muito embuçada, a sua trouxa ao quadril, e parecendo estranha ao povoado. Para encurtarmos razões... a minha irmã fugira de casa, e vinha ter com o tanoeiro. Aguardou-se a noite como quem aguarda a salvação. Meu irmão tremia abraçado a mim, e ambos soluçando, afiavamos no coiro do estojo a fo-

lha das facas que tinhamos comprado de vespera, a um cuteleiro dos Romulares. Dez horas dadas, cada um de nós confessou-se ao outro. E toca! Já conheciamos os cantos da estalagem. Havia uma cancella p'ra rua, que toda a noite ficava escancarada: depois um pateo, com lenha, as cavallariças, e as alpendradas das carroças. Ao fundo d'esse pateo, subindo umas escaleiras de tijolo, encontrava-se a porta da locanda, que nós arrombamos, e logo á esquerda, depois da cozinha, o cubiculo do homem... Na mesma cama, em que os achamos dormindo, a elle e a ella, os espatifamos, ás escuras. Tamanha era a minha raiva que quantas mais punhaladas lhe mettia, mais intensa vida parece que lhe espirrava na sangueira das feridas. Eu mettia os dedos por todos aquelles buracos, enxafurdava n'aquella lama a minha carne... seria capaz de bebel-a, se ella não coagula tão cedo, nas mesmas fontes por onde espadanava.

Agora entende! Apesar do meu degredo, tanto tempo, dêem-me ámanhã vinte e quatro annos, renasçam as circumstancias que me levaram ao morticinio, e diabos me levem se eu não coseria ás facadas, até á alma, a careassa d'esse intimo — quanto mais um estranho! — que tivesse vindo ganhar-me a estima, no proposito de me deshonrar a geração.

Era uma vespera de ferias, quando Martha morreu. Os ultimos dias do outono sorriam na amarellidão dolorosa das arvores. Deliberou-se logo entre os estudantes que ficavam, e poucos eram, sequestrar o corpo á carnificina da autopsia, e recoltar por cada bolsa recursos com que mandar á cova a rapariga, n'um sahimento modesto, separado porém da promiscuidade lugubre da carroça hospitalar. Abertos os saquitéis, esportulou cada qual o que podia. Mas ao fim da colheita, o peculio sommado apenas logrou fazer sorrir o estudante. Fim de mez, começo de feriado... pessima occasião para um bohemio se inscrever á Rothschild, nos certamens poeticos da caridade! Mas nada de perder a coragem. O capellão do hospital, um pobre

velho, prestar-se-hia sem duvida a comboiar gratuitamente o cadaver. O ponto eram o caixão e o carro funebre. Alguem propôz se alugasse um caixão n'um cangalheiro. Elles ainda hesitaram, os pobres delicados, transidos no horror de lançar á terra aquella mimosa estatua de infortunio, sem outro involuero mais rijo que a mortalha, que redimil-a pudesse aos primeiros assedios das larvas carniceiras. Lá se conveneeram emfim da exiguidade dos meios, e sahiram do hospital commissionados, á busca d'um armador que lhes valesse. Á esquina do Soccorro, um d'elles disse: — É além! — E atravessaram o largo até á rua das Atafonas. N'uma fachada esfumaeenta, entre uma taberna e um prostibulo, viam-se dois brandões amarellos, pintados por baixo d'uma eça côr de chocolate: e n'um circuito, as palavras — *Izaquiel, armador*, em caracteres de palmo e meio. Era uma lojeca esconsa, escura, subterranea quasi, para onde corria o enxurro nos tempos d'agua. Meia duzia de caixões estavam encostados á parede. Ao través do lagedo pousava um banco de carpinteiro, e via-se n'um canto, enroscada n'uma alcofa, uma cadella parida, lambendo dôcemente a cabeçorra exotica das crias. Mas era admirar n'um velho armario de vidraça, ao fundo da casa, a peça de resistencia da loja, um rico panno de velludo com bordaduras de prata e grossas franjas. E do centro uma cruz branca sahia, n'um esplendor lantejoulado. Resolveu-se a entrar na espelunca o assistente de Martha, João da Graça — tal era o nome do ultimo fetichista provinciano de Soares de Passos. Um homem veio de dentro saber o que desejavam. Por alli os freguezes eram raros, segundo parecia. Aquella entrada de quatro desconhecidos alvoroçára o dono da loja, e a cadella-mater, que ousou refilar a dentuça d'entre a farraparia da alcofa. Explicaram então os rapazes os motivos da vinda. Queriam um caixão d'aluguel.

— Elle ha de casquinha, disse o homem, mas são caros. Mas ahi temos tambem pinho da terra, mais em conta.

— Vá pinho da terra.

O homem começou a abrir cada um dos seis caixões que estavam encostados á parede.

— Quinze tostões é o menos, alvitrou elle por fim. João da Graça pagou logo. Mas antes que tivesse dado a morada, o cangalheiro aventurou-se a dizer-lhe, que no caso do freguez consentir, elle mesmo, *Izaquiel*, se encarregaria do enterro, por um preçosinho accessivel. João da Graça consultou os collegas.

— A pessoa é muito pobre, disse então. Morreu no hospital. É para a não deixarmos ir na carroça... Qual é o menos preço por que nos póde sahir um enterro?

O cangalheiro agarrou n'um lapis.

— V. s.as hão-de querer enterro civil. Posso fornecer livres-pensadores para o acompanhamento. Ha com manifestação socialista, e sem manifestação. Tambem temos um escriptor republicano para representar no cortejo a imprensa avançada. São mais cinco tostões.

— Quasi de graça! Mas nós não queremos nada d'isso.

— Bem. É um enterro pelo systema catholico, já vejo. Á antiga portugueza. E quantos padres?

— Bastará um. Mas esse vai de graça; já lhe fallamos.

— N'esse caso, vai-lhes a coisa sahir de mão beijada. Quinze mil reis: quasi de graça... Põe-se-lhe o panno rico, cova em separado, e dois moços com brandões nas estribeiras. Hein? tornou elle com um riso vivaz nos dentes verdes. — E aproximou-se, discreto. — Isto, meus senhores, é uma especialidade da casa... o que as tabellas chamam enterro pobre, parecendo rico. Hoje tudo se *espicúla*. É o commercio.

Elles entreolharam-se, sorrindo apenas do embuste. A subscripção mal chegára a duas libras. Mas o passo estava dado, não é assim? Os quatro rapazes fariam ainda um sacrificio, por facultar á desditosa pequena essa mortuaria pompa, que as tabellas tão burlescamente annotavam.

— Está combinado, tornou João da Graça. Esteja ámanhã ás oito horas no hospital.

— Caixão d'aluguel, já se vê.

Ainda estavam á porta, findando o ajuste, quando uma mulher rompeu da taberna, trazendo uma escudella de caldo na mão.

— Aqui tens o jantar, ó mandrião. O taberneiro diz que não tem azeitonas.

Porém já uma voz estava a chamar por ella, de cima.

— Eh, *Cigarra!* Eh, mouca!

A mulher ergueu os olhos para a janella baixa, de taboinhas, sobranceira á espelunca, onde outra creatura se esborcinava, coberta de vermelhão.

— Que é lá?

— Compra-me tabaco no Augusto, em passando.

— Venha esse bago.

— Quatro menos cinco. Kentuky. Então já sabes que a Julia guerreou com a tal dita pessoa? Eu sempre disse!

A outra fez-lhe signal de que já lá ia saber como a coisa tinha sido. E para o cangalheiro:

— Hoje é o dia das boas noticias. Alleluia! lá morreu a Martha no hospital, esta manhã. Em Santa Maria, cama 27...

— Como soubeste? disse o homem tocando as provisões de peixe frito e pão que ella lhe trazia, n'um jornal.

— Foi a *Catinga*, que por modos estava n'uma cama ao lado d'ella. Ahi nos fica viuvo agora o mequetrefe.

— Hemos de lhe comprar um fumo largo para a cartola dos dias santos, gritou-lhe a outra de cima.

O cangalheiro ria.

— Nada de chalaças, nada de chalaças, princezas! Paguem-me antes dois decilitros no *Chiça*, para enxugar o desgosto cá por dentro.

— O estupor! fez a Cigarra cuspindo. Vá uma pessoa amofinar-se por homens! E foi caminho do seu antro, de cigarro na bocca, bandeando a saia escarlate; e ao passar pela taberna, o arrastar dos seus chinelos de trança, levantou suspirosamente o arcabouço do rapaz que frigia as iscas.

— A que horas deverá ir a berlinda? perguntou *Izaquiel.*

— Lá combinaremos. Espere-me ás oito no pateo do hospital.

— Criado de v. s.as, tornou o homemzinho, curvando-se.

Caixão á cova era mais uma libra. E até sempre! O *Izaquiel* armador... Saude a v. s.as

Quando no dia seguinte o cangalheiro veio ter a S. José, esperava-o João da Graça, no atrio. O caixão foi conduzido aos hombros d'um gallego, pela porta de ferro que dá ingresso nos jardins, á esquerda da egreja velha. E os dois homens seguiram-no, em disposições de espirito inteiramente antagonicas. Assim chegaram á *casa das observações*, em cujos leitos os cadaveres aguardam vinte e quatro horas a remoção, para o cemiterio ou para o amphitheatro. Esta casa fica n'um campo sobraneeiro ao casarão hospitalar. Tem por diante o muro d'um pequeno jardim plantado de roseiras, goivos e artemisias: aos lados seguem-se eucalyptos, em dois renques parallelos; e avistam-se para traz dois ou tres montões de cidade, até ao rio, além do qual a vista apercebe ainda, n'um fundo incorporeo, a translucida aguarella dos montes d'Arrabida, e as povoaçõesitas rasteiras da outra banda. Quando elles chegaram, viram o guarda da *morgue* entretido a limpar a gaiola d'um melro desplumado. Como a porta d'entrada estava aberta, avistava-se por ella, ao fundo d'um corredor muitissimo estreito, com lageas de xadrez a branco e pardo, um pequeno altar dourado e poeirento, diante de cujo crucifixo uma lampada de metal bruxoleava, ás remoinhadas do vento. Diziam para o corredor as portas de compartimentos varios, com leitos d'oleado, onde os corpos jaziam, segurando uma argola de zinco, em communicação com a campainha d'alarme — campainha que por signal ninguem ainda ouvira retinir, no alvoroço d'uma resurreição. Quando o gallego depôz o caixão, João da Graça buscou pelos olhos de boi de todas aquellas portas, a cama onde estivesse deitada a costureira. Era o numero 9. Elles entraram, João da Graça e o cangalheiro. Estava a manhã lugubre e chuvosa, forrada no céo por uma felpa que a todo o instante ia ficando mais plumbea, á medida que o vento acossava da barra os aguaceiros.

*

Uma ventania agitava os eucalyptos de fóra, com intermittencias de furia e silvos de chacota; e ao largo, a cidade ia-se apagando em aggregações de fórmas indistinctas, no meio da chuvada que empardecia já tudo, céos e terra, na mesma caspa desoladora e cineraria.

— É uma mulher, disse o cangalheiro. E levou o caixão para dentro do cubiculo. Ha roupa a vestir?

João da Graça desfez o embrulho que Miguel trouxera na tarde anterior. E o outro, depois de collar por traz da orelha, a ponta do cigarro que viera fumando, tirou o casaco e arregaçou as mangas da camisa. Uma das mãos afastou os lençoes de cima do cadaver, emquanto a outra puxava o corpo para a borda da cama, n'um geito cynico d'officio, cujo impulso fez resvalar a cabeça do travesseiro, pelo oleado fóra, até ficar pendida para o chão, e despenteada e lugubre que fazia horror. Toda a nudez violada pelo movimento brusco do homem, offerecia signaes d'emaciação indescriptivel: era uma ossada nodosa, e cheia de vergões por sobre a flaccidez da pelle que a revestia, ás cochymoses rôxas pelo dorso, murcha, torcida, e bem afastada já da gracilidade airosa d'outro tempo. O ventre, mettido para dentro, começava a encher-se de listrões de verde glauco, em que as varejeiras picavam de raspão; os seios murchos, enrugados, vazios, descarnavam um collo cheio de maculas de causticos, d'onde o gasnete sahia n'um esgalgamento de girafa — e d'esse corpo de martyr, nem um detalhe sequer da gentiléza que João da Graça tinha idealisado! Só a cabeça ainda era bella, d'uma esculptura inspirada, entre os cabellos enormes, que empastára nas fontes o suor da ultima agonia.

— Dê-me v. s.ª a camisa, objectou *Izaquiel*.

João da Graça remexia atarantadamente no embrulho, enganava-se na roupa, tirava uma peça, tirava outra, largava esta, ou ia depois desdobrar a que já tinha posto de banda... E o o outro acabou por desnudar a costureira de todo, com curiosidades de libertino, atirando os lençoes d'um empuxão. Um pudor fechava os olhos do medico, ante essa nudez sagrada de morta, que ao cangalheiro se afigurava apenas desprezivel.

— Está têsa que nem um bacalhau, dizia este, fazendo esforços brutaes para assental-a na cama, afim de lhe poder vestir a camisa. João da Graça tudo era aconchegar as ultimas roupas sobre o ventre da costureira. Já por fim, o cangalheiro fungava de mangação. Elle percebeu. Um ciume atroz roía-lhe a alma. Enlividecera nos beiços, tinha as mãos crispadas, e um suor humedecera-lhe os cabellos.

— Vai-te embora! fez de repente o estudante, afastando o miseravel por um braço. Eu a visto. Deixa! Vai-te embora! — Perdera a cabeça, e a sua voz, rouca, baixa, tresealando o ciume das naturezas concentradas, parecia a d'um ventriloquo imitando o fallar d'uma pessoa a distancia.

— Oh freguez! escusa de se escamar que eu não lh'a como.

— Vai-te! gritou-lhe João da Graça com tal violencia que o cangalheiro deixou o cubiculo logo, resmungando que não estava para aturar malucos.

Então começou o estudante a *toilette* de Martha. Deixára de hesitar na escolha da roupa. Desenrolou o vestido, estendeu aos pés da cama o par de meias bordadas, e uma a uma, começou de alisar as flôres da grinalda de rosas, que o embrulho amachucára pelo caminho. E tirando um pente do bolso, com mil cautelas para que o não surprehendessem n'aquella tarefa materna, entrou a pentear-lhe os cabellos dôcemente, madeixa a madeixa, desempeçando com arte os tufos rebeldes, como se estando ella dormindo, qualquer empuxão, por ligeiro, lhe pudesse arranear um gritosinho de dôr. Nenhuma mãi vestindo o filho que acaba de esmorecer-lhe nos braços: nenhuma noiva espargindo geranios e cravos sobre o cadaver do noivo, puderam jámais desenvolver tanta solicitude, tanta delicadeza, mimo tanto, como esse romanesco moço no preparar com humildes vestuarios o corpo fenecido da creatura que nem sequer conhecera fresca e radiosa! A abnegação que a alma dos rapazes exhala, mais espontaneamente talvez que a das mulheres — esse perfume intimo e recondito que parece nascer da virgindade do caracter, haviam transformado aquelle camponio misanthropo

na mais lésta camareira que é possivel imaginar. Oh! venham vêr como elle ajusta as meias n'esses pequenos pés carcomidos de tisica, e lh'as vai esticando, expedito e ligeiro, sem tocar sequer co'as pontas das unhas, na frigidissima epiderme d'aquellas pernas mirradas. Está de joelhos diante d'ella, cinge-lhe as ligas, calça-lhe os sapatinhos de sêda, enfia-lhe a saia bordada, e o vestido de musselina, com mangas curtas, que tem sobre o peito, garridamente bordado a azul pallido, um decote por onde tufam rendinhas e entremeios. Em duas grandes cataractas vem-lhe descendo os cabellos, aos lados da cara, para fazer-lhe nos hombros, ainda annelados e sedosos, uma especie de grande bioco monastico, cujo sombrio tecido mais accentua d'uma extatica belleza, a macerada alvura d'essa physionomia de cera. Falta só calçar-lhe as luvas. Elle trouxe-lhe um par de luvas. Será o seu derradeiro presente! Toda a noite passeou no quarto, mordendo os punhos, para os companheiros de casa lhe não ouvirem os soluços: tão agarrado á poesia funebre d'aquelle seu romance, que já se lhe afigurava nenhum outro conseguiria fazer-lhe bater o coração, por viva e seductora que fosse a creatura que viesse tentar-lhe a adolescencia! E chorava, o pobre João da Graça, nimbando a cabeça de Martha na corôa de rosas do martyrio, menos brancas do que as faces d'ella, agora insensiveis para sempre á ebullição das saudades que lhe deixára. Oh, essas ultimas horas da sua lenta agonia, quando as mãos d'elle sentiam ir arrefecendo as d'ella! e o balbuciar da sua imperceptivel voz, supplicando que a salvassem dos magarefes do amphitheatro, ultima affronta da caridade official aos deshcrdados, por cuja miseravel carcassa pessoa alguma vai interceder!

N'esse religioso amor que aspirava projectar-se além-tumulo, na nostalgia de felicidade que os devorava, só haviam commungado os espiritos... Amor sem desejo, exclusivamente doloroso, pelo phantasma da morte que os trespassára do mesmo horror sagrado, e todavia não se parecendo jámais com o amor d'irmãos, nem com o amor de filho a pai...

O guarda que havia tempos rondava o cubiculo, como João da Graça tardasse, resolveu-se a espreitar pelo olho de boi do numero 9. Vira o estudante ao pé da cama, com a cabeça encostada a uma das mãos da defunta, cuja luva acabára de calçar.

— Que é lá isso, meu senhor, a chorar?... Julguei que não soubessem fazer tal os homens de saber, como v. s.ª Era-lhe alguma coisa, esta menina?

— Oh não! Minha doente. Muito boa rapariga.

— Sua doente... Poucas que d'aqui sahem levam a serapilheira molhada dos olhos d'alguem que as ame. Esta ainda foi feliz. A modos que era bonita...

E o guarda acrescentou, passado tempo:

— Deus permitta que os desgostos de v. s.ª sejam sempre do tamanho d'estes. Hão-de esvaecer-se depressa.

— Ahi chegam os gatos-pingados, veio dizer o *Izaquiel.*

Elles tinham aberto o caixão. Era oblongo, coberto de sarja azul com pequenos galões lateraes, e uma cruz de lhama branca sobre o dorso. Oh Deus! Deus grande, Deus justo, Deus santo! Que enregelada seria a sua primeira noite debaixo da terra alagadia! Já nos lagedos soavam as botorras dos gatos-pingados. Uma chuva miudinha penetrava até á alma; e o vento que apagára a lampada, esfusiava através das persianas do casebre, gemia nas arvores, fazendo até bater as portas, pelos corredores do hospital.

— Vamos a isto, disse o armador. Segure-lhe v. s.ª pela cabeça.

João da Graça foi postar-se á cabeceira do catre, emquanto *Izaquiel* ia agarrar nos pés da costureira.

Ergueram o corpo. E o guarda continuava a monologar sem que ninguem lhe prestasse attenção:

— Façam idéa do que soffri perdendo mulher e filha. Eu cá fui da tropa, meu senhor. A mulher abalou com um moinan-

te. A filha abalou com outro. Ha-de fazer dois annos, já eu era o guarda-portão d'este palacio, uma noite vim encontrar aqui ambas as duas. Tinham chegado por caminhos differentes. Uma ficou além no numero 12, a outra dormiu no 17. N'aquelle tempo, o meu amigo era um cão que achei na rua, e morreu já. Agora só tenho aquelle melro, que inda assim me morde, apesar que lhe dou todos os dias de comer...

— Segure-lhe vocemecê ahi nos braços, gritou *Izaquiel* para o velho massador. O caixão era curto. *Izaquiel* lembrava-se de dobrar os joelhos da morta um quasi nada, afim d'ella ficar menos comprida. Já os beiços do estudante se começavam a fazer brancos. Porém os joelhos estavam rigidos. João da Graça respirou.

— Ha-de caber por força. Não ha remedio.

— Inclina-se-lhe a cabeça, disse o guarda. E ambos procuravam introduzir Martha a troxe-moxe, como uma encommenda que tem de caber por força n'um caixote já rubricado. João da Graça deixava fazer o que elles queriam. E quando emfim os dois homens se ergueram, ajoelhou-se elle para compôr a grinalda que pendera, e atar-lhe as mãos com uma fita de sêda.

Porém a sua sensibilidade estancava-se: fazia já tudo machinalmente por fim — só os seus olhos fixavam no forro de paninho do caixão, a rubrica da peça d'onde elle tinha sido tirado, e que em letras azues dizia: *Panno famoso, 22 jardas, Manchester*, a um canto... Em pensamento, o pobre rapaz repetia aquillo muitas vezes, *Panno famoso, 22 jardas...* com uma monotonia lugubre d'idiota, e sem saber o que estava dizendo. Quando já tudo estava prompto, *Izaquiel* encarando com um riso equivoco o estudante, perguntou-lhe á queima-roupa:

— Se me não engano, era a Martha, esta pequena?

— Conheceu-a? disse o outro.

— Foi minha visinha na Graça. Era d'arromba! V. s.ª sabe-lhe o nome todo?

O estudante disse que não. Mas o armador era familiar por aquellas possilgas, e foi logo procurar debaixo do travessei-

ro, o bilhete que lá deviam ter posto, como uma carta de guia laconica e tragica, para a jornada da sepultura. Soletrou: « *Martha Rodrigues, 23 annos, natural de Lisboa. Enfermaria de Santa Maria. Tuberculose pulmonar* ».

O bilhete adequava-se inteiramente ás informações que a *Cigarra* tinha dado. Era então ella! Sempre era ella então! — Que historia, hein? pensava o armador lisonjeado.

Já se explicava a scena de ciumes de ha pouco. João da Graça tinha sido o ultimo... eh! eh! o que apanhára o peixe sêcco, o que tinha pago a despeza no fim dos mais terem comido... E um estudante, um doutor! emquanto elle, *Izaquiel*, um carpinteiro, se podia gabar de ter sido a primeira paixão n'ella, a sua loucura, e o motivo unico da sua perdição!

— *Panno famoso, 22 jardas, Manchester...*

— Bem, disse *Izaquiel*. Póde-se fechar isto já, não?

João da Graça acabou d'esfolhar por cima do corpo, o açafate de violetas e camelias que mandára comprar ao Neves do Rocio.

— Palerma! pensava o cangalheiro mordendo as guias do bigode côr de milho, que lhe assanhava o beiço de cima. O velho capellão tinha chegado, e as absolvições foram n'um instante. Emquanto os moços arrastavam o caixão para a cadeira de ferro da berlinda, *Izaquiel* envergou á pressa um trajo de gatopingado, pois sempre forrava assim a esportula d'um homem. E o cortejo sahiu pela *Porta do Carro*, por S. Lazaro, caminho do cemiterio.

Sempre a chuvinha cerrada cahia obliquamente nas ruas, com uma teimosia impenitente, muito igual, desesperadora e cheia de amargas nostalgias. A lama enchia as pedras da rua, lambusava os patamares, subia ao roda-pé das frontarias, espadanando na cara dos transeuntes, de cada vez que uma sege largava a trote, por sobre os empoçamentos da via. Pannos de nevoa truncavam os prolongamentos do caminho. Cada embocada parecia ir acabar contra uma vasta penumbra, vaga e inquietadora sobre o espaço, onde a geometria dos predios, lá longe, mal se delineava em fumaceiras indecisas. Assim atra-

vessaram aquelle velho bairro da Bemposta, feito de casinholas e antigos palacios-casernas, frios e armoriados d'escudos na cornija gasta dos portões. Iam lentamente, sob a chuva, n'um passo derreado de vencidos, desafogando em imprecações e más palavras aquella má vida de raleira, por um aguacciro semelhante. O sota rogava pragas ao estafermo da defunta, em cima d'um cavallo tuberculoso, cujas costellas davam estrallos, batendo contra as costellas do lado opposto. E não iam mais contentes os gatos-pingados das tochas, encharcados até á camisa, em tão pequeno percurso; por signal que um d'elles, *Izaquiel*, espumava de birra, por vêr o estado em que lhe ia ficar o rico panno lantejoulado que revestia o caixão.

Quanto ao velho padre, mal-o sacrista, no fundo da berlinda... que o capellão era um santo, em lhe não tendo esquecido a caixa do rapé. D'aquella vez, a caixa ficára no gavetão da sacristia. Como désse pela falta, gritou logo, o santo velho — esta só pelo diabo! Parece que o sacristão, que tambem cheirava, não ia de melhor cozedura; já porque a respeito d'esperanças na propina do enterro, não tinha esperança nenhuma; já porque a mulher d'elle, Fortunata, lhe apresentára nas ventas, por contravenções de matrimonio, com uma salada d'agriões, e mais a saladeira em que ella se achava cozinhada.

— Aposto que tambem não traz, disse o capellão, mirando o seu acolyto d'esguelha.

Rebuscou elle consciencciosamente os bolsos da batina, antes de responder que não tinha trazido.

— Ora encommende-se a Christo, seu Evaristo! fez o padre.

E rufava nos vidros da berlinda com modos ribaldeiros.

— Sempre quero que me diga, como nos havemos nós de governar d'aqui até ao Alto de S. João, sem rapé. Sim!

— Que o tal pelintra podia bem pagar a propina ao sacristão.

— Qual pelintra, seu Evaristo?

— O estudante, senhor padre Ravasco. Então elle bate-se de panno rico, paga aos moços das tochas, e deixa os homens da

egreja a chuchar no dedo? A religião não é nenhum gallego dos defuntos!

— Ora o diacho do rapé!

— Porque emfim, quinze tostões sempre lhe hão-de fazer differença. O snr. padre Ravasco não é rico.

— E não sou, caramba! Mas que se lhe ha-de fazer? Os estudantes entravam logo a fallar... Veja vossê nas algibeiras das calças, seu Evaristo. Podia ir aos ouvidos do senhor enfermeiro-mór... O rapé desentupe-me. É a hostia das ventas. Dava agora um vintem por uma pitada.

— Raio de vida a nossa! Vá uma pessoa atraz d'esta carcassa, com esta chuva de molha-tolos, e de borla, senhores! Viu-se maior pouca-vergonha?

— E cada vez será peor, seu Evaristo. Então, sem rapé! As auctoridades tambem é que desprestigiam a Egreja. Antigamente... Vossê viu bem nas algibeiras do collete?

— O senhor padre Ravasco é que podia fallar ao estudante. Assim de raspão.

— Homem, eu cá não. Mas falle-lhe sempre vossê, se o lobrigar a caracter.

— Ná! Só se o armador quizer metter os padres na factura.

— Com que nem nas do collete? Ora sêbo, seu Evaristo! Sêbo lhe digo eu! D'aqui ao cemiterio sem rapé, com uma bordoada d'agua como está a cahir... Ah vida do diabo! Que esse estudante é um grandecissimo pelintra: vossê não abiscoita real, tenha a certeza. — Volvia o sacristão:

— De borla, senhor padre Ravasco, de borla nem uma pessoa reza os responsos com fé. E deixava resvalar até ao chão da carriola, voltaircanamente, o crucifixo de metal que tinha trazido. Além de que, entornára-se a agua benta da caldeirinha. — O padre reparou.

— Diabo! como ha-de ser isto agora?

— Ora adeus, padre Ravasco! A propina não dá p'ra semelhantes escrupulos. Cospe-se-lhe p'ra cima, arre!

Ao cabo d'uma marcha forçada, lá conseguiram chegar ao cemiterio. O guarda veio recebel-os debaixo d'um guarda-chuva de saloio. Padre Ravasco, apanhando a batina de lado, com'as mulheres, todo se acocorava sob a umbella escancarada por Evaristo. E na pequena eça de ferro da entrada, o caixão infiltrava-se lentamente da chuva. Só João da Graça se esquecia de abrigar a cabeça descoberta. Estava só, que os amigos tinham receado o tempo, e os irmãos d'ella tambem; e isto augmentava a sua melancolia. Nunca o cemiterio lhe parecera mais lugubre do que n'esse estupido dia d'inverno. Os cemiterios que elle passeára ao luar, nas suggestões patheticas do seu querido *Noivado do Sepulchro*, eram campinas de scenario dramatico, onde as avenidas de cyprestes caracolam e proseguem sem acabar jámais, e todas cheias de flexas gothicas, esculpturas, vôos d'almas, silencios de cryptas, geroglyphos de fogos-fatuos, e mysticas nupcias sobre o marmore phosphorejante das tumbas. Campo sagrado pelas dolorosas cadencias da ballada, que faz dos vetustos cyprestes como a resurreição, em vegetal, das grandes ambições que lá dormem, insaciadas, á espera da interrogação philosophica d'alguem. N'essas phantasticas necropoles, a alvinitencia da lua dá talvez fórmas de sonho a cada fachada livida de mausoléo. Meia noite batida, ir-se-hiam enlaçando aos pares, cadenciosas, as estatuas dos sarcophagos, fugindo lentamente, como elfos, na poeira argentea das noites claras...

— Oh nunca! nunca! de saudade infinda
Responde um echo, suspirando além...

— *De profundis clamavit ad te Domine*, dizia o padre. Todos se tinham descoberto. E João da Graça, sem escutar os responsos, via o caixão pingar uma agua turva dos cantos, sobre as pedras molhadas da avenida.

— *Panno famoso, 22 jardas...* A pobre, a pobresinha da rapariga!

Por milhares, os cyprestes afiavam, uns por traz dos outros, pontas de faeas erguidas contra o céo, como se por baixo da terra lhes estivessem segurando nos troncos, mãos vingadoras de defuntos, ha tantos annos desilludidos da bemaventurança com que a Egreja os embaira. Pelos cunhaes dos jazigos trepavam heras, alongando compadecidamente os braços verdes á peanha da cruz que os encimava. E por toda a parte esse silencio da morte, estagnado e podre, que n'um consistorio deve fazer-se, logo depois de ter blasphemado algum bispo.

— ... *Domine audi vocem meam; nec aspiciat me visus Dominis...*, dizia o padre.

Oh morrer! que consolador lhe seria morrer com ella, e ir emfim n'aquelle mesmo caixão, sob a chuva das mesmas flôres e o latim dos mesmos responsos, para a hibernagem da cova, alli tão perto da sua noivasinha adorada! Promessas, historias, juramentos que ella não pudera dizer-lhe emquanto viva, far-lh'os-hia depois, a fria somnambula, na primeira noite em que passassem unidos sob a terra, n'aquelle estreito ninho funerario. Toda a sua vida correria pois assim, morta a creatura, abandonada e murcha á beira da felicidade dos outros, sem que lhe fosse dado poder exclamar um dia: Sinto-me agora bem! Era genio, era destino, dizia elle. Em quinze annos de Lisboa, que relações eram as suas? Camaradagens d'escóla, tão exteriores como joviaes; um ou outro desconhecido que vinha ás noites beber-lhe o cognac ás mesas do Martinho. Da mulher pouco sabia. As que conheceera, tinham-no quasi todas explorado. Mesmo algumas lhe voltavam as costas. Que elle era d'esses timidos que as raparigas sacrificam ao primeiro bigode loiro que lhes surja, do fundo de qualquer imbecilidade, fazendo a apotheose de qualquer cabelleireiro. Só aquella moribunda diaphana, tão calada, tão poetica, tão dôce, satisfizera o platonismo ingenuo da sua alma de camponio, em cuja limpidez se estamparia ainda, quem sabe? a idyllica e religiosa tristeza do burgo alemtejano, onde tinha nascido!

— *Kyrie eleison, Christe eleison...*, rezava o padre, aspergindo o cadaver, emquanto por traz d'elle o sacrista ia abocanhando o *Pater noster.*

Farrapos de crepes já velhos, amarellentos, grotescos, iam e vinham, passavam e tornavam a passar com o vento, por diante da gelosia dos mausoléos. Algumas corôas mostravam os ventres de palha pendentes de gradarias em ferrugem. E em certas urnas, nem mesmo as aves desciam a molhar o bico, quanto mais a haste d'uma rosa trazida em preito, pela viuva d'um banqueiro!

A saudade d'essas inconsolaveis familias tinha apodrecido com as pomposas inscripções das corôas funebres. Outros amores depois foram crescendo por sobre a reminiscencia d'aquelles decrepitos amores. — Porque a lagrima não fecunda nem alimenta ninguem. É o pus d'uma ulcera: sécca e estanca-se no penso, apenas a ulcera vá estando cicatrizada.

A chuva não tinha cessado, e na encosta do cemiterio que pende para o rio, o cerraceiro entaipava de cinza o valle de Chellas, apagando n'essa paizagem funebre, o unico recanto em que sorria um idyllio de folhas verdes e de paredes caiadas.

A cova de Martha era para lá das ruas de sepulchros, n'um campo sem herva, cheio de numeros brancos em placas negras, e escavada em terra alagadia, cujas barreiras filtravam pr'a dentro, charcos de lama torva e espapaçada. E findas as absolvições, o padre, arregaçando a batina, afastou-se de baixo do chapéo de chuva que lhe estendera o sacrista; *Izaquiel* foi tratar de pôr em resguardo o panno rico; e dentro da cova, amarfanhando as calças nos canos das botorras, um coveiro inda novo procurava firmar-se na terra mal enxuta, fugindo ao atasqueiro do centro, emquanto um outro, de barrete de lontra, começou a abrir o caixão da rapariga. João da Graça esse tremia, com os olhos cahidos sobre a morta, e o espirito immobilisado na contemplação d'essa hora suprema, em que a angustia do desconhecido se centuplica de horror, pelo receio do inferno. O trabalho dos dois homens cortava-se emtanto d'impaciencias, ás fustigadas da chuva. O que destapára o caixão tinha-se

posto a chamar um dos gatos-pingados que ia debandando em póz dos outros, a que viesse ajudal-o a tirar a defunta, para a cova. E o outro coveiro em baixo, praguejava.

— Vê se te despachas, *zaranza!*

Mas o gato-pingado, sem se voltar, respondeu-lhe de longe um gesto obsceno, e foi João da Graça quem prestou ao coveiro o auxilio necessario, erguendo Martha pelos sovacos, emquanto o outro dava ala ao cadaver, agarrando-o pelas barrigas das pernas, como um fardo.

Ao despegar-se o corpo do caixão, a cabeça vergou, mal-os cabellos, e a corôa desprendendo-se, foi rolar ao meio da lama. Já o outro coveiro, por baixo, estendia os braços para amparar o cadaver pelos rins, quando um rebordo de terra veio a esbarrondar subitamente por debaixo dos pés do estudante, fazendo-o largar a morta, que cahiu desamparada no charco. Houve uma praga medonha do homem, sobre quem a lama espirrára, no impulso da queda, com um *plhau!* espapaçado e flacido de papas; e vestidos, meias, cabellos da pequena, ficou tudo coberto de crostas repellentes. *Panno famoso, 22 jardas...* e despoetisada do seu pudor, por aquella injuria, a morte revestia assim a feição de villeza esmagadora. — Só entre as madeixas, que iam tomando cambiantes descórados, cheios de piolhos brancos, furiosos, a cabeça mantinha a sua dolorosa aresta de nariz, entre as pisaduras dos olhos, e aquella pallidez exangue, melada de pollens, d'um azul que era já o sangue deleterio, e de que o excesso de mortificação fazia horror!

Nunca como n'essa hora, João da Graça comprehendeu melhor, no seu fundo de sonho romantico, ingenuo que era, a necessidade de acreditar que a podridão não fosse um terminus, tanto esse desfecho da vida lhe pareceu injusto e inexplicavel. A phrase de Pascal, *prenez de l'eau bénite, abetissez-vous!* veio-lhe á memoria, com o seu Port-Royalismo devorante, em que se sentem cilicios rasgando carnes, e o pesadêlo do *au-delà*

dando vida á morte, fazendo das mais tranquillas coisas, espectros, e sacudindo a alma em tragicos pesadêlos.

A idéa de Deus fel-o tremer, n'esse momento: perguntava a si proprio, espavorido, se as affirmativas da sciencia não eram mentirosas, e a sensibilidade continuaria além da morte, exasperando-se a dôr através da decomposição cadaverica, não já por crises, mas contínua, insupportavel, fulgurante, emquanto restasse do corpo uma molecula sequer de materia aggregada... E ao pensar nas torturas que ella devia estar soffrendo, caso assim fosse, prohibida de gritar, de se mover no meio da terra calcada, e sentindo por um requinte de martyrio, o carnaval da podridão ganhar terreno, pelo seu corpo fóra, té á medulla, um suor algido banhava-o, e desesperado, agarrava-se á religião, não já por fé, mas por miseria, como quem procura escapar d'uma asphyxia que o estrangula.

Ia de molde o seu caracter, tambem, a este poema mortuario, pela solidão em que se afizera e medrára. A mãi nem a conhecera. Os seus olhos de criança só se lembravam de ter visto sorrir physionomias velhas... um tio que tomou conta d'elle logo que a mãi tinha ido a enterrar... uma tia, já velha, de bandós postiços, que elle vira sempre a folhear romances da *Bibliotheca das Damas*... e velhas criadas de roda, ás passadinhas, fallando em segredo pelos cantos, n'uma velha casa que tanto podia ter sido um convento, como um quartel, como um tribunal.

O egoismo d'esta velhice, vegetando sem queixumes n'uma fartura de ricaços, retrahira cedo a viveza traquinas do garoto, compondo-lhe no aspeito, em gravidades de anão, seccuras de fantoche.

O unico cuidado da tia era saber se o menino cumpria as devoções. E havia rezas para todas as horas do dia, n'aquella casa, orações para o levantar da mesa, para beber agua, ir á bacia, dar um espirro... que o Joanico sete annos resmungou, passivamente, sob os bafos menstruaes da governante.

A vida em Lisboa não pudera aviventar depois, na adolescencia, aquella natureza apathica, sempre tocada pelo raio de

luar d'uma chimera. Nas noites de S. Carlos era um dilettanti maniaco do gallinheiro. Alli, no seu canto escuro, sequestrado de todos os convivios, ouvia a opera sem olhar a sala, como se buscasse na musica a repercussão d'um estado d'alma que era o seu. Mesmo, na escóla, era macambusio, com uma pallidez anemica, e grandes contemplações para dentro de si proprio. Os rapazes faziam-lhe troça. Tinham inventado que elle mandára pedir a absolvição do papa, antes de se deitar ás dissecções obrigadas pela matricula; e um maroto pôz-lhe a alcunha de *protoxydo d'amor*, pela facilidade, dizia, com que passava a sesquioxydo, á vista d'uma enfermeira galante, ou d'uma filha de patrôa appetecivel.

Na noite seguinte ao enterro, como a chuva cessasse, um vento frigido soprou sobre a cidade, e João da Graça no quarto corria os dedos sobre o piano, como se quizesse acordar em musica o éco das amarguras que o minavam. Todos os seus companheiros de hospedagem haviam sahido para a provincia, gozar as férias: ficára elle sósinho, mais a D. Maria e um gato preto — e a casa velha, rachada, immunda, para os lados do Matadouro, com quasi todos os andares por alugar, parecia morta n'aquelle silencio nocturno das terras, entre uns casinholos baixos de operarios. A espaço o sino de Rilhafolles badalava; estrugia um brado — era algum doido a quem os enfermeiros tinham vestido a camisola de forças. E a patrôa vinha dizer que eram horas do chá. Nas paredes dos quartos pendiam caladas as guitarras, pares de calças rotas; e sobre as bancas de pinho, os calhamaços da pathologia empoeiravam-se, ao lado d'ossos humanos, frascos d'injecções, e potes de tabaco. *Panno famoso, 22 jardas...* Se ella agora estaria tiritando de frio, na sepultura!

Paredes meias, uma familia esqualida de bebedo. Constantemente altercações, os chôros das crianças, o rodar da machina de costura, e a cadella, coitada, sempre a uivar de fome n'essas ruas! O chefe era um rapaz de flôr ao peito, ar gentilhomem, que escrevia nos jornaes, e traduzia, dizem, romances para empresas. Todas as noites a mulher ia apanhal-o da lama dos ca-

minhos, onde elle afocinhava á volta das tascas, recitando poemas socialistas. E nada mais lugubre do que esse contraste entre a elegancia do marido, as saias andrajosas da mulher, e a cabeça tinhosa e os pés descalços dos rapazes! Logo pela manhã vinha o mais velho engraxar para a escada as botas paternas, emquanto a mamã dava a ultima demão de chá na sobrecasaca vomitada de vinho, e os dois mais novos iam carregando dos predios em obras, marafalhas e toros com que aquecer o almoço ao grande homem. Cerca das onze horas, elle que sahia, a luva clara, o ar triumphador: e ella corria a vêl-o á janella, n'um extasi, a espancada da vespera, a besta de carga, com os filhos de roda, em camisola, igualmente babosos do papá... Oh, como estas desgraçadas se assemelham todas na ternura!

Panno f... e entre as reminiscencias do enterro e a miseria d'aquella visinhança, o espirito de João da Graça abria-se em acuidades dolorosas, em pessimismos negros: parecia-lhe a vida uma catastrophe que desfecha alfim sobre as pisadas do coveiro, e a cujas responsabilidades se foge, ou pelo vicio ou pelo alcool.

Um terço da gente viva, de facto, entre que poderia incluir-se a mais cerebral e a mais pujante, fazia o assalto da vida sem escrupulo d'armas no combate, nem moral certa nos planos de campanha. Por toda a parte a hydrophobia do lucro: a vida moderna incompativel com a honestidade antiga; e na caça do oiro, aberta ao homem, como alavanca de gozos e triumphos, o caçador mais forte era quasi sempre tambem o mais culpado. E em plena chacina d'essa lucta de féras e de bestas, que é a vida, João da Graça via rastejar na sombra o formigueiro dos tristes, dos inermes, dos vencidos, filhos sem pai, homens sem trabalho, mulheres sem esposo certo, familias sem abrigo, toda a legião sagrada e vil dos que se deixam ludibriar por uma especie de fatalidade zoologica, inquebranta-

vel... Aquelle formigueiro dava gemidos na portaria dos hospitaes, debatia-se nos pateos das prisões, levava chicotadas nas roças, envenenava os pulmões nas officinas, apodrecia nas minas, rebentava em cima das enxadas: e continuando sempre a fazer apotheoses, a crear deuses, a sagrar imperadores, pela necessidade d'um despota que lhe recordasse a miseria da sua origem, e lhe fosse aviventando o martyrio, causa exclusiva da sua evolução.

Assim, elle sondava as naturezas nascidas puras, e que a sociedade falha ou perverte, por miseria, desprezo, ou más suggestões; explicava as vesanias, os vicios, os crimes... o roubo pela fome, os assassinios por impulsão subitanea ou por defeza, e por desforço as traições e os vilipendios. Entre os felizes, quantos miseraveis cuja fortuna lhes devera ser arrancada, em holocausto á miseria publica! e quantos facinoras, cuja vida o carrasco extirparia, por desaffronta á dignidade humana, polluida! Aqui se surprehendia a fazer o calculo rancoroso do avos de responsabilidade, que na desgraça de Martha poderia ter cada homem rico das suas relações, e a pedir-lhes contas d'essa miseria que nunca descera a queixar-se, ao meio da rua.

Altas horas, esta obsessão de humanidade timida e de humanidade ambiciosa, que desde as origens do homem ensanguenta a terra de tragedias, e cuja macabra historia poderia esculpir-se no friso d'um hospital d'alienados: esta obsessão continuou a dramatisar-se no pesadêlo que o cerebro lhe fez, adormecido como foi, sob impressões de mágoa tão profunda. Estava outra vez no cemiterio, era de noite; e pelas avenidas, entre a inverosimilhança das sombras, e o terrivel sem fim das perspectivas, fundos de cypreste, côr de tinta, davam retoque a alguma agulha branca de jazida. Gradualmente, a temperatura ia baixando (verdade seja que João da Graça adormecera no sofá sem cobertura) a ponto do regelo resequir os gomos dos goiveiros, e paralysar nas sepulturas a decomposição dos trespassados. Noitibós e morcegos, francelhos, corujas, todos os passaros da morte que entôam nos logares funebres a ladainha do espanto, haviam recolhido ás suas tócas: e o silencio de agouro

que atafulhava as boccas da cidade, parecia dar n'aquelle sitio uma impressão de joelho sobre um peito, de cuja asphyxia está prestes a escapar-se um brado de soccorro. Elle pudera metter-se pelo craneiro d'um jazigo, té ás catacumbas da necropole, onde viu n'uma praça o visinho escriptor a cabritar. Eram primeiro esses bairros de marmore, burilados de alhambras e de estatuas, onde os ricos passam a estrume entre confortos... depois moradas mais humildes, e nos arrabaldes, cavernas e buracos em que se empilhava a canalha morta, a troxe-moxe, assim como á viva succede, nas alfurjas da Penha e Mouraria. Aquillo vasto, sob uma penumbra fétida e hyperborea, zigzagueava no subsólo, como a visão d'uma Gomorrha submersa. Fervilhações mysteriosas, vislumbres d'almas, agitavam aquellas carcassas deitadas para alli, a apodrecer... vida sem cerebro, regida, como direi? por uma especie de sensibilidade espinhal inherente ainda á materia animalisada — como se a natureza, essa cozinheira de restos, tentasse crear com aquelles destroços outra humanidade, acephala, gestadora de monstros.

Por causa d'essa sensibilidade, vinham os mortos da valla, em grandes bichas, estrallejando as maxillas de frio, roubar mortalha aos opulentos senhores dos mausoléos. Em cada crypta viu elle familias de esqueletos, debaterem, pelas frinchas dos caixões, enterradas na cal, interesses que a morte cá em cima havia truncado, e continuarem em osso, os adulterios, as intrigas, as idyosincrasias, as labutas... e á proporção que o frio reduplicava, a multidão crescer, cada vez mais ameaçadora, das covas de miseria aos bairros argentarios. Era uma plebe phosphorejante e amorpha de sabbat, uma ronda espectral de coisas diffusas, deslisando sem ruido, n'uma somnolencia de typho e de delirio... E João da Graça espantava-se de vêr o visinho escriptor, de luvas amarellas, com a cara do *Izaquiel*, a levantar as saias a uma figura de mulher vestida de cassa, e toda cheia de lama nos cabellos, que pedia esmola á porta d'um mausoléo.

Nos degraus dos prostibulos, á porta dos palacios, restos de bebedos continuavam, depois da morte ainda, as allucinações

do absintho e da aguardente, com attitudes de fuga e de defeza, motetes, e epilepsias grotescas de ossatura. Velhas megeras, com as orbitas em sangue, um resto de beiço pendente da maxilla — prostitutas corcundas, cobertas de bossas, a lingua inchada, fóra da bocca, um gesto de convite ainda, nas phalanges da mão libidinosa — mendigos lugubres, choreicos, aconchegando aos ossos a carne descollada, como quem aconchega uma serapilheira... aquillo tudo atropellava-se, bolia na sombra, com um rastro de bruxas e morcegos, á procura d'um fóco de calor. E era medonho o espectaculo d'alguns que esbracejavam presos nas raizes, afflictos, esmagados, meio devorados por ellas, e a ruminarem o quer que fosse nas boccas sem lingua, como a querer fazer revelações! Emtanto os grandes tumulos tinham festa, alli os mortos continuavam antigas conversações galantes, ao calor da lampada mortuaria, em toilettes de côrte e de salão. Eram estes o alvo da romaria sinistra dos párias, que para vêl-os formilhavam de redor dos mausoléos, consultando-se um instante, avançando em quadrilhas, a espendurarem-se em cachos, das esculpturas e dos nichos, a subir aos zimborios, a virem collar os buracos dos olhos ás lucarnas, estrallejando os dentes convulsivos... E por toda a banda João da Graça sentia o mesmo: os vicios e vesanias terrenas proseguindo na morte, por uma especie de instincto anterior, a sua manobra de animalidade e de torpeza, macaqueando a vida, como aquelle piano do conto de Hoffmann, cujas teclas haviam tocado muito tempo uma melodia de Haydn, e que o pianista fez em pedaços, continuando estes ainda a tocar a melodia.

Muito tempo tinha passado já depois de Martha morrer, e João da Graça, que estava delegado de saude, e em via de celebre, foi uma manhã chamado a constatar um obito de velho, n'um dos mais infectos casebres da Mouraria.

O temperamento romantico d'aquelle moço, o tempo o evaporára, logo á recepção dos primeiros honorarios profissionaes,

disciplinando-o pouco a pouco n'essa secura amavel do republico ambicioso, charlatão da fortuna, que impõe como auctoridade scientifica, quasi sempre, o coupé de luxo onde passeia, e a anafada parelha, a que se puxa. Lenta, mas segura, a clientela rica tinha vindo, em esgalhadas de negociantes e meninas hysericas, gentes d'áparte, fastidiosas de banalidade, e desconnexas e ultra-chics, que além de não engulirem remedios de botica, tinham a vantagem d'ir exagerando a fama do especialista té as fronteiras do milagre, sobre lhe pagarem por meia libra, a meia hora de palestra que elle lhes vinha fazer de carruagem, todos os dias, áccerca de cantoras, vidas alheias, e aguas mineraes.

Fazem estas apotheoses publicas reflorir na alma dos plebeus, á hora da fortuna, o orgulho intransigente — esse espesinhado orgulho, que é sempre um animal rancoroso, nos que soffreram obscuridade ou privações. E d'ahi, quando se é feliz, se interrogamos a reminiscencia sobre as hesitações e ridiculas luctas dos primeiros annos, a reminiscencia, como uma dengue discreta, não responde. Que admira pois que João da Graça, ao ir verificar o obito do velho, já não conhecesse Miguel que o cortejava, nem a pequena Joanna, que viera abrir-lhe a porta, chorosa, e com o seu ar morbido de loira, branco d'uma pocira lunar, que haveria merecido a um inglez o intraduzivel epitheto d'*ethereal*, tanto a miseria e as vigilias emaciaram de graça esse corpinho que parecia apenas o pretexto d'uma bondade? A casa era n'uma especie de grande pombal da rua Suja, pullulando de moradores quasi mendigos. Na escada havia garotos em frangalhos, prostitutas nas lojas, e um cheiro a sardinha e a fézes por todos os andares. De roda, no antro onde aquella pobre gente viera cahir, a miseria dizia muito mais do que pobreza, dizia desespero, desleixo, falta d'esperança e falta de coragem. Não se viam senão moveis partidos junto aos muros, ferramentas esparsas no sobrado, trapos de saias cobertos d'immundicie, restos de coisas a que se perdeu o amor, e que se afundam, como os donos, na fuliginosa tristeza de se sentirem sós e desprezados. Affixára-se em tudo, essa miseria, com o

proposito de tornar a vida insupportavel; ella dizendo as desavenças intimas, as bebedeiras, as fomes — a casa de penhores, a enfermidade — mezes sem trabalho e noites sem dormida — todo o irreparavel sarcasmo de existencias sequestradas, martyrisando-se, com essa volupia aguda em sossobrar.

De chapeu na cabeça, João da Graça disse no ar palavras benevolas ao rapaz, e foi seguindo a pequena, até ao cubiculo do morto, onde verificou grosseiramente os signaes de extincção que o livro manda.

— Dêem-me tinta.

Voltára á saleta, e depois de lavar os dedos, pôz-se a desenrolar o papel da certidão. Foi quando Miguel lhe quiz aproximar da banca uma cadeira, mas houve duvidas: nenhuma d'ellas supportaria o peso do doutor, sem vacillar!

— Quantos são hoje?

— Acho que nove...

E a penna corria, célere e massada, cobrindo os brancos do impresso com a sua letra illegivel de medico. Ao canto, o caixão pousava, encostado á parede, aberto, e já tão velho — um caixão de aluguel que tinha no forro, a um canto, entre duas nodoas de sangue, uma grande rubrica de fabrica... *panno famoso, 22 jardas...* Nada d'aquillo, nada, por certo já não seria capaz de fallar á reminiscencia do doutor!

— É resignarem-se, adeus.

E elle sahiu, depois de accender com estrondo um bom charuto. Já na escada, inquiriu d'um homem que subia, em primeiro logar as circumstancias da familia... E o homem, depois de lhe assentar familiarmente a mão no hombro, começou a dizer que o velho tivera n'outro tempo seu arranjo, mas começou a dar cabo, a embebedar-se, entende bocê? e estava alli morto de miseria como um cão. Havia o filho a deitar sangue pela bocca, uma pequena... E quanto ao enterro, o que se via! Por duas libras, *cuxixiam* berlinda e panno rico; vai, como o dinheiro não chegou p'ra grandes luxos, tinha-se combinado o caixão ser d'aluguel. De casa do Zaquiel. Bossa senhoria ha-de ter ouvido... Á Carreïrinha...

João da Graça ia descendo, e ainda o homem, loquacissimo:

— Hi tem bocê outro que vem a acabar mal. Olá se vem! Bebe de cada vez dois decilitros d'aguardente... E por módos, todo comido de males de mulheres!

Foram achal-o uma manhã morto na cama, sobre um vomito de sangue e de aguardente. Em quatro mezes tinham-lhe vendido a loja e as ferramentas, os caixões de casquinha e o panno rico. Os amigos fugiam-lhe, as proprias mulheres o tinham abandonado — porquanto Zaquiel em estando bebedo, atirava-se a ellas como um lobo, pretendendo instillar-lhes, n'uma obsessão de vingança, a hedionda gafeira que o roía.

Por caridade, um collega armador fel-o transportar n'um calhambeque, ao cemiterio; e como ninguem tinha querido um caixão velho que havia em casa, n'esse esquife o expediram, vestido de farrapos, para a jornada tremenda.

Quando o medico veio verificar o obito, não havia uma só pessoa na loja, a fazer guarda. Exhalava-se um fétido medonho do cadaver, que se cozia em peste, rapido perdendo a fórma originaria: e esse cheiro inundava o cacifro, tresandando em espantosas baforadas, té á rua. Toda a visinhança estava em alarida, quando o doutor chegou. As rameiras e as tascas tinham ido fazer queixa do morto, ao commissario. E João da Graça, sem descalçar as luvas, pôz-se a escrever contra a parede os dizeres da certidão, entre nauseas mortaes, rogando pragas. — E nem elle nem ninguem poderiam talvez reconstruir n'aquellas cinco táboas de pinho, em que jazia o bebedo, o impassivel caixão, que havia recolhido os destroços das tres creaturas, despejando-as na terra, com a maior indifferença, uma após outra, sem indagar se estariam bem mortas as paixões que tanto tempo as haviam unido e separado.

Fialho d'Almeida.

TOIRADAS EM PORTUGAL

I

Em Lisboa, Salvaterra, Almeirim, Queluz, Cintra, Villa Viçosa; nos festejos publicos e occasiões solemnes; nos arraiaes e romarias; como passatempo querido da nobreza, que no correr de toiros, justas, torneios, o pareo se exercitava para depois passar a Africa ou ir combater algures; como folgar domingueiro das villas ribatejanas; e como fonte de receita para obras de beneficencia, a toirada tem sempre feito parte integrante dos costumes portuguezes. É o unico divertimento nacional, genuino, caracteristico que tem acompanhado durante seculos a historia, sempre favorito de reis, de principes, de fidalgos e de povo.

Pela transformação da arte militar acabaram as escaramuças, os jogos de canas, e os desafios de cartel em que os mantenedores e aventureiros de armas brancas ao som de trombetas, sacabuchas, charamelas, pifanos e tambores, defendiam em combates simulados as bellas Celindaxas. Desusaram-se os volatins, aquietaram-se e emmudeceram as danças mouriscas, e os esgares dos truões, desappareceram as *alcanzias* em que se luctava com bolas de barro cheias de cinza ou flôres. Com a cavallaria de gineta e o trajar pomposo do seculo passado morreram as cavalhadas, a argolinha, a cabeça de turco e o pato.

A toirada, porém, posto que tenha perdido a grandeza, a

pompa, a solemnidade antigas, e já não seja um passatempo de luxo, uma escóla de destreza, e um *sport* das raças finas, é ainda a mais attrahente diversão de estremenhos e alemtejanos; tem um prestigio indizivel de tradição cavalheirosa e galante.

E de facto, folheada a historia dos nossos costumes dispersa pelas paginas dos chronistas, pelos volumes dos eruditos, pelos trabalhos dos academicos, pelos periodos dos litteratos, e documentos extravagantes ainda por explorar, vê-se as corridas de touros repetirem-se a cada momento na peninsula para onde foram trazidas dos amphitheatros gregos, e mais ainda dos circos romanos em que Tarquinio o Soberbo as mandava celebrar para aplacar a furia dos deuses infernaes. *Ludi tauri* [1].

Durante a invasão arabe e o dominio wisigothico correram-se toiros em Hespanha. Sabe-se que em 13 de maio de 1100 houve alli uma corrida celebre [2].

Em Portugal tambem, durante esse seculo XII, tão irrequieto e cheio das correrias e façanhas dos bandos occupados em expulsar o sarraceno, não raro os rudes guerreiros descançavam de correr charnecas, e arremetter cidades, na folgança de largar possantes mastins aos toiros furiosos, e de lhes cravar nas espádoas e no dorso as perfurantes ascúmas e ligeiras lanças.

Alexandre Herculano faz-nos assistir a uma d'essas toiradas em que um toiro sahindo pelo postigo do castro, e correndo através do passadiço que assoberbava a barbacan, arremette

[1] No livro X, capitulo VI da *Republica Gentilica* escreve fr. Jeronymo Romano que em Roma se deu principio a estas festas porque havia grande mortandade occasionada de comer carne de touro. Tornava-se necessario abrandar os deuses infernaes a quem se attribuia a calamidade. Celebraram então as corridas de que tambem falla Alexandre ab Alexandro nos seus *Dias Geniaes*, livro VI, capitulo XIV.

[2] Muitos escriptores, sobretudo hespanhoes, dão ás toiradas na peninsula uma origem arabe. Este povo já aqui encontrou aquelle divertimento. Por talvez já o contar entre os seus costumes, cultivou-o com enthusiasmo, apropriou-o á sua maneira de cavalgar, de trajar, etc., deu-lhe tanto caracter que muitos lhe attribuem a sua acclimação nas Hespanhas.

furioso contra os irritados molossos, livres das trellas com que os cavalleriços os sustinham. Depois da lucta com os cães, descem á liça os cavalleiros dos briaes, que lanceiam com dardos o animal até á morte.

É fóra de duvida que no principio da monarchia os companheiros dos primeiros reis se occupavam em jogos de tavolado e se exercitavam em tauromachias.

O velho Fernão Lopes, na *Chronica d'El-Rey D. Fernando,* referindo o casamento da infanta D. Beatriz, conta que no dia do recebimento «o rei e a rainha vierom para as suas pousadas e depois de comer justarom e lidarom touros e... todo aquelle dia se despendeu em festas e cousas que a vodas pertenciam.»

D. Duarte, que pelo seu proprio punho escreveu o *Livro da ensinança de bem cavalgar toda sella,* por certo não desprezou, embora a não mencione expressamente, uma das mais bellas applicações d'aquelle nobre exercicio, o toireio.

Tinha-o seu neto D. João II em grande conta, pois Garcia de Rezende enumerando as virtudes, feições, costumes e manhas d'el-rei, diz: «E as festas eram d'elle com grande veneraçam celebradas, e sempre n'ellas se vestia ricamente, e com grande estado real guardava os antigos *costumes dos Reys seus antecessores* convem a saber, no Natal consoada, na Pascoa Ressurreiçam, dia de Corpus Christi procissão e *touros,* vespera de S. João grandes fogueiras, e no dia cannas reaes. Folgava elle de montear e caçar com galgos, açores e muito mais caça d'altanaria; tinha muito bons cães, muito bons libres e alãos que mandava lançar a toiros.» Elle proprio não desdenhava apresentar-se em frente d'um boi, como o fez certo dia que estando em Alcochete, ia de casa a pé com a rainha, amas, e muitos fidalgos, a vêr uma corrida no terreiro junto á egreja. Aconteceu que fugindo um toiro do curro, veio pela rua principal precedido de muita gente em grita. Foi então que el-rei tomou a rainha pela mão, e pôz-se diante d'ella com a capa no braço e a espada apunhada com grande segurança, esperando o toiro.

Valente, estimava os valentes. Por isso, d'uma outra vez, estando a correr toiros no terreiro dos paços d'Evora, succedeu estar uma tranqueira mal concertada. Subira a ella muita gente, quando um toiro arremetteu. Fugiram todos espavoridos, e só ficou um homem, que estava atraz dos outros, embuçado n'uma capa e de sombreiro carregado. Pegou elle na capa e na espada, e tão valentemente defendeu a sahida, que fez tornar o bicho atraz. Impressionou isto el-rei, que lhe perguntou, com as suas fallas vagarosas, e entoadas pelos narizes, quem era e como se achava na côrte. Soube então que em Lamego matára um homem e andava fugido. Mandou chamar o corregedor a quem recommendou que o livrasse, e depois lhe fez a mercê de o tomar para seu criado.

Prezava muito este rei todas as manifestações de valentia e destreza: a carreira, o salto, a barra, a desenvoltura a pé e a cavallo. Tudo isso, de resto, já vinha na tradição desde os antigos lusitanos, de cujos jogos gymnicos e hippicos falla Strabão, citando o pugilato, escaramuças e batalhas campaes que se transformaram no bafordo, alêo, toiros e cavalhadas.

Na sociedade guerreira dos primeiros tempos portuguezes tinham estes jogos o caracter de exercicios de actividade bellicosa, que, praticados em sortida e sortida, apenas merecem menção. Depois, terminada a reconquista neo-gothica, nas épocas relativamente pacificas que começam com o seculo XVI, a aristocracia, continuando a exercel-os como preparativo para as conquistas d'além-mar e guerras no continente, transformou-os comtudo em festas pomposas, deu-lhes o apparato de solemnidades nacionaes, e por ultimo desenvolveu n'elles o luxo magnificente, as riquezas deslumbrantes, que arruinaram muitas casas nobres no seculo passado.

N'uns ou n'outros tempos, em todo o caso, esse divertimento formava, embora o contestem praguentos, homens destemidos, desenvolvia as qualidades physicas de uma raça activa e emprehendedora, exercitando-lhe a coragem, a destreza, exigindo-lhe superiores aptidões para a equitação, forte musculatura para o combate, distincção e elegancia no manejo do cavallo,

certeza no empunhar do rojão á hespanhola, e fina arte no atirar do arremessão á mourisca.

Foi constante o favor de que este divertimento gozou, tendo sempre vencido as tentativas, muitas vezes feitas, para o abolir. Encetou-as o Papa Pio v que em 1566 prohibiu as corridas de toiros em toda a christandade, lançando excommunhão maior contra os que as permitissem, ou tomassem parte n'ellas. Talvez não fosse estranha a esta resolução a sua existencia em Roma, onde as tinham introduzido de novo os aragonezes no tempo de Callixto.

Conta Charles Yriarte, no seu recente livro, que no dia de S. João de 1500 nas corridas organisadas atraz da basilica de S. Pedro, Cesar Borgia descceu, sem mascara, á arena, para combater a pé, vestido simplesmente com um porpoem, e fazendo cinco *passes* de muleta matou os cinco touros que lhe couberam, *aux cris d'une foule en délire*. E de novo toireou, mas d'esta vez a cavallo, fazendo pomposas cortezias, por occasião do terceiro casamento de sua irmã Lucrecia. Como se vê estava de novo arraigado o gosto por estas diversões na Roma dos Papas, como o estivera na dos Cesares. Não sei se a prohibição lançada pelo successor de Alexandre vi conseguiu o seu fim em Roma. Entre nós sei que foi pedida a Gregorio xiii uma bulla que novamente permittiu em 1573 as corridas de toiros sob duas condições: 1.ª sendo-lhes préviamente serradas as pontas, 2.ª serem corridos unicamente na presença do monarcha.

A rainha D. Maria Francisca de Saboya tinha tambem decidida aversão a este divertimento, nascida mais em dissabores offensivos do seu orgulho e do seu coração, que no aborrecimento pelo proprio espectaculo.

Alguns casos caracteristicos explicarão esse odio.

D. Affonso vi, lê-se n'um manuscripto, tinha uma amante freira no convento de Odivellas por nome D. Anna de Moura, fazendo-lhe continuas assistencias com grande indecoro e geral reprovação de toda a côrte. E com tantos extremos da freira, que certo dia em que a referida religiosa fazia annos, indo elrei toirear para o pateo d'Odivellas, tendo dado uma queda e

vendo-se por isso obrigado pelos cirurgiões a sangrar-se, a freira para fazer uma fineza ao rei, sangrou-se tambem [1].

Um bisbilhoteiro do tempo, má lingua, mas interessante, conta mais que tendo chegado o tempo de a cidade de Lisboa fazer festa a Santo Antonio em 1667, assistiram aos primeiros toiros suas magestades e sua alteza. Acabado o dia soube a rainha que em uma janella do paço estivera, vendo a festa, uma mulher conhecida « tanto pelo nome como pela vida, celebrada pela alcunha de *Calcanhares*, sustentada para feitiço de sua magestade. Sentiu tanto a rainha o desprezo, que apaixonada se manifestou achacosa, sendo seu desgosto a suspensão da festa [2]. »

Mudando de marido não logrou maior socego, pois que vindo para Alcantara no 1.º de junho de 1672, seguiu D. Pedro a sua « arriscada inclinação pelo que esteve perigosissimo, buscado dos cornos d'um toiro que lhe rompeu o freio do cavallo, e este desbocado o despenhára se o principe se não apegasse a uma columna, largando a sella do cavallo [3]. » Mais tarde no Côrte Real de novo se viu arriscado e sahiu com necessidade de sangrias que não quiz tomar.

E como o rei D. Pedro, refere um viajante [4], dotado de uma força extraordinaria, gostava immenso de ir algumas vezes agarrar um toiro *á unha*, a rainha receando alguma desgraça maior, tanto trabalhou que obteve a suppressão d'essas corridas, excepto nas occasiões de nascimentos de principes ou princezas.

Sobejas razões tinha ella, como se vê, para não estimar muito o espectaculo, e o exercicio querido de seus dois maridos.

A prohibição não lhe sobreviveu durante muito tempo, e já no reinado seguinte eram de novo esses espectaculos tão fre-

[1] Manuscripto da bibliotheca da Ajuda, citado por Bernardes Branco — Affonso VI, pag. 21.

[2] *Monstruosidades do tempo e da fortuna*, pag. 11.

[3] *Ibidem*, pag. 198.

[4] Description de la ville de Lisbonne, citada por Theophilo Braga: *O povo portuguez nos seus costumes, etc.*, pag. 87.

quentados pelos lisboetas, que o frade xabregano fr. João de Nossa Senhora, typo popular, heroe-comico, que percorria as ruas, poetando, prégando a cada canto, vociferando contra os desvarios do seculo e seguido d'uma turba-multa de rapazes e de mulheres, não teve bastante força na sua eloquencia para afastar do Rocio onde se corriam toiros as gentes, que no seu pensar caminhavam para a perdição; e achando-se com resumidissimo auditorio na egreja da Victoria onde prégava, improvisou as seguintes quadras:

No Rocio se faz festa,
Na Victoria prégação;
Pouca gente assiste n'esta,
Mas n'aquella multidão.

Tres vezes divertimento
Bem se pudera escusar:
Tanto rir, tanto folgar
Póde parar em tristeza.

Na doutrina de Maria
Tenha Lisboa certeza,
Que toda a sua alegria
Ha de parar em tristeza.

Não faltou depois quem visse n'estes versos a prophecia do terramoto d'esse anno. No entretanto, pela rua Nova, e por todas as encruzilhadas que levavam ao Rocio, a multidão formigava sequiosa das commoções do circo, e descuidada das funebres queixas do *frade arengueiro*.

Passaram annos, e o terramoto, que tanto demoliu, não acabou essas festas.

Já na época constitucional, talvez mais demolidora ainda, se pretendeu abolil-as de vez. Assim, o decreto de 19 de setembro de 1836 referendado por Manoel da Silva Passos, considerando emphaticamente que as corridas de toiros são um divertimento barbaro e improprio de nações civilisadas, e que semelhantes espectaculos servem só para habituar os homens ao cri-

me e á crueldade, determina que fiquem prohibidas em todo o reino.

Mezes depois as côrtes geraes, extraordinarias e constituintes, votam a revogação d'este decreto [1].

Actualmente está pendente da approvação das côrtes uma proposta abolindo as toiradas em Portugal.

Entretanto em cada cidade, em cada villa da Estremadura e Alemtejo, e até mesmo no Porto, se tem construido novas praças de toiros, que se vão enchendo todos domingos de verão.

E assim o povo, que é ainda quem em Portugal conserva alguma individualidade caracteristica, resiste com o instincto das raças fortes ás doutrinas dos que querem ministrar-lhe á força uma educação de feitio cosmopolita, cuja adaptação indigena só tende a transformar em palratorio de *meetings*, em trocadilhos obscenos de theatros baratos, em danças pretenciosas de bailes familiares, o folguedo das romarias, feiras, e arraiaes, a inspiração dos descantes, os requebros dos bailaricos, a algazarra, a chufa, a unidade do sentir das praças de toiros, unico logar onde em Portugal se manifesta a expansiva alegria do povo.

II

UMA TOIRADA D'EL-REI D. SEBASTIÃO

Corria o anno de 1575. Meava-se o mez de abril, e ainda el-rei D. Sebastião se demorava em Evora, triste pela morte de seu mestre Luiz Gonçalves da Camara, já todo occupado nos projectos da sua phantasiosa empreza, para a qual a expedição a Africa no anno anterior lhe excitára os brios, mal humorado ainda com as combinações matrimoniaes de seu tio Philippe II.

[1] Carta de lei de 30 de junho de 1837.

Deixára-se invadir talvez com toda a ardencia das naturezas castas e reservadas do mysterioso sentimento pela filha do conde da Feira, que lhe evitava o despeito por saber casada Margarida de Valois, sepultada n'um convento a viuva de Carlos IX, e promettida a outro sua prima Isabel de Hespanha.

Porventura para resistir a esse crescente amor, recusava-se a vir para Lisboa, para onde o chamava o que hoje diriamos opinião publica: exhortações de sua avó, queixas dos fidalgos, murmurações do povo, e até exclamações dos prégadores do alto dos pulpitos. Escriptos metaphoricos que lhe introduziam nas camaras, trovas mui persuasivas e doutas chamando-lhe « pastor descuidado das ovelhas », pouco o commoviam.

Resolveu então a cidade ordenar o festejo grave de toiros em Xabregas, defronte dos paços da rainha. Convidado el-rei não julgou dever recusar.

Mandou logo a camara formar um terreiro largo em frente dos paços em que morava a rainha D. Catherina. Mais de trezentos homens trabalharam durante muitos dias para entulhar de lenha e terra toda a praia, para onde era necessario alongar a arena. Rodearam-na de palanques altos de tres sobrados e adornaram-nos de vistosas colgaduras, guadamecis, e tapeçarias com quadros symbolicos.

No dia 24 de junho começaram logo de manhã a encher-se os degraus dos palanques baixos, e todo o recinto destinado ao povo, que acorria pressuroso á sua festa. E emquanto a côrte não chegava, uns sacavam dos dados para arriscar alguns chavos e dobrões ás escondidas dos espias de João de Olmedo, que ha pouco contratára o estanco das cartas de jogar. Outros relembravam as festas e jogos de canas dados tres annos antes em Santo Amaro pela chegada do vice-rei D. Luiz de Athaide, victorioso dos reis da India, e duvidavam que estes pudessem ser mais brilhantes. Os idosos affiançavam que nenhum espectaculo melhor os divertia, que um auto de fé bem fornecido de judeus, como aquelle do reinado anterior, em que o medico de S. Cypriano levára tres horas a arder. Os rapazes novos que tinham esperitado os toiros encurralados vinham informar da sua

ferocidade, e declaravam que nunca os tinha havido mais bravos do que estes que a cidade offerecia a el-rei D. Sebastião. E em todas as conversas este nome echoava, commentando alguns ainda com azedume a sua longa ausencia da côrte, contando a maior parte com sympathia as suas doidas excursões fóra da barra n'um batel em que arrostára com o mais forte da tempestade, e com a surriada de tiros despedidos das torres sobre o seu barco, empregado em fiscalisar, elle proprio, as ordens sobre a entrada de embarcações. Referiam tambem as caçadas em Tancos e em Cintra montando cavallos sem ensino, e a energia com que em Almeirim justava durante tres horas seguidas.

N'aquelle enxame humano, buliçoso e irrequieto, com trajos de côres garridas, tabardos pittorescos, capuzes e luvas vistosas, a vozearia ia crescendo; confundindo-se no ar as chufas, os gritos, as pragas das mulheres da Ribeira, os sons estridentes das trombetas bastardas com que as *folias* do Cartaxo e Montemór, e as *chacótas* de Leiria e Pombal vinham annunciar a corrida. Os vendedores de bebidas frescas pregoavam, servindo com azafama a multidão sedenta, de guelas sêccas pela calma ardente d'aquelle dia de verão. Destacavam-se aqui e alli as cabeças negras dos escravos sorrindo humildemente, com os seus dentes muito brancos, das graçolas pesadas dos remadores das galeotas reaes, e dos ditos desdenhosos dos mercadores da rua Nova que, movidos já pelo demonio de imitar a nobreza, ostentavam ricos gibões, calças, roupetas e ferragoulos alastrados de passamanes d'um gosto duvidoso.

Corriam os grupos dos mais abastados os beatos, com as suas opas de burel, e os mealheiros, e osculatorios ornados com imagens de santos, que davam a beijar, excitando a devoção. Os soldados de D. Luiz de Athaide, com as caras bronzeadas pelo sol da India, referiam presumpçosos a derrota do Idal-Kan, e os que tinham acompanhado a expedição do moço rei a Tanger e Ceuta contavam com vozes avinhadas as caçadas ao javali, e as façanhas dos portuguezes contra as tropas do governador de Mequinez.

Lá dentro nas estrebarias relinchavam alegres os cavallos,

que haviam de figurar nos jogos e na lucta, animados pelas palmadas afagadoras dos cavalleriços, e excitados pelos mugidos ferozes dos toiros encurralados. E como o sol ia subindo os olhos procuravam com ancia os tres sobrados dos palanques superiores, destinados á rainha D. Catherina, á infanta D. Maria, filha d'el-rei D. Manoel, á casa da India, tribunaes, e senhores da côrte. Começavam esses palanques a povoar-se. Das innumeras cadeirinhas que havia na cidade forradas de damasco e de brocado, das liteiras luxuosas, e dos raros coches apeava-se, rodeada de escudeiros, criados, escravos mouros e negros, a fina flôr da sociedade portugueza. Lá no alto das tribunas principiavam a assomar as personagens da côrte. E para cada um havia entre o povo commentarios, uns benevolos, cheios de veneno outros. As virtudes dos homens e as reputações femininas eram pasto de conversas, de ditos, por vezes até de imprecações violentas abafadas no alarido geral.

A entrada de D. Juliana, filha do duque d'Aveiro, d'uma belleza melancolica, levantou exclamações de admiração. E a sua paixão infeliz pelo moço rei coroava-a de uma aureola de sympathia a que não eram indifferentes moços nem velhos.

— Por Deus! — dizia a um soldado da guarda real o velho mordomo da casa d'Aveiro, que de Setubal viera assistir ás festas — que se o coração d'el-rei se deixasse captivar das virtudes e belleza da minha senhora D. Juliana, talvez este reino fosse mais feliz, e as emprezas em que elle e os fidalgos se arriscam menos perigosas, estando assegurada a successão por um casamento vantajoso como era este.

— Captivo está el-rei — affirmava o soldado — mas é pela propria filha do Xerife de Tanger, com quem se tomou de amores, quando alli esteve. Bastas vezes vem d'alli a Lisboa um mensageiro ao qual el-rei vai fallar de noite, sómente acompanhado do seu copeiro-mór D. Sancho de Tovar. E dizem que é além, defronte de Belem, no Caes da Pedra que elle recebe noticias da moura.

— Romances! — cortou um alviçareiro, mettendo-se na conversa — Por uma aia da rainha sei eu quem enfeitiçou o cora-

ção de sua alteza. Logo verão entre as damas D. Joanna de Castro, filha do conde da Feira. Pois é essa e não outra a quem el-rei por sua graça folga de fallar mais. Ainda ha tempos, merendando sua alteza com a rainha e as damas, de tal modo olhava para ella com attenção que a D. Joanna lhe deu um vagado de que teve um desmaio.

— Para mal de nós todos — sentenciou o mordomo — nem portuguezas nem mouras, nem fidalgas nem princezas, que se D. Aleixo de Menezes o creou cavalleiro, os dois Camaras malditos o fizeram avesso a mulheres...

Foi interrompida a palestra pelo apparecimento nas tribunas do capellão-mór D. João de Castro e de D. Alvaro da Silva, conde de Portalegre, mordomo-mór.

Logo depois apparecia D. Manoel de Portugal dando o braço a um homem precocemente alquebrado, cujo cabello e barba arruivados começavam a branquear, cego do olho direito, e com um gibão coçado, de côr escura desbotada.

Entre o povo alguns o conheciam. Era um soldado da India, chegára havia cinco annos na nau «Santa Clara», acompanhára, diziam, a ultima expedição a Tanger, e parecia que mezes antes déra á estampa um poema intitulado os *Lusiadas* que já tinha duas edições.

Não raros gabavam-lhe o engenho, e consideravam-no valente. Contavam que estando el-rei em Cintra, alli fôra lêr os seus escriptos, e que era agora muito estimado na côrte. Que lhe davam, porém, apenas quinze mil reis de tença, emquanto o bobo d'el-rei tinha já ao peito a cruz de S. Thiago. Os que o tinham conhecido em moço relembravam os seus amores, as suas aventuras, os degredos...

Calou-se repentinamente o borborinho. Emmudeceram todas as vozes no circo, emquanto os sons das trombetas, anafis e charamelas vibravam, e os tambores annunciavam n'um rufo a chegada da rainha, d'el-rei e da infanta D. Maria.

Acabaram de encher-se de subito todas as tribunas.

Em torno da velha soberana, vestida de velludo negro, com amplo manto, de aspecto severo, e em cujo rosto emmoldurado

na toalha de cambraia fina, os desgostos e as saudades tinham cavado profundas rugas, apinhoavam-se as damas e officiaes da sua casa; D. Philippa de Athaide camareira-mór, D. Francisca de Aragão que os poetas exaltavam pela extraordinaria belleza, e a quem D. Manoel de Portugal cortejava assiduamente desde havia alguns annos, D. Joanna de Lima a irmã da lendaria Nathercia, que avivava no coração do poeta dolorosas lembranças, D. Joanna de Castro, filha do conde da Feira, em cujo olhar enigmatico todos, até a propria rainha, tentavam lêr o segredo do amor d'el-rei, e de quem o embaixador de Castella D. João da Silva não desprendia a vista, ancioso por obter qualquer indicio que transmittisse ao astuto Philippe seu amo. E mais e outras a quem acompanhavam o veador da fazenda D. Nuno Alvares Pereira, o secretario Pedro d'Alcaçova Carneiro, e todos a quem a idade ou os cargos impediam de seguir D. Sebastião na arena.

Mais a um lado fazendo côrte á douta, á erudita, á captivante infanta D. Maria, elegante com um vestido de meias mangas abertas ao meio, com rede d'ouro, installava-se todo o seu esquadrão volante, toda a espirituosa academia dos seus paços de Santa Clara: Angela e Luiza Sigêa a *Toledana*, versada na lingua grega e hebraica, e que havia pouco merecera do Papa Paulo III uma carta em agradecimento do seu poema descrevendo Cintra; a celebre Joanna Vaz alcunhada a *Latina*, mestra das outras damas; D. Leonor de Noronha, filha do marquez de Villa Real, traductora de Marco Sabelico; a *Tangedora* Paula Vicente, filha de Gil Vicente, e todas as *donzellas* discipulas de Antonio do Valle, o famigerado mestre de dança.

E essa côrte requintada e brilhante, esquecida já da severa pragmatica que no principio do reinado tentára reprimir o luxo, ostentava brocados e sêdas, saias ornadas de torçaes custosos e golpeadas de mosqueta, corpetes e gibões que pareciam cossoletes pelo ouro e prata dos recamos, pennas de abestruz e leques da China, arminhos da Suissa e damascos de Genova, fivelas e topes ricos nos chapins, collares, luas, gargantilhas e

afogadores d'ouro, braceletes carissimos nos pulsos, arrecadas, anneis, frascos de cheiro, capotilhos, toucas e volantes.

Alguns cabellos negros das morenas portuguezas tingiam-se de louro, em muitas pelles brancas destacava-se o velludo preto das mascaras, e os signaes á franceza espiritualisavam os sorrisos. Conversavam umas com os noivos, discutiam outras com os sabios e eruditos, riam as mais das figuras dos anões e corcovados que passavam aos pulinhos, e das allusões que os jograes e chocarreiros despediam como lancetas, emquanto os truões e maninellos faziam tinir os cascaveis.

Evacuada a praça entrou magestosa e grave a regia comitiva.

Tinha então o neto de Carlos v vinte e um annos. Era de estatura mediocre, de olhar e sobrecenho algum tanto carregado e altivo, mas de gentil presença, boa côr e muito parecido com D. Joanna sua mãi. Trazia uma capa de panno preto e o capuz com botões de diamantes, rubins e perolas, saio com abotoadura tambem de diamantes, e as faldas até o joelho. Calças vermelhas com poucos rufos, barrete chato de velludo carregado para a testa até o sobr'olho, adornado com um cordão d'ouro. As botas eram largas, de cordovão preto, a espada, cinto, estribos e esporas eram dourados, e a sella do cavallo de velludo preto recamado d'ouro e perolas. Seguiam-no D. Antonio Prior do Crato, já dispensado das ordens sacras e armado cavalleiro de S. João, heroe de mil aventuras amorosas e guerreiras que o tornavam prestigioso entre as mulheres, e o tinham indisposto com o cardeal D. Henrique; o duque d'Aveiro, primo d'el-rei, e que ainda não perdera de todo as esperanças de vir a ser seu sogro; Christovam de Tavora, o novo valído, seu estribeiro-mór e futuro commandante do terço dos aventureiros; D. Alvaro de Castro, o glorioso filho do glorioso D. João de Castro; o cortezão e lisonjeiro Luiz da Silva; o conde da Sortelha; D. Luiz de Menezes; e muitos outros que se dispuzeram em ordem para as cortezias, que haviam de preceder as canas reaes.

Dividiam-se em quatro companhias, tendo cada uma á frente o seu guia. Compunham as quadrilhas sessenta e quatro ca-

valleiros vestidos á mourisca de velludo de varias côres, cobertas as cabeças com turbantes ornados de joias e plumas, embraçando adargas de couro dourado com franjas de prata.

Acompanhava cada cavalleiro uma comitiva de oito pagens e oito lacaios, fazendo ao todo um exercito de mil e vinte e quatro pessoas.

Separaram-se em dois corpos as quatro fileiras, e começaram com disciplinada ordem a sahir de dois em dois os combatentes, logo de quatro em quatro, e de oito em oito, principiando o conflicto com o arremessar agil das canas, promptamente aparadas nas adargas com elegancia e destreza.

Terminada a lucta, e conferidas pelas damas aos vencedores as charpas bordadas pelos seus dedos para premio de victoria, a uma ordem d'el-rei executou a lustrosa companhia complicadas evoluções, evacuando a praça onde só ficaram D. Sebastião, D. Antonio, o duque d'Aveiro e os pagens necessarios para os servir.

Montava o moço rei um cavallo rodado, e cavalgava á gineta, de estribos curtos, esporas compridas sem roseta. Um pagem entregou-lhe um rojão forte e grosso, encimado de aguçada choupa que elle empunhou com denodo, e fazendo galopar o cavallo até á frente do estrado em que sua avó e toda a côrte o seguiam com vista attenta e interessada, descobriu-se n'uma cortezia levando o barrete junto ao peito.

Dado o signal, e rompendo simultaneamente em todos os palanques as musicas de instrumentos varios partiu el-rei á meia redea contra o primeiro toiro que investia valente; e levando o cavallo justo, e acompanhado da perna direita executou entre as armas a ferida em que o ferro se embebeu.

Carregando então o cavallo á parte esquerda o livrou do encontro do boi, que seguiu feroz na carreira. A dôr arrancou ao animal um mugido agudo coberto logo pelos gritos com que o povo applaudia a sorte tão airosamente praticada. Seguiram-se outras dos cavalleiros presentes até que D. Antonio com tanta destreza apontou um garrochão que o toiro cahiu succumbi-

do, emquanto do amphitheatro e das tribunas as ovações acclamavam o cavalleiro.

Agastou-se el-rei com o vêr que alguem o supplantára em pericia, e temendo que o alcunhassem de menos arrojado, lançou-se com impeto ao segundo boi que, por descuido ou por ordem sua appareceu com as pontas agudas, contra a prescripção da bulla de Gregorio XIII, que as ordenava serradas. Exultou o povo por vêr o animal armado segundo os antigos usos, e senhor de todas as suas defezas. Sentiu-se contrariada a rainha D. Catherina com susto do perigo que corria seu neto, pezarosa por vêr assim na sua presença desobedecidas as ordenações do Santo Padre. E sem detença deu ordem a um pagem que em recado seu descesse a dizer a el-rei que mandasse recolher o bicho. Ou ainda se não costumára a rainha a vêr os seus conselhos desattendidos, ou entendia não dever calar-se sempre que o bem do neto o exigisse.

Não soffria porém o animo fogoso de D. Sebastião ser contrariado nos seus intentos, muito mais quando a obediencia podia ser alcunhada de receio, e alguem soltar contra elle a impertinente pergunta que tempos antes dirigira ao duque de Alba: se sabia qual era a côr do medo, ou o degradante epitheto de *cobarde* que atirára ás barbas brancas de D. João de Mascarenhas.

Fazendo ouvidos surdos á voz do pagem, picou de esporas o ginete, correndo em direcção ao toiro que estacára ameaçador; buscou-o com o accrado rojão, e em galopes ao redor d'elle sobre a mão direita, apertando as voltas, excitando-o, expoz a vida cem vezes com a serena audacia dos fortes que tanto seduz as massas, com o sorriso quasi infantil diante do perigo, que era o que na vida mais o attrahia e alegrava. Quando no apertar das voltas já quasi tocava no animal este, batendo as orelhas para diante, signal infallivel de arremetter, arrancou n'um impeto violento que a todos se afigurou trazer a morte do seu inimigo.

Pulsaram então muitos corações portuguezes anciosos diante do perigo que ameaçava roubar-lhes o rei, e mais que todos

os das duas rivaes, uma que julgava perder a mão que havia de eleval-a ao throno, outra que sentia afundarem-se de vez todas as doidas esperanças da sua amorosa phantasia. O rosto triste de D. Catherina, dolorido pelo repetido orphanar de seus nove filhos, turvou-se magoado, e no seu pensar antes desejou o neto trespassado gloriosamente nas areias africanas pelas settas dos infieis, do que colhido na arena pelas curvas hastes de um toiro.

Entretanto com a valentia que n'elle era quasi uma loucura, e a promptidão elegante dos mestres da arte, vibrou certeiro o golpe á cabeça do boi, fazendo-o afocinhar fulminado, no momento em que este ameaçava prostrar cavallo e cavalleiro.

Victorioso, fez então galopar airosamente o ginete em direcção aos palanques, atirando para cima um sorriso intencional, talvez de orgulho satisfeito, talvez de reconhecimento intimo para dois olhos negros que choravam de alegria.

Em toda a multidão que durante alguns segundos emmudecera d'angustia rompeu um grito unanime acclamando o heroe triumphante.

O ultimo triumpho do moço rei D. Sebastião!

As quatro syllabas do seu nome fatidico soavam nas bocas do povo com estranha resonancia, retumbando já como a prophecia do echo que se havia de prolongar por quasi tres seculos na alma da nação portugueza.

(Continúa).

Conde de Sabugosa.

CHRONICA POLITICA

(INTERNACIONAL)

Incontestavelmente, dos dois acontecimentos mais graves do mez um é a exposição e o outro seria o novo tratado italo-germanico — se esse tratado não fosse um *puff* excessivo.

A respeito da primeira, tomo a liberdade de não comparar a torre Eiffel com a torre de Babel — tanto mais que rimam — e de me não embrenhar nas considerações muito graves que poderiam fazer-se a respeito da nova confusão das linguas na Babylonia do nosso tempo, como lhe chamou Pelletan (se me não engano), esse republicano feroz de antes de 1870 e que se vivesse ainda, no meio d'esta republica, mais imperialista, mais *corrupção,* mais *materialismo,* mais tudo quanto lhe accendia o odio, faria como outros: conformar-se-hia!

Mas o bom Pelletan não viu a torre Eiffel, nem a galeria das machinas, nem a rua do Cairo, nem maravilha alguma de todas essas que enchem de um pasmo, em grande parte ignaro, os viajantes da Europa inteira, pois nove decimas partes da gente que vai a Paris n'estes mezes de passeio e patuscada, vai apenas como na velha Antiguidade se ia a Corintho — para se divertir.

Paris é sem duvida alguma a Corintho d'hoje, e quanto mais a força politica da França descer, tanto mais se ha de accentuar para embasbacamento do gentio esse caracter de capital da bambochata, cerebro do mundo que se diverte.

Se porém retirarmos á exposição tudo o que tem de patusco, e é muitissimo, fica ainda muitissimo tambem. Não digo a

torre Eiffel que não passa de um pilar de ponte elevado á decima potencia, e em que o pasmo do vulgar se explica pela confusão commum do grande com o grandioso. Bem pequeno era o Parthenon!... Não digo tambem a rua do Cairo, pastiche feliz, nem o pavilhão portuguez... por pudor.

Mas a galeria das machinas é grande e grandiosa ao mesmo tempo, na invenção da arte do constructor, na sciencia do mathematico, na precisão do architecto. É grande a galeria, estonteador o que contém. Este seculo é a idade da machina. Anda-se, come-se, veste-se a gente e calça-se á machina: mechanicamente se vive. Amassa-se o ferro como se fosse cera, cortam-se os montes como se cortam queijos; lembra o velho côro da *Antigone*, em que Sophocles, prophetisando a exposição de Paris, cantava: «De todas as maravilhas, a maravilha maior é o homem!»

Esse optimismo triumphante deve estar satisfeito. Victorioso, o homem esmaga os elementos e fal-os servir, escravisados, para seu uso e para seu prazer. Mas depois? O triumpho quasi insolente do progresso material, a apotheose quasi cega da vida, o delirio do prazer, n'essa pandega internacional em que do norte e do sul, do nascente e do poente, os povos todos do mundo se associam, atulhando comboios e vapores, precipitando-se por terra e por mar, despejando-se nas ruas, vasando os bolsos, extenuando-se, endividando-se, parece-nos que, sem preoccupações de moral rabujenta, está indicando a quem observa um estado de inconsistencia e desnorteamento n'este fim de seculo.

Talvez o homem tenha vencido em demasia. Talvez comece vagamente a pensar que afinal não vale mais, nem é mais feliz, pelo facto de ir do Havre a Nova-York em sete dias, em vez de trinta, ou de Paris a Lisboa, no *Sud-Express*, em carruagens Pullman, em vez de gastar... Que barbaridade eu ia dizendo, recordando as diligencias dos tempos fosseis! Talvez porém o homem comece a pensar que não ha equação entre o progresso material, e o moral; e que a vida tinha mais encanto quando era mais difficil, e os desejos mais insaciados, e as ambições mais modestas.

Quem sabe? Talvez o homem tenha ainda inconscientemente a vaga intuição de que, victorioso como se acha, não sabe ao certo o que haja de fazer com a conquista! Não era a primeira vez que tal succedia a vencedores, e eu ia apostar, por exemplo, que a gente de juizo na Allemanha preferiria não ter conquistado a Alsacia e a Lorena.

Essa conquista tem sido para a Allemanha o mais cruel despojo da guerra de 1870, e para a França o motivo inevitavel de um sentimento de desforra. A não serem as duas provincias, principalmente a Lorena, póde dizer-se, sem medo de errar, que succederia com a Allemanha agora o que succedeu na primeira metade do seculo com a Inglaterra. Desde 1815 ficou-se julgando inevitavel o choque, e todavia em 1855 a França e a Inglaterra appareceram em campo alliadas na Crimeia contra a Russia.

Nas circumstancias de hoje o caso muda de figura, e quem sabe se o exito incontestavel da exposição não subirá á cabeça dos francezes e os lançará n'uma temeridade? Se fossemos perguntar a opinião voluntaria dos homens que dirigem a França, todos elles terminantemente diriam que não; mas não é menos verdade que as nações todas, e muito mais as democracias, procedem como elementos ou forças physicas, obedecendo a leis que sahem das correntes chamadas de *opinião* e que as mais das vezes são o contrario d'uma opinião, porque são uma vertigem — o que os francezes dizem *emballement*.

É contra um facto d'esses que a Allemanha se previne e cada dia mais se prepara. O ultimo annel da cadeia de ferro que neutralisa politicamente a França, desejaria ella sellal-o com esse tratado que, se eu fosse italiano, teria até vergonha de que pudesse imaginar-se, quanto mais fazer-se. A independencia da Italia deixaria de ser completa, pois lhe faltaria o facto eminente da soberania que é a livre disposição das forças d'um paiz e o seu exclusivo commando pelos nacionaes. O commando mixto pelos generaes allemães, a unificação da tactica e do armamento, tudo isto que faria d'ora ávante do exercito italiano uma divisão do exercito imperial, como a bavara por

exemplo; tudo isto, que a propria Bulgaria repelliu da parte da Russia, provaria incontestavelmente ou que a Italia confiava demasiado pouco nas proprias forças, ou que temia para breve uma collisão com a França.

N'uma hypothese ou n'outra, e ainda n'uma terceira, o facto é que a autonomia da Italia soffreria um golpe cruel. Metternich chamou-lhe uma expressão geographica, ao retalhal-a para a distribuir no regabofe de 1815. Iria Bismarck impôr-lhe um quasi protectorado, pelo menos uma tutela militar? Se a isto succede alguma catastrophe financeira, no estado confuso das coisas actuaes italianas, não se prevê bem o futuro que está para vir.

Uma das idéas falsas que a idolatria do progresso creou, é a de que a historia se não repete. Pois que é senão a repetição do que succedia na Renascença o papel que a Allemanha tem hoje na Italia? Que faz o imperador Guilherme senão seguir as pisadas dos velhos imperadores germanicos? Que fará por seu lado a democracia franceza? Fará como faziam os reis? Teremos n'um futuro breve outra Pavia, ou um segundo Lodi?

As eleições que estão a chegar dirão de vez o que ha a julgar da nova phase do boulangismo. Mas ainda quando o processo que está correndo e as prisões que se teem feito não sejam erros politicos de consequencias graves; ainda quando Boulanger tenha de ir a pique, nem por isso a republica terá achado fundações e bases solidas. As eleições futuras preparam decerto mais de uma desillusão. Conjecturar em taes casos é perigoso.

E por trezentos metros que tenha, como tem, a torre Eiffel, nem lá do alto se póde vêr o futuro: apenas se vê o formigueiro de gente avida de prazer, cega de curiosidade, morta de canceira, revolvendo-se nas ruas, nos passeios e nos kiosques da grande feira do anno de 1889.

P. de Oliveira.

BOLETIM BIBLIOGRAPHICO

Portugal nos mares. Ensaios de critica, historia e geographia, por *J. P. Oliveira Martins.* Lisboa, Livraria Bertrand

Como o auctor diz na primorosa *Introducção* do seu livro, o *Portugal nos mares* vem completar o plano de trabalhos em que entram: a *Historia da Civilisação Iberica,* quadro do desenvolvimento das instituições nacionaes; o *Brazil e as Colonias Portuguezas,* historia dos nossos fastos como povo colonisador; e *Historia de Portugal,* successão e encadeamento dos motivos moraes, politicos e economicos determinantes da nossa vida nacional — estudando o livro, de que agora tratamos: *particular e monographicamente a feição mais original, sympathica e fecunda do povo portuguez, collaborador na obra da civilisação moderna.* O *Portugal nos mares* compõe-se de VIII capitulos que, embora sejam fragmentos, têm entre si unidade intrinseca, se prendem e completam, como as variadas partes d'um edificio obedecendo todas a um plano ou systema de construcção, assentando todas sobre o mesmo alicerce.

O primeiro dos capitulos trata do *Commercio maritimo portuguez* — trabalho já n'outro logar publicado pelo auctor, mas ampliado aqui. E' a historia da marinha nacional desde a sua mais remota origem, e o sabio commentario de todas as medidas a que a nossa marinha mercante — base da de guerra — deveu o seu grande desenvolvimento; assim como é a apreciação dos motivos que depois determinaram a sua decadencia. O estudo da legislação fernandina, da protecção dada á marinha, das garantias aos armadores de navios, da

physionomia commercial-maritima de Lisboa, do decrescimento da grande força da nação; a indicação dos remedios que ainda porventura poderiam reanimar esse elemento definhado, fazem do primeiro capitulo do livro um trabalho de excepcional valor.

Vêm depois os capitulos intitulados: *A liberdade do corso* «sobre o caso de João Ango» onde se estuda a pirataria no Atlantico, e se aponta a imperfeição e lacunas do direito internacional do tempo sobre os territorios ultramarinos; *Os roteiros da India,* onde se commenta, com rara lucidez e criterio, o roteiro de D. João de Castro, na edição do snr. Corvo; *A segunda viagem de Vasco da Gama a Calicut,* interessante pelas notas explicativas á narrativa flamenga, que é curiosa, e *A marinha portugueza na éra das conquistas,* trabalho descriptivo sobre os orçamentos, systemas de construcção, custo e armação, tripolação das naus da India; classificação e descripção dos navios de combate; guarnições; estatisticas; causas da ruina naval; marinha e finanças; origem da divida fundada, etc.

Os tres capitulos restantes são: *Fernão de Magalhães,* noticia bibliographica, caracter do homem, sua vida, procedimento para com Portugal, sua viagem, descoberta do Estreito, e morte do navegador, que é admiravelmente descripta: Godinho de Eredia, cujos tres tratados — o de *Malaca,* que faz a *descripção real* da cidade e habitantes; o da *India meridional,* que compendia as noticias dos naturaes de Java ácerca da Australia, e o de *Cathay,* transumpto das idéas correntes na época sobre o imperio chinez — são eruditamente explicados e criticados pelo auctor; e *Pescarias nacionaes,* onde se traça a historia da industria da pesca em Portugal, dando-se toda a devida importancia a esse *alicerce da navegação,* e apontando-se os motivos da sua triste decadencia, ao mesmo tempo que, com raro tino pratico e lucido ponto de vista economico se indicam de passagem os remedios para o mal.

Tentámos n'estas breves linhas indicar, ainda que muito imperfeitamente, a indole do *Portugal nos mares.*

Revela, como muitos dos outros livros que o auctor escreveu, algumas das suas eminentes qualidades. São estas, como se manifestam em toda a sua grande obra de muitos volumes: a vasta erudição; o poder de integrar n'um pensamento generalisador os dados ou noções dispersas, mas que entre si podem ter relação, e de, através do facto, nos mostrar as causas sociaes e moraes, economicas e politicas que determinam e explicam a successão e variantes dos phenomenos historicos; o largo ponto de vista moral: a faculdade da fecunda comparação das épocas analogas e dos typos ou personagens distantes na historia e de cuja aproximação, eliminadas as differenciaes de tempo e logar, nasce a verdadeira luz para vêr a figura ou quadro que o auctor nos descreve; a intuição psychologica pela qual estuda, através da vida historica, os caracteres e as almas; o segredo de fazer resurgir uma época, uma sociedade, e os vultos que a personalisam, conseguindo pela força artistica do ver-

bo, alliada á visão colorida e poetica, insufflar-lhes de novo a vida, pôl-os em acção, resuscitando-os com as suas paixões e sentimentos proprios no seu meio e no seu tempo.

A estreiteza do nosso quadro não nos permitte exemplificar miudamente através do *Portugal nos mares* essas qualidades do seu auctor.

O Secretario da Redacção

Manoel da Silva Gayo.

Supplemento ao numero do 1.º de Julho de 1889 da REVISTA DE PORTUGAL

ANNUNCIOS

Preço: 200 reis a linha de trinta e quatro letras no typo do corpo da REVISTA

Os annuncios devem ser dirigidos aos administradores Lugan & Genelioux — Porto

NOVAS PUBLICAÇÕES
DA LIVRARIA CHARDRON
LUGAN & GENELIOUX, Successores

Camillo Castello Branco

Amor de salvação. Terceira edição. 1 vol..... 500
Tiragem especial em papel de linho. 1 vol..... 2$500
Cancioneiro alegre de poetas portuguezes e brazileiros. Segunda edição, seguida dos *Criticos do Cancioneiro.* 2 vol..... 1$000
Tiragem especial em papel de linho. 2 vol..... 5$000
D. Antonio Alves Martins, bispo de Vizeu, esboço biographico. Segunda edição. 1 vol..... 200
Vaidades irritadas e irritantes. Segunda edição. 1 vol..... 200
Voltareis, ó Christo? Segunda edição. 1 vol..... 200
A Sereia. Segunda edição. 1 vol. 500

David de Castro

A Carteira de Satan, novo manual de theurgia e prestidigitação, illustrado com 65 estampas explicativas e uma colorida. 1 vol..... 800

Eça de Queiroz

O Crime do Padre Amaro. Terceira edição inteiramente refundida, recomposta e differente na fórma e na acção da edição primitiva. 1 vol..... 1$200
O Primo Bazilio. Terceira edição. 1 volume..... 1$000
O Mandarim. Terceira ed. 1 vol. 500
Os Maias. 2 vol..... 2$000
A Reliquia. 1 vol..... 1$000
No prélo: **Correspondencia de Fradique Mendes.**

João Diniz

Aquarellas, prefaciadas por Eça de Queiroz. 1 vol., edição de luxo..... 600

Joaquim de Araujo

Occidentaes. 1 vol..... 500

L. A. Rebello da Silva

A Mocidade de D. João V. Terceira edição. 3 vol..... 1$500

Luiz de Magalhães

O Brazileiro Soares, romance original, com uma carta-prefacio de Eça de Queiroz. 1 vol..... 700

Monteiro Ramalho

Historias da Montanha, scenas naturalistas da provincia. 1 vol..... 500

Ramalho Ortigão

John Bull, depoimento de uma testemunha ácerca de alguns aspectos da vida e da civilisação ingleza. Segunda edição. 1 vol..... 600

Senna Freitas

Autopsia da «Velhice do Padre Eterno». Segunda edição. 1 vol.... 300
Perfil de Camillo Castello Branco. Segunda edição. 1 vol..... 400

Thomaz Ribeiro

A Delfina do Mal. Segunda edição. 1 vol..... 800
D. Jayme, com uma conversação preambular pelo fallecido Visconde de Castilho. Oitava edição. 1 vol..... 800
Sons que passam. Quarta edição. 1 volume..... 600

LIVRARIA CHARDRON

LIVROS UTEIS E INSTRUCTIVOS

Anselmo Povoas

Guia do arbitrador judicial, contendo toda a legislação vigente relativa aos louvados, noções de agricultura e chimica agricola indispensaveis nas avaliações e regras para dividir e medir predios, seguida da tabella dos emolumentos e salarios judiciaes. 1 vol..... 120

Novo codigo commercial, approvado por decreto de 23 de agosto de 1888, conforme a edição official. 1 vol..... 200

Novo codigo penal, approvado por decreto de 16 de setembro de 1886. Edição completa conforme o texto official. 1 vol..... 200

Visconde de Villarinho de S. Romão

Videiras americanas. 1 folheto com 2 phototypias..... 200

Visconde de Figanière

Estudos esotericos: **Submundo, mundo, supramundo.** *Primeira parte:* Evolução em geral: Metaphysica, Ontologia, Cosmogonia. *Segunda parte:* Evolução humana: Fragmentos prehistoricos, Ethica, Psychomachia. *Appendice:* Notas, Extractos, Elucidações. *Capitulo supplementar:* Novissima Luz. 1 vol. de 800 pag. com gravuras e mappas demonstrativos..... 1$500

Jacob Bensabat

Curso graduado de themas inglezes sobre a morphologia e syntaxe d'essa lingua, coordenados sob um plano inteiramente novo para servirem de applicação a qualquer boa grammatica ingleza. Obra enriquecida com muitas notas e observações grammaticaes elucidando o texto. 1 vol..... 300

Ahn

Curso da lingua hespanhola para uso dos portuguezes, pelo professor H. Brunswick. 1 vol..... 500

Adolpho Coelho

Questões da lingua portugueza. *Segunda parte:* Documentos em latim barbaro dos seculos VIII a XII; textos portuguezes (1185 a 1211): foros de Castello Rodrigo; prologo da traducção anonyma da Regra de S. Bento (sem data); Cancioneiro de D. Affonso, o sabio; Cancioneiro de D. Diniz; poetas da época de D. Affonso III, D. Diniz e D. Affonso IV; Livros de Linhagens; Historia do Testamento. 1 vol..... 600

NO PRÉLO:

Eça de Queiroz

Correspondencia de Fradique Mendes. 1 volume.

A. X. Pereira Coutinho

Guia do vinicultor, com gravuras. 1 volume.

Visconde de Villarinho de S. Romão

Portugal agricola, com gravuras. 1 volume.

Importante catalogo de livros antigos, raros e curiosos.

FR. DOMINGOS VIEIRA

GRANDE DICCIONARIO PORTUGUEZ

OU

THESOURO DA LINGUA PORTUGUEZA

Com uma introducção sobre a lingua portugueza por **Adolpho Coelho** e sobre litteratura portugueza pelo **Dr. Theophilo Braga**

Contendo:

I — **Quanto á nomenclatura:** Todas as palavras já collecionadas nos principaes diccionarios da lingua, rectificada a significação de cada uma, e além d'isso a phraseologia do direito, philosophia, sciencias naturaes, archaismos e idiotismos.

II — **Na parte grammatical:** Designação da natureza de cada palavra, sua pronuncia, auctorisada pela accentuação poetica; decomposição das locuções adverbiaes; cacographia segundo os monumentos das primeiras idades da lingua; as fórmas irregulares dos verbos.

III — **Sobre a significação da palavra:** Uma definição breve e clara, por meio d'uma descripção ou aproximação dos termos equivalentes; sentidos diversos que exprime nas locuções, na linguagem popular ou giria, ou em a nomenclatura scientifica, tudo auctorisado com exemplos recolhidos dos principaes classicos de todas as épocas.

IV — **Sobre o ponto de vista historico:** Os archaismos e termos obsoletos tanto da lingua galleziana dos Cancioneiros provençaes portuguezes, como dos principaes documentos juridicos em prosa, anteriores ás Ordenações Affonsinas, caracterisando a época a que pertence cada palavra.

V — **Quanto á etymologia:** A investigação das radicaes d'onde se formaram as palavras portuguezas, aproveitando os trabalhos realisados no campo das linguas romanicas, dando sempre a explicação da origem e descrevendo as transformações que soffreram até se fixarem na fórma actual.

Cinco grossos volumes in-folio com 5:430 pag. a 3 columnas

Brochados..... 25$000 reis
Com segura encadernação de couro. 30$000 »

CAMILLO CASTELLO BRANCO

DICCIONARIO UNIVERSAL DE EDUCAÇÃO E ENSINO

Util á mocidade de ambos os sexos, ás mães de familia, aos professores, aos directores e directoras de collegios e aos alumnos que se preparam para exame

REDIGIDO COM A COLLABORAÇÃO DE ESCRIPTORES PECULIARES

POR E. M. CAMPAGNE

TRASLADADO A PORTUGUEZ E AMPLIADO NOS ASSUMPTOS RELATIVOS A PORTUGAL

Por CAMILLO CASTELLO BRANCO

NOVA EDIÇÃO PORTUGUEZA ILLUSTRADA

consideravelmente augmentada com um crescido numero de artigos coordenados dos principaes escriptores de pedagogia

POR **José Nicolau Raposo Botelho**

3 grossos volumes com perto de 3:000 paginas, 9$000 reis
Encadernados, 10$800

Publications nouvelles de la librairie HACHETTE ET Cie

Boulevard Saint-Germain, 79, à Paris

LA FONTAINE (J. de): **Œuvres.** Nouvelle édition, revue sur les autographes et sur les plus anciennes impressions, augmentée de variantes, de notices, de notes, d'un lexique des mots et locutions remarquables, d'un portrait, de fac-similes, par M. Henri Régnier.

Mise en vente du Tome V. Ce volume comprend : *Contes et nouvelles* (suite). 1 vol. in-8°, broché, 7 fr. 50.

En vente les tomes I à IV. Chaque vol., broché, 7 fr. 50.

Collection des Grands Écrivains de la France.

BOUILLIER (Francisque), membre de l'Institut: **Questions de morale pratique.** *Des altérations du sens moral ou de la fausse conscience; petits plaisirs et petits déplaisirs; de la civilisation sans la morale et de la morale sans la religion; de l'encouragement au bien et des prix de vertu; du mensonge; de l'hypocrisie.* 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

DU CAMP (Maxime), de l'Académie française: **La Croix Rouge de France,** société de secours aux blessés militaires de terre et de mer. 1 vol. in-16, br., 3 fr. 50

MONTÉGUT (Émile): **Écrivains modernes de l'Angleterre.** Deuxième série: *Mistress Gaskell; Mistress Browning; George Borrow; Alfred Tennysson.* 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50.

REINACH (Joseph): **Études de littérature et d'histoire.** *France et Allemagne. Marivaux. Historiens français contemporains. William Hamilton et la logique parlementaire. Gambetta orateur. Notes et souvenirs.* 1 vol. in-16, broché, 3 fr. 50

Bibliothèque variée, 1re série.

VERNIER, ancien élève de l'École normale supérieure, maître de conférences à la Faculté des lettres de Besançon: **Étude sur Voltaire grammairien et la grammaire au XVIIIe siècle.** Thèse présentée à la Faculté des lettres de Paris. 1 vol. in-8°, broché, 3 fr.

ALARCON (D. Pedro A. de), de l'Académie espagnole: **L'enfant à la boule** *(El niño de la bola).* Roman traduit de l'espagnol avec l'autorisation de l'auteur par Max Deleyne. 1 vol. in-16, broché, 1 fr. 25.

CARMEN SYLVA: Nouvelles traduites de l'allemand, avec l'autorisation de l'auteur, et précédées d'une étude biographique d'après les documents originaux, par Félix Salles. 1 vol. in-16, broché, 1 fr. 25

SACHER-MASOCH: Sascha et Saschka, la mère de Dieu. Nouvelle traduite de l'allemand avec l'autorisation de l'auteur, par mademoiselle Strebinger. 1 vol. in-16, broché, 1 fr. 25.

Bibliothèque des meilleurs romans étrangers.

WITT (Mme de), née Guizot: **A travers pays,** esquisses de province. 1 vol. in-16, broché, 2 fr.

Petite bibliothèque de la famille.

GUIDES-JOANNE: France. *Réseau de l'Est.* 1 vol. in-16, avec 2 cartes et 15 plans, broché, 2 fr. 50.

— **France.** *Réseau du Nord.* 1 vol. in-16, avec 1 carte et 13 plans, br., 2 fr. 50.

Nouvelle carte de France au 1/100000, dressée par le *Service vicinal* par ordre du *Ministre de l'intérieur.*

Mise en vente des feuilles suivantes:

Feuilles nouvelles

Gourin. — Quintin. — Saint-Méen. — Saint-Malo. — Fougères. — Vitré. — Geugnon. — Saint-Gengoux. — Lyon (Sud-Est). — *La côte Saint-André. — Sault. — Apt.*

357 feuilles sont en vente.

Cette carte formera environ 600 feuilles.

Chaque feuille se vend isolément 75 centimes.

On peut se procurer, au prix de cinq francs, un carton spécialement établi pour enfermer les feuilles de la carte.

Un tableau d'assemblage, tenu à la disposition de ceux qui en feront la demande, indique l'état actuel d'avancement de la carte.

COLLECTION DES GUIDES-JOANNE

Vient de paraître:

Paris, par Paul Joanne.

Nouvelle édition entièrement remaniée et comprenant 34 plans, notamment celui des principales curiosités à visiter dans Paris; un grand plan de Paris divisé en 31 coupures adressé à l'échelle du 1/16000. Enfin une liste alphabétique des rues. 1 vol. in-16, relié en toile (Paris, 1889). Prix 7 fr. 50.

Environs de Paris, par Paul Joanne.

1 vol. in-16, comprenant 8 cartes, 20 plans, relié en toile. Prix 7 fr. 50.

Guide du voyageur en France, par Richard.

Nouvelle édition entièrement revue. Comprenant la description complète de la France (sauf Paris). 1 vol. in-16, relié en toile et comprenant 15 cartes et 80 plans (Paris, 1889). Prix 15 fr.

Alberto Pimentel

O Capote do snr. Braz. 500
Christo não volta..... 200
Guia do viajante..... 700
Homens e datas..... 500
O Porto por fóra e por dentro..... 500

Almeida Eça

Contos sem côr..... 600

Almeida Garrett

Da educação..... 600
Portugal na balança da Europa..... 600
Retrato de Venus.... 600
Lyrica de João Minimo 600

Alves Mendes

Italia..... 1$500

Anthero de Quental

Considerações sobre a philosophia da historia litteraria portugueza..... 200
Odes modernas..... 400
Thesouro poetico da infancia 400
Em papel superior 500

Antonio A. Castello Branco

Lyra meridional..... 1$000

Arnaldo Gama

O Filho do Baldaia... 600

Augusto Luso da Silva

Impressões da natureza. 500

Ayres de Carvalho Soveral

Breve estudo
[illegible]
Flôres agrestes..... 500

Camillo Castello Branco

(Visconde de Correia Botelho)

Amor de salvação..... 500
Edição especial em papel de linho.... 2$500
Os amores do Diabo... 500
Bibliographia portugueza. 4 vol..... 4$000
Biographia de D. Pedro II..... 400
Bispo de Vizeu, esboço biographico..... 200
A Brazileira de Prazins 800
Cancioneiro alegre. 2 vol ..... 1$000
Edição especial em papel de linho. 2 vol. ..... 5$000
Carrasco de Victor Hugo José Alves..... 500
Carta de guia de casados..... 180
O Condemnado..... 500
A Corja..... 800
Correspondencia epistolar. 2 vol..... 1$200
Criticos do Cancioneiro alegre..... 200
Diccionario de educação. 3 vol..... 9$000
Divindade de Jesus... 500
Echos humoristicos.... 400
A Espada de Alexandre..... 120
Eusebio Macario 800
A Freira no subterraneo 500
José Balsamo..... 400
Livro de consolação... 500
Luiz de Camões..... 200
Mata-a ou ella te matará 200
Memorias do carcere. 2 vol..... 1$000
Mosaico 500
No Bom Jesus do Monte..... 500
Noites de insomnia 12 vol..... 2$400
Poesias e prosas ineditas..... 500
Questão da Sebenta. 5 folhetos..... 260
Os ratos da Inquisição. 600
Senhora Rattazzi..... 100
A Sereia..... 500
Theatro comico..... 400
As tres irmãs..... 500
Vida de D. Affonso VI 400
Vaidades irritadas.... 200
Voltareis, ó Christo?.. 200

Contos Arabes

As mil e uma noites. 4 vol. illustrados... 2$400

Cunha Vianna

Relampagos..... 400

David de Castro

A Carteira de Satan.. 800
O prodigio nas salas. 600
Vislumbres..... 500

Eça de Queiroz

[illegible]

Emilio Zola

Nanà..... 500

Fagundes Varella

Vozes da America ... 600

Fialho d'Almeida

Contos..... 600
Cidade do Vicio..... 600

Francisco Maria Bordallo

Romances maritimos 3 vol..... 1$500

Francisco Palha

Musa velha..... 600

Gervasio Lobato

Comedia de Lisboa... 600

Gomes d'Amorim

Cantos matutinos..... 800

Guerra Junqueiro

O Crime..... 200
Victoria da França... 100

João Diniz

Aquarellas..... 600
Thesouro do trovador. 600

João de Lemos

Impressões e recordações..... 600
Serões d'aldeia..... 600

Joaquim de Araujo

Occidentaes..... 500

Julio Lourenço Pinto

Esboços do natural... 500
O Homem indispensavel. 500
O snr. Deputado..... 500

Luiz de Magalhães

O Brazileiro Soares, com um prefacio de Eça de Queiroz.... 700

Mendes Leal

Canticos..... 720
Poesias..... 500

Monteiro Ramalho

Historias da montanha. 500

Narciso de Lacerda

Canticos da Aurora... 600

Pinheiro Chagas

O Abbade Constantino 700
Brazileiros illustres... 300
Fóra da terra..... 500
Novellas historicas.... 500
A propriedade litteraria..... 200
Magdalena e Helena... 600
Judia..... 400

Ramalho Ortigão

John Bull 600

Rebello da Silva

Mocidade de D. João 3 vol... 3$500
[illegible] 300
[illegible] C. [illegible] 400

Theophilo Braga

Estudos da Idade-média..... 500
Floresta de varios romances..... 500
Folhas verdes..... 500
Tempestades sonoras... 500
Torrentes..... 600
Visão dos tempos..... 500

Thomaz Ribeiro

A Delfina do mal..... 800
A Indiana..... 300
D. Jayme 800
A mesma obra, edição popular..... 400
Sons que passam..... 600
Vésperas..... 1$000

Visconde de Benalcanfôr

De Lisboa ao Cairo... 600
Na Italia 500
Phantasias e escriptores contemporaneos.. 500

Visconde de Castilho

Amor e melancolia... 800
Camões. 3 vol..... 1$500
Fausto, poema dramatico ..... 1$200
Sonho d'uma noite de S. João..... 600

A REVISTA DE PORTUGAL é publicada no 1.º de cada mez, n'um volume de 130 a 150 paginas.

Um *BOLETIM BIBLIOGRAPHICO* acompanha cada numero da Revista, dando noticia e descripção de todas as obras, nacionaes ou estrangeiras, que forem enviadas á Redacção.

Os *ANNUNCIOS* são inseridos n'um supplemento especial collocado no fim do numero.

ASSIGNATURA

Portugal e ilhas adjacentes

Um anno	Seis mezes	Tres mezes
6$000 reis	**3$200 reis**	**1$700 reis**

Numero avulso. . . . . **500** reis
Pelo correio. . . . . **540** »

Colonias, Hespanha, Brazil e outros paizes da União Postal

Um anno	Seis mezes
7$200 reis fortes	**3$800 reis fortes**

A REVISTA DE PORTUGAL assigna-se no Porto na livraria dos editores e administradores LUGAN & GENELIOUX, *em todas as livrarias de Portugal, e nas principaes livrarias do estrangeiro.*

Porto — Typ. de A. J. da Silva Teixeira — Cancella Velha, 70